

ELIZÂNGELA INOCÊNCIO MATTOS

IMAGINAÇÃO E INTERDITO NA OBRA DO MARQUÊS DE SADE

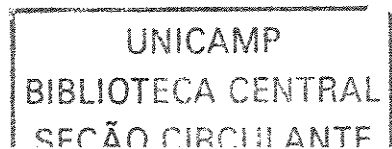
Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto
De Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade estadual de Campinas, sob
orientação do professor
Dr. Luiz Roberto Monzani.

Este exemplar corresponde
À redação final da Dissertação
Defendida e aprovada pela comissão
Julgadora em 21/11/2003.

Banca:

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (orientador)
Prof. Dr. Rita Paiva
Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior

NOVEMBRO/2003.



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Mattos, Elizângela Inocência

M 436 i

Imaginação e interdito na obra de Marquês de Sade / Elizângela Inocência
Mattos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. **S**ade, Marquês, 1740-1814. 2. Imaginação (Filosofia).
3. **A**teísmo - Sec. I. Monzani, Luiz Roberto. II. Universidade
Estadua I de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
II **I**.Título.

ELIZÂNGELA INOCÊNCIO MATTOS

IMAGINAÇÃO E INTERDITO NA OBRA DO MARQUÊS DE SADE

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto
De Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade estadual de Campinas, sob
orientação do professor
Dr. Luiz Roberto Monzani.

Este exemplar corresponde
À redação final da Dissertação
Defendida e aprovada pela comissão
Julgadora em 21/11/2003.

Banca:

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani (orientador)
Prof. Dr. Rita Paiva
Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Júnior

NOVEMBRO/ 2003.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	M436i
V	EX
TOMBO BC	63050
PROC.	16 P.00086.05
C	☐
D	☒
PREÇO	11.00
DATA	19/04/05
Nº CPD	

Rib. id 349740

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Mattos, Elizângela Inocência

**M 436 i Imaginação e interdito na obra de Marquês de Sade / Elizângela Inocência
Mattos. - - Campinas, SP : [s.n.], 2003.**

**Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Sade, Marquês, 1740-1814. 2. Imaginação (Filosofia).
3. Ateísmo - Séc. I. Monzani, Luiz Roberto. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.**

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo, situar a obra de Sade na história das idéias, explorando as aproximações de seu pensamento com os principais filósofos do iluminismo. Em seguida, propõe uma análise do caráter emancipador do ateísmo na obra. Para depois, analisar a imaginação em seu contexto, como principal instrumento para a verdadeira liberdade do homem. De posse destes elementos, propomos uma análise da crítica de Sade à idéia de pacto social, tomando como exemplo, a idéia de pacto descrita por Rousseau em seu Contrato Social.

PALAVRAS-CHAVE: sadiano - imaginação - ateísmo

ABSTRACT:

The present work has for objective to point out the workmanship of the Marquis of Sade in the history of the ideas, being explored the approaches of its workmanship with the main philosophers of the Iluminism. After that, it considers an analysis of emancipador carater of the ateísm in the workmanship. It stops later, to analyze the imagination in its context, as main instrument for the true freedom of the man. Of ownership of these elements, we consider an analysis of criticizes of Sade the idea of social pact, taking as example, the described idea of pact for Rousseau in its Social Contract.

KEYWORDS: sadian - imagination - ateism.

AGRADECIMENTOS.

Sou profundamente grata aos amigos e professores que me acompanharam em meus primeiros passos e que com suas leituras, me ajudaram dar corpo ao projeto desenvolvido aqui: professora Carmem Beatriz Milidoni, pelas primeiras orientações, professora Maria Lúcia, professora Maria Elisa de Oliveira e ao Rodrigo, pelas primeiras leituras, Fabiana pela desmedida força e apoio no levantamento bibliográfico.

Dívidas pessoais certamente não são possíveis agradecer da melhor maneira: Francisco pelo apoio, quando tudo parecia perdido, ao amigo Martinho Castro pela leitura minuciosa. Ao apoio incondicional do professor Paulo Guiraldelli Júnior, que me acompanhou em todas as dificuldades e pela força em seguir adiante, desenvolvendo da melhor maneira esse projeto.

Ao professor Marcos Severino Nobre, pela atenção e apoio; e ao Rogério José.

Sou eternamente grata ao professor Luiz Roberto Monzani, pela orientação, compreensão e paciência.

À professora Josette Monzani pela incansável atenção.

Aos membros da banca, professor Oswaldo Giacóia júnior e professora Rita Paiva, pelas correções e preciosas sugestões discutidas no exame de qualificação.

Às pessoas que, mesmo indiretamente, estiveram comigo nos últimos momentos dessa jornada: ao amigo de todas as horas Marcos Tavares da Silva e para minha mãe, minha maior inspiração.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro, sem o qual o desenvolvimento desse projeto não teria sido possível.

INDICE:

Introdução.....	06.
Sade e os filósofos do Iluminismo.....	18.
Ateísmo como saída possível.....	56.
Imaginação como poder de transgressão.....	100.
Da crítica de Sade a idéia de pacto social.....	129.
Referências bibliográficas.....	180.

Introdução

Na história idéias, muito pouco temos no que se refere à obra do Marquês de Sade, tendo muitas vezes de recorrer a escritos específicos acerca de sua obra, ou meramente uma cronologia aproximada desta com as demais de seu tempo. Isso certamente nos levou a uma certa inquietação acerca de seus escritos: de como poderia não haver estudos sobre este autor, e depois de uma primeira leitura de *A Filosofia na Alcova*¹, em uma tradução que clandestinamente chegou até nós; de como um pensamento muitas vezes, é certo, polêmico, mas que oferece elementos para um debate na história das idéias estaria tão distante da cronologia de seu tempo.

Porém, o que encontramos diante desta lacuna de sua obra, por parte daqueles que discutiram o século no qual Sade fez parte foi um equívoco, diante da obra muitas vezes classificada como pornográfica, tendo nas incansáveis cenas de licenciosidade, o ponto único de todo pensamento e parâmetro para uma classificação deste autor. Deste ponto de vista, salvo o caráter psicopatológico das cenas, certamente não haveria elementos que

¹ Trata-se aqui da edição de *A Filosofia na Alcova ou escola de libertinagem*, publicada pela Coordenada, editora de Brasília, 2ª edição, com introdução de Aguinaldo Silva. s.d.

pudessem inserir a obra em um debate filosófico, que conseguisse definitivamente comportar esse autor na história das idéias.

Da inquietação que nos levou a essa primeira constatação, surgiu a vontade de levar adiante um projeto que, para além das cenas pornográficas descritas pelo autor, enfatizasse a obra em seu contexto próprio. Um projeto que conseguisse captar a verdadeira essência de seu pensamento, caracterizando alguns de seus elementos mais importantes.

Daí partiu a necessidade de situar a obra de Sade no contexto pelo qual fez parte. Filho do século XVIII, a obra do Marquês de Sade, nos oferece, elementos que indubitavelmente, inserem seu pensamento no século das luzes.

A análise proposta, certamente deixou de lado as incansáveis cenas de licenciosidade, considerando por ora, aspectos que permitem situar sua obra e, a partir disso, caracterizar elementos que confirmem um autor, que vai sempre além das atrocidades que consegue descrever.

Assim, o autor de *Français, encore un effort....*, panfleto revolucionário onde evoca um esforço do povo francês rumo ao verdadeiro esclarecimento, nos remete em sua obra, sempre ter um esforço a mais; seja para avançar página a página, passando pelo *mal estar* que sua obra, em uma primeira impressão qualifica, seja para captar nela um pensador moral, político, ético e histórico.

Esse mal estar a que nos referimos acerca de sua obra, deve-se primeiramente às cenas de licenciosidade descritas pelo Marquês, e mais

ainda, pelas atrocidades denunciadas por ele, cometidas por um Estado déspota e uma Igreja corrompida. Mal estar de demonstrar a superação do indivíduo acerca da insustentabilidade dessas instituições. E aqui, talvez Sade se aproxime do que Freud escreveu em *O Mal Estar na Civilização*, de que para certas pessoas, a realidade é considerada uma inimiga, e a única possibilidade de satisfação, que Freud chama felicidade, seria romper com ela, assim:

“Pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco; alguém que, a maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio”.(Freud, 1989:144-5).

Histórico, quando de suas derradeiras obras, nomeadas como romances históricos: *Isabelle de Bavière reine de France*, e *Adelaide de Brunswick, princesse de Saxe*; textos que antecederam a morte do Marquês. As demais predicções propostas poderão comprovar mais adiante, e esse é certamente o objetivo deste trabalho.

O que verdadeiramente aconteceu, e podemos já antecipar, foi um certo mal estar de alguns pensadores, que acabaram por omitir o pensamento

de Sade dos vínculos históricos que fez parte. O que de certa forma, acarretou no esquecimento de sua obra, fosse pelo caráter licencioso de suas linhas, fosse pelo estatus de louco referido ao autor de *Justine e Juliette*.

Já em nosso tempo, o pensamento de Sade teve por parte dos surrealistas, um ressurgimento considerável: no que se refere as idéias do Marquês que se assemelham a este movimento de idéias. Principalmente em seu caráter de revolta, caráter de não aceitar prontamente as imposições sociais e morais de uma sociedade. Ademais, a admiração dos surrealistas por sua constante luta contra a submissão evocada pelo despotismo da época. E também quando Sade evoca as liberações desmedidas da razão, ultrapassando qualquer condicionamento. Eis alguns dos aspectos que de certa forma, ligaram seu pensamento ao movimento surrealista, quando se compromete a demonstrar faces escondidas da realidade humana, que nada mais seriam que parte do homem.

Nesse ponto Sade foi evocado pelos surrealistas, por comportar em sua obra elementos que se assemelham a esse movimento, que se trata de:

“Um estado de insubmissão, de negatividade, de revolta, que retira sua força positiva erótica e poética das profundezas cristalinas do inconsciente, dos abismos insones do desejo, dos poços mágicos

do princípio do prazer, das músicas incandescentes da imaginação”.(Löwy, 2002:10).

A revolução compartilhada pelos surrealistas, da qual certamente temos a figura do Marquês de Sade inserida, foi a revolta que pudesse criar um movimento livre e de harmonia. Interrompendo assim o movimento da civilização, propondo uma outra alternativa. Um movimento de liberdade, que conseguisse revitalizar elementos que, com a civilização burguesa, passaram a ser ofuscados por seu sistema².

O fascínio que Sade exerceu sob esse movimento, em suma, justifica-se por dois³ aspectos: a relação entre sua obra e a Revolução Francesa, quando marca uma antecipação, da reivindicação de associar a literatura à Revolução; e as obscenidades excessivas, que se apresentam como expressão de uma liberdade absoluta, parte integrante da concepção literária do surrealismo.

Nesse movimento constante, de caminhar contra a corrente, o pensamento de Sade encontrou no movimento surrealista, a força que traria para a modernidade toda sua obra, até então deixada de lado na história das idéias.

Em uma palavra, a revolta sadiana, o caráter utópico de sua descrição, no sentido de não realizável, que acaba por levar o homem não em aceitar

² C.f. Löwi, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

³ C.f. Lange, Elizabeth. *Georges Bataille, interprète de Sade*. In: *Du Surréalisme et du Plaisir*, texts réunis par Jazqueline Chénieux-Gendron. Paris: librairie José Corti, 1987.

prontamente a ordem estabelecida, mas em uma constante revolução, evocando a força contra essa ordem, num desejo constante de fazer dessa revolta, o moto para revitalizar, o que a civilização burguesa havia tirado do homem. Mas esse retirar do homem pela civilização, vale lembrar, foi de acordo com seu consentimento, de seu desejo de segurança e liberdade diante do outro. A revolução que Sade evoca, neste sentido, é a de tirar do homem todo o véu da moralidade imposta, para então, compreender que muitas imposições de uma vida civilizada, não encontram fundamentações verdadeiras em sua natureza.

Sade, em toda sua obra, defende a desigualdade permanente entre os homens, seja de ordem natural ou física, seja moral e política; tal como Rousseau escreveu no início de seu *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Essa desigualdade, a que Sade se refere, está na própria natureza do homem, e nesse ponto, como veremos mais adiante, o Marquês se opõe ao pilar do século das luzes: a Declaração dos Direitos Humanos, que diz exatamente, que todos os homens são iguais.

No entanto, se propomos um estudo da obra de Sade, torna-se inevitável situar seu pensamento na história das idéias, dada a importância e todo conteúdo da obra. Para que possamos, num primeiro momento, ter suas bases, analogias e convergências, partindo da tradição antiga presente em suas linhas, tanto nas narrativas como também em

seus ensaios, para em seguida caracterizar toda a influência, todo o discorrer daquilo que caracterizou o século XVIII em sua obra.

O presente trabalho se propõe demonstrar primeiramente, como se deu a aproximação do pensamento de Sade com o movimento iluminista. Não se trata em momento algum supor Sade um representante das luzes, embora sua obra, evoque sempre um esclarecimento do homem que resulte na emancipação da razão diante dos meandros sociais e morais.

Requer um esforço do homem para *suportar* essa liberdade da razão, diante de toda moralidade; de *ousar saber* além do que lhe fora dado, *ousar* e agir de acordo com a própria vontade. Da primazia do prazer, Sade defende a individualidade do homem livre de toda normatividade. Seu plano certamente vai de demolir um por um, os pilares que edificam a civilização e deixam o homem aprisionado.

Assim, vai criticar, objetivando sempre destruir os absurdos do mundo civilizado, tais como a idéia de um ser supremo, o livre arbítrio, a noção de imortalidade da alma, o pecado e a culpa. O ponto central é a crítica ao Cristianismo e suas imposições, as noções de pecado e culpa, da necessidade de sempre fazer o bem, da crença em Deus, e de um caminho virtuoso para se conseguir a salvação prometida.

Em seguida, vai criticar o casamento, aliás, aqui um ponto peculiar de sua crítica, pois ao mesmo tempo em que critica esta instituição por seu caráter de condicionadora, pode em conjunto, explicar a infeliz situação de

Sade, que teve que se casar com alguém que na verdade não queria, para salvar sua família da verdadeira falência.

A questão do parentesco em Sade é vista também como uma imposição social, pois a natureza não conhece a distinção entre as pessoas pela proximidade delas; do mesmo modo sua visão dos costumes e valores inculcados pela sociedade.

Somente a natureza poderia impor ao homem, leis e limites para suas ações, e não o próprio homem. Daí o caráter utópico de sua obra, pois se adentrarmos adiante na formação das sociedades, comprovaremos que essas imposições sociais e morais existem para a manutenção da vida civilizada. Mas esse certamente não é o objetivo deste trabalho, que se propõe analisar alguns dos principais elementos da obra do Marquês de Sade.

No primeiro capítulo propomos situar sua obra historicamente, dado a ausência de seu pensamento em vários escritos especializados no século ao qual fez parte.

Diante disso, propomos em seguida, tratar o ateísmo sadiano, presente em toda obra como elemento de emancipação, como procuraremos explicitar. Ou seja: para o homem de esclarecimento, a idéia de Deus era uma quimera a ser eliminada de seu contexto. A crença em um ser supremo, para justificar todas as coisas, seria um empecilho para o homem de esclarecimento, para o homem de razão livre; e por isso deveria ser abolida, aniquilada.

No capítulo seguinte, propomos uma análise da imaginação em seu contexto, discutindo o papel de liberdade desenvolvido por essa faculdade, num pensamento bastante controverso como o de Sade. Vale enfatizar que, o papel desenvolvido pela imaginação na obra, tem fundamental importância quando discutida em conjunto com sua concepção de liberdade. No estado em que Sade se encontrava, preso, encarcerado, somente através da imaginação, como poderemos apreender, pôde dar vida a toda a sua criação. O imaginário em Sade é certamente a chave para a compreensão da obra, mais ainda, para reafirmar o lugar dela na história das idéias, quando de sua aproximação com todas as correntes de pensamento professadas em seu século.

Por último, de posse a todos esses elementos, trataremos da crítica de Sade a idéia de pacto social, enfatizando o papel político do Marquês em uma República, tida por ele como déspota e sempre desconsiderando o indivíduo. Para essa crítica de Sade, tomaremos como exemplo a idéia de pacto social descrita por Rousseau em seu *Contrato Social*.

Sade, como poderemos apreender, não pensa o homem isolado, mas antes, defende que as leis deveriam ser mais brandas e que considerassem o indivíduo. A República criticada por Sade, a República francesa de seu tempo, não tinha, como veremos, leis que considerassem o indivíduo; mas antes, leis que convergiam para o interesse geral, e não para o interesse particular.

Sade tende a pensar sob esse aspecto: as leis deveriam considerar o indivíduo, as leis não poderiam beneficiar apenas o interesse daqueles que as fizeram, por que as leis são feitas para todos e não somente para eles. O pacto, em um primeiro momento, teria essa deficiência: desconsiderar o indivíduo, para o qual ele seria proposto; ainda que defendesse a liberdade de cada um em todo seu contexto.

Em uma palavra, propomos com esse trabalho, contribuir para o crescente estudo acerca da obra do Marquês de Sade, enfatizando a importância de sua obra na história das idéias e de todo pensamento moderno. Apreender que sua obra oferece elementos para um debate filosófico; que não se finda nas inúmeras e incansáveis cenas de licenciosidade, que muitas vezes parece afastar o leitor de sua obra, ou somente, podendo com isso classificar a obra como pornográfica.

Muito mais além de todo caráter pornográfico⁴, sua obra permeia toda uma linha de pensamento que, mesmo andando as margens de seu tempo, comporta todo o esforço por seu autor, de elevar a filosofia ao plano do esclarecimento. Os elementos que aqui analisamos, o ateísmo e a imaginação em seu contexto, confirmam a constante luta de Sade pela total autonomia da razão diante da moralidade.

A revolução por isso, será sempre uma luta contra o conformismo de toda uma época. A própria República, teria que rever seu funcionamento e

⁴ Assim é a descrição de Sade, Donatien Alphonse em um dicionário, que embora considere sua influência no pensamento de autores como Foucault e Deleuze, que se interessaram por sua relação do desejo sexual com o poder político, o define assim: "Pornógrafo e louco francês." C.f. Blackburn, Simone. *Dicionário Oxford de*

suas leis. A obra do Marquês, em um movimento que chamamos aqui de antecipação diante da verdade do homem; explicita o que estava condicionado da natureza humana, ou seja: não cabe mais ao homem moderno, ter como exemplo, somente a vida virtuosa para o bem viver.

Se o mal existe na natureza do homem, deve então ser enfrentado, e não somente o bem, como havia sido até então. Nunca um em detrimento do outro. E Sade antecipa-se a isso. Eis aqui uma proposta para compreender o esforço pedido aos republicanos: de tratar finalmente, daquilo que permanecia contido, acerca de sua natureza: o mal e suas conseqüências.

Com o advento da sociedade civil, o homem passou a ser condicionado a normas que permitiriam sua vida em sociedade. A própria natureza do homem, que Sade se refere, muito mais tem a ver com seu estado de natureza, ou seja, o estado dos homens antes da civilização, onde não havia a presença do poder coercitivo do Estado, e o homem agia de acordo com suas vontades e sua liberdade.

Se esse estado é possível na obra de Sade, é somente no espaço fechado da alcova. Mas não acontece completamente, pois mesmo afastados da civilização, os libertinos seguem ordens próprias, e no seio do estado de natureza, não haviam ordens a serem cumpridas. O que ocorre verdadeiramente, na obra de Sade, é uma crítica a sociedade, que no propósito de aperfeiçoar as condições humanas, conduziu os principais

elementos da natureza do homem, para um condicionamento, em nome do bom funcionamento da máquina social.

Sua proposta parte radicalmente da desigualdade social que acompanha o homem por todos os tempos. A singularidade de seu pensamento certamente se concentra na chamada para uma reflexão filosófica acerca do mal na natureza humana e em uma sociedade. O homem deve saber lidar com essas adversidades, não esperando prontamente por elas, mas sim, antecipando-se a elas. A verdade do homem deve assim, ser enfrentada. Eis o esforço pedido aos republicanos. E para lidar com essa verdade, a razão necessita de total autonomia, pois do contrário, se finda em inúmeros obstáculos que só aparentemente tranqüilizam sua existência. A verdade é dura, nos dirá Sade, e era finalmente chegado o momento dela ser enfrentada sob todos os seus aspectos.

Capítulo 1.

Sade e os filósofos do iluminismo.

Nesse primeiro capítulo, propomos uma análise da obra de Sade a luz do pensamento iluminista. Se por um lado, como explicitaremos mais adiante, a obra de Sade confirma seu papel na eclosão das luzes, por outro se afasta deste, demonstrando um pensamento que, embora esteja situado no próprio ambiente do iluminismo e também do romantismo; tem sua vida própria, o que certamente dificulta uma possível classificação da obra com a linha de pensamento professada no século XVIII.

O caráter extremo de sua obra, de tudo levar as últimas conseqüências, demonstra um autor que não teve nenhuma intenção de fazer parte de um dado movimento de idéias. Existe em Sade uma necessidade para escrever, para exprimir a revolta, a insubmissão que confere a sua própria existência uma colocação singular no século que fez parte.

Sua ênfase na completa autonomia da razão diante da natureza humana é o reflexo do esforço que pede aos republicanos, vale dizer, que uma razão livre, sem nenhuma conotação normativa, iria contra os ideais de uma civilização; pois incidiria em uma revolução permanente ou, para fazer uso da expressão hobbesiana: uma constante guerra de todos contra todos.

Mas para conseguir essa liberdade da razão, seria necessário um desprendimento de valores e costumes. Na verdade, Sade parece mesmo levar a cabo a expressão do século das luzes do *ousar saber*. O homem esclarecido deveria ter coragem para deparar-se frente a frente com sua própria natureza, que muitas vezes se mostra cruel e egoísta, opondo-se aos propósitos da civilização e de uma vida em sociedade.

A peculiaridade do pensamento sadiano, entre outras, está no furor desmedido com que se dirige aos seus alvos: uma religião corrompida e uma república de déspotas. Alvos estes que, para ele, impedem o homem de ver claramente, de estar diante da verdade da natureza humana.

Desse modo, o ponto de partida deste capítulo, situa-se no esforço que Sade defende ser necessário ao povo francês rumo ao esclarecimento. Por isso, não poderiam mais haver sombras, a verdade humana deveria ser encarada, por mais cruel que pudesse ser.

E eis a tarefa para aqueles realmente preparados para isso, aqueles com coragem de, ao abrir mão de um mundo aparentemente bom, deparam-se de súbito com a dura realidade das coisas. Não se trata de

pessimismo, pelo menos aqui, embora somos muitas vezes levados a aceitar o pessimismo do Marques, mas antes, afirmar que a verdade da natureza humana deve ser encarada.

O preço pago por isso foi muito alto. Tanto para o leitor, como para o próprio autor, porque basta-nos ir um pouco à sua biografia. Um autor que evoca a liberdade, mas que pagou com sua própria, por escrever aquilo que julgava ser a verdade do homem. Em suma, a verdade parecia enlouquecer. A revolta seria o resultado dessa loucura. Mas o que realmente estava em curso era a natureza humana. Não houve, em uma palavra, o que pudesse calar seu espírito da luta em defesa dessa verdade.

Ao tratar de uma aproximação da obra de Sade com os filósofos do Iluminismo, deparamo-nos com uma problemática histórica acerca da obra do libertino francês.

O pensamento iluminista, caracterizado pelo livre uso da razão, teve no esclarecimento sadiano, o que chamamos aqui de ápice da racionalidade. Mas essa aproximação não acontece facilmente, pois a obra do Marquês tem a característica de se aproximar, e ao mesmo tempo distanciar-se do pensamento das luzes.

Por se tratar de um autor ambíguo, é preciso um cuidado minucioso para tratar de suas aproximações, por que em muitos pontos, como veremos a seguir, o autor de *Justine*, em um movimento constante, anda lado a lado com os ideais iluministas, mas logo em seguida, reforça nossa posição de afirmá-lo como um pensamento às margens de seu tempo.

Nesse constante movimento de idas e voltas com o pensamento das luzes, não podemos deixar de apontar os principais pontos de sua concordância de Sade com os ideais iluministas, e a influência de alguns de seus principais representantes, sublinhando algumas características deste movimento em sua obra.

Mas antes, é necessário tratar de um elemento extremamente importante, talvez a chave para compreender toda contrariedade presente em Sade: a ambigüidade no contexto sadiano, que permite encontrar sua obra às margens de seu tempo. Como se levasse ao extremo o caráter clandestino da literatura libertina do século XVIII e do precedente a ele.

A ambigüidade em Sade impede a fixação de uma tomada de posição, diante dos principais temas presentes em sua obra. Exemplo disso é quando o Marquês trata dos elementos vício e virtude; pois se de um lado, acentua o papel do vício, apontando o sucesso desse elemento para se conseguir riquezas; por outro, dedica três⁵ de suas principais obras para descrever a virtude e suas conseqüências.

Outra ambigüidade, presença constante na obra, é a linguagem do tirano, adotada pelo Marquês, ao mesmo tempo em que se coloca na posição de vítima. Os libertinos, no interior da alcova, se colocam como tiranos, ditando regras a serem cumpridas e, ao mesmo tempo, a vítima, sempre presente, como se fosse para lembrar a situação de preso vivida pelo autor.

Já no presente capítulo, podemos comprovar sua ambigüidade. Pois quando propomos uma aproximação de sua obra com o século das luzes, ao mesmo tempo em que compartilha com os principais representantes do iluminismo, no sentido mesmo, de herdeiro desse movimento de idéias, ~~ultrapassa seus ideais, construindo à sua maneira, uma busca ao~~ verdadeiro esclarecimento, como poderemos ver adiante.

Quando nos referimos à Sade como um autor ambíguo, por certo pensamos que, antes de qualquer tentativa de definir uma linha para suas idéias, vale compreender os motivos aos quais seus escritos são em sua totalidade, visíveis de uma inconstância, ou seja: por um lado faz uso dos ideais das luzes, concomitantemente, por outro, seu furor o distancia desta posição. Essa alternância precisa ser demonstrada.

Assim:

“A sublevação geral, o formidável abalo das instituições, tudo o que suscitou uma nova fantasmagoria_a impetuosa torrente, a erupção vulcânica, (o tremor de terra), tudo isso não lhe é estranho. Em compensação, ele detesta a ideologia revolucionária e todas as novas normas constrangedoras que ela implica, tudo o que ela comporta de pretensão à virtude. Por outro lado, sem ser republicano, na medida em que se dá uma definição positiva de

⁵ A saber, Justine, Les Infortunes de la Vertu, La nouvelle Justine. Em uma página de Les Infortunes de la Vertu, que não se alterou nem em Justine, nem na Nouvelle Justine, faz um elogio da virtude e do vício.

República, ele se liga a esse regime em razão do ódio que sente pela natureza e pela aristocracia do século XVIII”.(Lefort, 1990:257).

É certo que Sade pertenceu ao ideal iluminista de seu tempo, com toda racionalidade, com toda liberdade de dogmas possíveis, com todo esclarecimento almejado pelo homem de sua época; mas vale saber até onde, até quando Sade leva a termo os ideais iluministas, ou terá sido meramente e parcialmente membro desse movimento de idéias? Eis aqui um dos propósitos deste capítulo: apreender até que ponto, se em caso afirmativo, da ligação de Sade com o iluminismo, aconteceu. Em um primeiro momento, podemos supor que Sade vai pouco a pouco, tomar de cada autor exatamente aquilo que fundamenta sua teoria. Quando as diferenças começam a se fazer valer, ele rompe com esta influência, indo para além dela ou criando uma própria. Enfatizando o combate contínuo do homem com a moral que lhe fora imposta, Sade acompanha o pensamento libertino de seu tempo; defendendo sempre a autonomia dos instintos diante da moral e dos costumes.

“Sade, bom conhecedor da literatura libertina do século XVIII, soube tirar dela a grande lição: a moral é uma desconhecida da

natureza. Os Crebillon e os Nerciat, os d'Argens e os Mirabeau disseram-no e repetiram-no. Ao propagar a liberdade sexual, os libertinos do século das Luzes contribuíram para o estabelecimento de uma moral de natureza, o desabrochar de um indivíduo liberado de todos os tabus, de todas as opressões, de todos os preconceitos".(Nogaret, 1991:291).

O movimento de sua obra assemelha-se muito a uma espiral que, ora se entrelaçam os fios, ora se distanciam. Talvez esteja aqui o ponto de grande dificuldade no propósito de vincular seu pensamento no movimento iluminista ou em qualquer outro movimento de idéias. Mas vamos adiante, por que alhures, nosso objetivo prima por uma contextualização histórica da obra, de onde poderemos extrair subsídios para o aprofundamento de nossa análise.

A ênfase de Sade em pensar completamente de acordo com a própria razão confirma o objetivo de seu século. A necessidade de se destruir certos dogmas para o perfeito uso da razão se tornou exigência primeira para o homem moderno. Desse modo:

"Pensar racionalmente, filosoficamente, isto é, pensar diferente. Que significa esse novo pensar? Basicamente, trata-se de criticar, duvidar e, se necessário, demolir. A razão define-se, portanto como crítica de um pensamento 'tradicional' _ de suas formas e conteúdos. Não há mais

espaços proibidos à razão. Tudo deve ser submetido ao espírito crítico. Afinal, é através da crítica do existente que se poderá produzir o novo e o verdadeiro”.(Falcon, 1991:37).

Na passagem acima, é possível ter a figura de Sade centrada na definição. Com toda crítica que sua obra carrega, com toda liberdade que seu pensamento culmina; com todo mal estar de ser e estar verdadeiramente o que é. Por toda necessidade de se esclarecer perante os valores e costumes da época, o homem sadiano, ao ultrapassar seu mundo pela crítica e pelo natural movimento de suas ações, encontra-se livre de todo e qualquer tipo de normatividade. Assim, livre da ignorância, segue os pressupostos de sua própria razão, e acaba com a normatividade excluída e conduz suas ações de acordo com sua própria natureza.

A constante ambigüidade da obra nos remete por certo a um certo conflito quando tratamos de definir uma linha de pensamento para os escritos do Marquês. O que não impede, por certo, que possamos enumerar algumas das influências dos filósofos iluministas em seu pensamento. Reafirmando: Sade parece sempre tomar de cada autor aquilo que vai de encontro com seus argumentos. Por isso, vai por vezes de acordo com os ideais iluministas, mas logo rompe com esses ideais. Vale por isso, sempre a questão:

“Sade pertence ao clima das luzes? É certo que, a cada uma de suas páginas ele se reivindica herdeiro desta ou daquela idéia, formadas pelos ‘engenheiros’ do iluminismo, mas em cada uma destas mesmas páginas apanhamo-lo traindo sua fidelidade”.

(Giannattasio, 2000: 151).

O objetivo aqui é situar basicamente a obra de Sade na história das idéias, dada a importância de seu pensamento para uma reflexão filosófica; ainda que em muitos momentos ele pareça se afastar dos principais pensadores de seu tempo e com sua corrente⁶. Seus personagens, aristocratas libertinos, aproximam-se de romances como o de Laclos, e ao enfatizar a energia, o instinto e a imaginação, ligam-se diretamente ao romantismo⁷.

Mais ainda, ao retirar todo véu de moralidade, Sade compartilha com os demais pensadores do século⁸ XVIII, na busca da verdade do homem. Assim nos escreve Cassirer, em sua obra *A Filosofia do Iluminismo*:

⁶ É possível aqui, ainda que previamente, supor que as aproximações de Sade com o pensamento das luzes é permeado de idas e vindas. Em um primeiro momento, propomos em Sade um pensador que anda às margens do pensamento iluminista, do romantismo da época, sem no entanto, fazer parte desses movimentos. Na busca de situar seu pensamento, a proposta é verdadeiramente situar a obra na história das idéias.

⁷ Da proximidade de Sade com esse movimento, vale citar, o texto de Camille Paglia, e do texto de Gabriel Giannattasio, da ligação de Sade com as principais características do movimento romântico do século XVIII.

⁸ Em um primeiro momento, demonstramos um autor às margens de seu tempo; mas nosso principal propósito, alhures, certamente é compreender sua herança das luzes e como ultrapassa esse movimento. É enfatizando esse seu caminhar pela margem, esse movimento da obra, que não lhe permite ser inserida prontamente em um movimento de idéias. Afastado da sociedade e de todo sistema, Sade constrói um mundo que por certo, tem elementos de seu tempo, características fundamentais do século XVIII, a influência dos

“Todo o século XVIII está empregnado dessa convicção: acredita que na história da humanidade chegou finalmente o momento de arrancar à natureza o segredo tão ciosamente guardado, que findou o tempo de deixá-la na obscuridade ou de se maravilhar com ela como se fosse um mistério insondável, que é preciso agora trazê-la para a luz fulgurante do entendimento e penetrá-la com todos os poderes do espírito” (Cassirer, 1997:78).

Por isso, era chegado o momento de esclarecimento. Podemos, a título de ilustração, fazer uma alusão ao mito da caverna descrito por Platão em sua *República*. Pois era finalmente chegado o momento do homem lidar com a própria natureza, sem nenhum véu de moralidade ou imposição que pudesse condicionar a verdade de si mesmo. Assim, o homem do século XVIII, o homem de esclarecimento, deveria ter forças para sair de sua menoridade, utilizando aqui o termo kantiano, ou seja: sair das amarras de uma civilização que priorizava a renúncia de si mesmo, para sua própria manutenção.

Assim, o homem passaria a reivindicar seus direitos sobre a própria natureza. Esclarecer-se era uma ascensão e não uma queda. A metáfora

do véu de moralidade ilustra bem esse quadro: pois sem ele, o homem estaria livre de toda normatividade; podendo agir de acordo com a própria razão, com a própria vontade. Em consequência disso, a liberação dos instintos se faria presente, pois enfatizando a própria natureza, o homem teria de saber lidar com suas vontades e decidir por elas.

Trata-se então de uma autonomia do sujeito diante de toda moralidade. Mas o caos insere-se ao lado dessa autonomia, daí seu caráter utópico, como poderemos compreender mais adiante.

Ao propormos tratar das influências e possíveis ligações do pensamento de Sade com seu tempo, inclusive da já apontada influência do estoicismo e do epicurismo em sua filosofia não se torna exagero.

Do epicurismo, é incontestável a associação primada na busca ao prazer; o hedonismo é defendido constantemente onde o prazer é a grande busca que permeia suas digressões filosóficas.

Do mesmo modo, o conceito de desvio, tão importante no epicurismo, acontece de certa forma⁹, presente no contexto sadiano. É claro que o afastamento dos personagens de Sade da sociedade se faz, ora porque nela, os acontecimentos descritos por ele não seriam possíveis, ora o afastar-se da civilização significaria para Sade libertar-se do mundo corrompido pelo poder.

⁹ Assim escreve Eliane R. Moraes: “a tradição estóico-epicurista é descoberta no renascimento e realiza uma trajetória que vai até o século XVIII, sendo, nesse percurso, objeto de inúmeras adaptações e relituras. Se tomarmos o exemplo de Sade veremos que essa tradição chega a um leitor setecentista através de várias fontes: das traduções dos clássicos, em especial de Lucrécio...” C.f. Moraes, Eliane Robert. *Marquês de Sade_ um Libertino no Salão dos Filósofos*. São Paulo, Educ: 1992. p. 23.

Por isso, de uma forma ou de outra, e mesmo inconscientemente, Sade constrói um mundo à parte do mundo civilizado, realizando assim, o que no sistema epicurista é chamado de *exchoresis*; ou seja: o afastamento do sábio de seu mundo social, um mundo onde se tem um centro em relação ao homem.

“A¹⁰ *exchoresis* do sábio lhe permite prover-se de um cosmo que tem sentido, orientação, limites; constrói ele um espaço povoado por uma comunidade homogênea: os ‘amigos’”.

Esse espaço no contexto sadiano é descrito como a alcova, os castelos afastados, onde seus habitantes comungam de um mesmo objetivo, um interesse comum: transgredir as leis, a sociedade, trazendo à tona a verdadeira natureza do homem. Trazendo o mal como elemento constante, eles não vão conhecer limites; mas antes, o limite do espaço físico da alcova, e dentro dela, limite é algo que não existe.

Ainda assim, a ordem se faz presente, e de uma forma bastante rígida. Isso se comprova quando, na leitura de *Les 120 Journées*, já no início, os libertinos descrevem suas exigências e a maneira como tudo vai funcionar entre eles, ao passo que, àquele que de uma forma ou de outra

¹⁰ C.f. Duvenoy, Jean-François. *O Epicurismo e Sua Tradição Antiga*. trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor., 1993.

usurpar essas normas deveria ser eliminado pelos demais membros do grupo.

A transgressão não é simplesmente dada e levada ao extremo, mas sim, previamente ordenada para o bom funcionamento da máquina corporal. Importante frisar que, transgressão no contexto sadiano, como procuraremos explicitar neste trabalho, significa retomar a verdadeira natureza do homem, deixando de lado toda imposição social, moral ou religiosa. Em outras palavras, o homem capaz de ultrapassar seu lugar na sociedade, a vontade geral, para retomar a si mesmo, estar diante da própria natureza das coisas.

Para isso, o uso da razão seria levado ao extremo sendo, pois, a grande constante na condução das ações humanas. Do mesmo modo, a separação feita pela razão do homem com Deus, faz do ateísmo um elemento de caráter emancipador, pois tornaria o homem mais livre sem a culpa, sem piedade, definitivamente, sem todas as imposições religiosas.

Ao pensar em uma razão acima de toda imposição, nos remetemos à Juliette, que *ama o sistema*¹¹, ou seja: utiliza-se de toda normatividade para combatê-la, por isso tem:

“O prazer de derrotar a civilização com suas próprias armas”.(Adorno/Horkheimer,1990:93).

Juliette retoma todo o espaço civilizatório para destruí-lo com seu esclarecimento desmedido. Seu amor ao sistema, pode ser explicado por uma posição sadiana de, no seio mesmo da civilização, ser possível criar um sistema próprio para aniquilar todas as normas e arbitrariedades. Assim, tudo o que a razão não conseguisse demonstrar, seria abominado.

Defendendo a ciência, Juliette vai anular o que não pode ser comprovado.

A proposta é apontar a influência de alguns autores em sua obra, principalmente, dos filósofos mecanicistas: Holbach, Helvétius, Condillac e La Mettrie. *O Sistema de Natureza* de Holbach e *O Homem Máquina*, de La Mettrie são representantes do materialismo continental da época, e Sade certamente foi leitor dessas obras, entrando por vezes no dogmatismo que tais obras suscitavam.

Sade defende a inexistência de idéias absolutas, e a idéia de localidade, de temporalidade para idéias concebidas como universais torna-se uma constante. O paradoxo Sade está aí: não ver como antinômicas idéias que o são.

Em uma passagem de *La Philosophie dans le Boudoir*, dentro do contexto do panfleto político e revolucionário, inserido no quinto diálogo dessa obra, Sade discorre acerca de sua crítica diante das leis universais:

¹¹ C.f. Adorno, Theodor W./ Horkheimer, Max. *Juliette ou Esclarecimento e Moral*. In: *Dialética do Esclarecimento*_fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

“Ce serait ici une absurdité palpable que de vouloir prescrire des lois universelles; ce procede serait aussi ridicule que celui d'un general d'armée qui voudrait que tous ses soldats fussent vêtus d'un habit fait sur la même mesure; c'est une injustice effrayante que d'exiger que des hommes de caractères inégaux se plient à des lois égales: ce qui va à l'un ne va point à l'autre”. (OC. T.III.p.505).

As idéias acabam por seguir todo o movimento da obra, que foge de toda definição absoluta, encontrando na natureza a verdade humana.

O enfraquecimento da física e da matemática no século de Sade, permitiu que a doutrina materialista, e também a biologia e a fisiologia em geral substituíssem essa lacuna. Assim, os fenômenos passaram a ser considerados a partir da organização física do homem; por isso, toda e qualquer posição deveria partir dos fenômenos naturais e físicos.

Do sistema materialista, Sade certamente herdou que:

“O que vale para as sensações e as idéias vale igualmente para os nossos desejos e os nossos instintos, para os ditames da nossa vontade e das nossas inclinações morais”.(Cassirer,1992:103)

O que seria mais correto afirmar é que, partindo das sensações, das observações corporais e de toda organização física do homem, suas inclinações naturais seriam justificadas. E isso é o que realmente interessa em sua obra: àquilo que explica as inclinações humanas. Sade chega

mesmo a questionar de onde teriam vindo a definição e origem de toda e qualquer espécie de valor absoluto. Eis uma passagem que pode elucidar o que afirmamos aqui, trata-se de uma carta de Sade à Mademoiselle de Rousset, escrita em 1782:

“O homme, est-ce à toi qu’il appartient de prononcer sur ce qui est mal? C’est bien à um chétif individu de ton espèce à vouloir assigner des bornes à la nature, à décider ce qu’elle tolère, à annoncer ce qu’elle défend! Toi aux yeux de qui la plus futile de ses opérations est encore à résoudre, toi qui ne peux expliquer le plus léger des phénomènes, définis-moi l’origine des lois du mouvement, de celles de la gravitation, développe-moi l’essence de la matière: est-elle inerte ou non?”¹²

Essa passagem reflete a posição de Sade diante de fenômenos tomados como absolutos. A natureza justifica todas as coisas, nos diz Sade, e sua posição acerca da idéia de Deus pode comprovar isso, já que para ele, como veremos no capítulo a seguir, pensar num ser supremo não passaria de uma quimera; e tudo o que existe seria fruto da natureza.

Assim, querer supor um ser supremo para explicar todas as coisas existentes seria sempre o maior dos absurdos, e por isso, essa idéia deveria ser abolida do homem esclarecido de seu tempo.

¹² Sade, D-A-F. *Lettres Choiesies*. Préface de Gilbert Lely. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1963. A Mademoiselle de Rousset, etrennes philosophiques, lettre X, Vincennes, 26 janvier 1782.

A preocupação de Sade com a definição absoluta de tudo o que rodeia o homem e sua natureza, pode ainda ser apreendida nesta mesma carta, quando questiona mais longamente sobre a origem do crime, e das opiniões sobre fenômenos naturais.

“Toi qui decides si une chose est crime ou si elle ne l'est pas, toi qui fais pendre à Paris pour ce qui vaut des couronnes à Congo, fixe mes opinions sur le cours des astres, sur leur suspension, leur attraction, leur mobilité, leur essence, leurs périodes, prouve-moi Newton plutôt que Descartes, et Copernic plutôt que Ticho Brahé, explique-moi seulement pourquoi une Pierre tombe quand elle est lancée de haut, oui, rends-moi palpable cet effet si simple, et je te pardonnerai d'être moraliste quand tu seras meilleur physicien. Tu veux analyser les lois de la nature, et ton coeur, ton coeur où elle se grave, est lui-même une énigme dont tu ne peux donner de solution!”¹³

Existem elementos que confirmam, além do aspecto cronológico da obra, sua presença no século das luzes, ora pelas leituras de alguns dos principais pensadores desse século, como os materialistas, ora pelos temas que trata de forma muitas vezes radical, como entre outros, o tema do esclarecimento do homem nesse século.

¹³ Idem, ib. p.97-98.

“Quando Sade invoca uma Razão analítica universal para explicar a especificidade do desejo, não se pode ver nisso só uma marca da sua inclusão no século XVIII: é necessário que a particularidade e o correspondente delírio sejam também uma Idéia da razão pura”.(Deleuze: 1973,23).

Esse racionalismo das luzes tem no pensamento de Sade uma expressão violenta, se assim podemos chamar; o que podemos prontamente explicar, devido ao estado de cárcere em que esteve por muitos anos de sua vida. O ápice dessa racionalidade é mesmo levado ao extremo em Sade, ultrapassando o próprio sentido da linguagem.

A propósito, a linguagem é certamente a de alguém que sempre esteve em desacordo com as leis do sistema, com as injustiças pregadas por um governo despótico e uma Igreja permeada de injustiças. Uma linguagem caracterizada pelo *furor*, característico dos libertinos de seu tempo. E por ser assim, desenfreada a sua linguagem, a obra de Sade insere uma singularidade que assusta a muitos. E eis aqui mais uma vez um ponto que dificulta sua aproximação com os outros pensadores. Mas vamos adiante com sua individualidade.

No mundo fechado dos castelos, da alcova, o Marques constrói um sistema extremamente mecânico, onde apenas sua lei, que acaba sendo a lei do mais forte sobre o mais fraco prevalece.

“No texto de Sade, fora de todo código, posto que ele inventa continuamente o seu próprio e apenas o seu, não há conflitos: nada exceto triunfos”.(Barthes: 1996,24)

Seja o triunfo de seu sistema único diante do que impera do lado de fora do espaço fechado, o triunfo do mais forte sobre o mais fraco, contrariando o ideal da Declaração dos Direitos Humanos, de serem todos iguais em direitos e deveres; o triunfo da astúcia de *Juliette* frente a ingenuidade de *Justine* e por conseqüência, o triunfo do vício diante da virtude, o triunfo do homem diante do grupo, o triunfo do instinto frente as imposições sociais, o triunfo da natureza diante da moral e por último, o triunfo do mal sobre o bem. A obra é mesmo carregada de triunfos, o que parece justificar a sensação de impotência de Sade diante das condenações que tiraram sua liberdade.

Mas o que restaria então, num mundo onde, o caráter utópico demonstra a ausência de pretensões, de se fazer presente na civilização? Uma possibilidade: era chegado o momento, na história das idéias, em que a presença das causas naturais seria acentuada, em detrimento de qualquer outra.

Assim:

“Sade faz a síntese do sensualismo de Locke e Condillac, cruzando-o com a crítica à onipotência da razão, presente em Berkeley e Rousseau, incorporando o materialismo de La Mettrie e

do Barão d'Holbach, sem, contudo chegar as mesmas conclusões que eles." (Giannattasio,2000:151).

Se por um lado, os filósofos do iluminismo tinham como característica o esclarecimento, o uso desmedido da razão na condução das ações humanas, a libertinagem foi uma possibilidade dessa atitude racional, pois:

“Deriva de uma insubmissão a princípios sem a qual, de outro lado, o trabalho sério da reflexão não se teria podido desenvolver. Esse século (pelo menos em seus mais qualificados representantes) desejava ser livre, tanto para buscar a felicidade como para conquistar a verdade”.

(Starobinski, 1994: 15).

A obra do divino Marquês levou adiante o ato de superação do homem evocado pela revolução, chamando para si mesmo esse ir além, o ousar saber, presente no século das luzes. E nesse movimento, ele certamente foi singular.

No contexto que a obra se insere, o objetivo maior era verdadeiramente a exaltação da razão, indo contra tudo àquilo que, de uma forma ou de outra, teria conseguido obscurecer qualquer busca de

esclarecimento. Assim, o verdadeiro objetivo das luzes poderia ser atingido: o de um mundo transparente e sem definições absolutas¹⁴.

O homem nos diz Sade, tem uma liberdade que lhe é inata, não cabendo a civilização e nem aos meandros da igreja e de toda moralidade possível condicioná-las. Mas é exatamente isso o que a civilização acarreta ao homem. O que resulta em um condicionamento dessa liberdade natural, a ponto mesmo dela ser aniquilada em benefício do bom funcionamento da máquina social.

Mas o homem pode atravessar esse condicionamento, nos diz Sade, através daquilo que lhe é mais velado pela civilização: a sexualidade.

Não é o prazer em si, mas a possibilidade de ter essa liberdade inata em sua busca. E ao demonstrá-la, Sade nos apresenta a maldade humana tal em seus estágios primevos. Ou seja: sem o bem e o mal, o homem ultrapassa a todas as imposições, conseguindo desse modo, ser de acordo com sua própria natureza, e seguindo somente as normas de sua mãe criadora. Por isso, se existe o mal e o vício, ambos têm sua importância, fazem parte da natureza das coisas.

Nesse movimento constante, de ultrapassar a civilização demonstrando a existência do mal, Sade nos lança para a verdade acerca da natureza humana; de onde volta ileso e começa novamente. Assim ele escreveu em sua *Pétition de la Section de Piques aux représentants du peuple français*:

¹⁴ C.f. Rouanet. *O Olhar Iluminista*. In: O Olhar. Adalto Novaes (org.) São Paulo: Companhia das letras,

“Le règne de la philosophie vient anéantir enfin celui de l’imposture; enfin l’homme s’éclaire, et, détruisant d’une main les frivoles jouets d’une religion absurde, il élève de l’autre um autel à la plus chère divinité de son coeur. La Raison remplace Marie dans nos temples, et l’encens qui brûlait aux genoux d’une femme adulate ne s’allumera plus qu’aux pieds de la déesse qui brisa nos liens”.(O.C. T. III. p.363).

Ou seja: a razão é o grande pilar de onde se edifica o pensamento de um homem, conduzindo suas ações e ditando ordens. Mas somente consegue conduzir da melhor maneira, se estiver livre de imposições e preconceitos.

Não há crenças ou temores; pecado ou culpa. O homem sadiano encontra-se com a própria razão¹⁵ para viver, e na busca incessante do prazer, em meio ao movimento que permeia toda essa busca, o homem fica sem as nuances da moralidade diante da civilização, pois sem nenhum tipo de dogma, tem na própria vontade o moto para suas ações. Não pensa em conseqüências, mas na emergência dos acontecimentos.

Mas ao mesmo tempo em que compartilha com os filósofos do século XVIII, Sade difere-se deles no extremo de sua busca pela verdade do homem, pois,

1988.

¹⁵ Assim, “ Le programme sadien dépasse tout ce que l’on peut rever comme caricature du ‘système industriel moderne’. Mais ce dépassement recèle as propre contradiction. La raison ne saurait cesser d’être elle-même, c’est-à-dire *autre*.” C.f. Jimenez, Marc. *Adorno et la Modernité_ vers une esthétique négative*. Paris, éditions Klincksieck:1986.

“Ao contrário do filósofo do século XVIII, constrói uma filosofia do exílio, demarcando o seu território privilegiado: a imaginação”.(Giannattasio, 143).

Ao tratarmos de Sade com suas principais influências, nos remetemos ao materialismo professado em seu século, de onde certamente obteve significativa influência. Certamente o autor de *Justine* teve em La Mettrie a base para seu sistema:

“É necessário partir da natureza, diz ele, caracterizando-a como uma força sem consciência e sem sentimentos, tão cega quando dá vida, como quando destrói um inocente. Segundo ele, o homem não se distingue de forma alguma do conjunto dos seres vivos”.(Idem: 150).

A influência de La Mettrie em Sade evidencia-se na proposta de uma moral natural, por sua adoração à natureza, que acaba no epicurismo. A natureza seria a explicação de tudo o que existe. Desse modo, não caberia espaço para existências quiméricas ou definições absurdas. Toda a explicação permanece na natureza, e os instintos, seguindo a própria vontade do indivíduo, não deveriam ficar condicionados a normas que diferem das leis naturais. A causa de todos os erros humanos nos diz

Sade, é quando toma por leis da natureza tudo o que se originou nos costumes de uma civilização.

Do Barão de Holbach, Sade herdou fundamentalmente o ímpeto de demolir expressamente todos os dogmas religiosos. Em uma Igreja que foi sendo enfraquecida pelo crescimento e difusão da ciência e biologia, combater seus dogmas seria, em uma palavra, liquidar seus preceitos e ela deixaria de ter razões para existir.

Da obra capital de Holbach, *Le Systeme de la Nature*, que marca a história do materialismo, Sade parece ter herdado o esforço por um ateísmo fundamental sobre a natureza, em conjunto com a política e a moral. Essa autonomia permitida com o ateísmo, Sade vai levar adiante quando de seu propósito de revolucionar o estado despótico da República que fazia parte. Daí o propósito constante na alcova sadiana, de se romper com as crenças as religiosidades absurdas, fundadas em crenças impossíveis de serem seguidas; presentes fundamentalmente como controladores do indivíduo em lugar de seu propósito declarado, a salvação. Importante enfatizar que não somente a filosofia do Marquês de Sade, mas também:

“La philosophie des lumières ne cessait de dénoncer les guerres causées par le fanatisme religieux et le despotisme politique”.(Delon, 1988:218).

A filosofia do Marquês insere-se num mundo onde prevalecem: o espaço fechado dos muros, os castelos, o espaço da alcova, o conseqüente afastamento da cidade, sem no entanto, nenhuma formação prévia ou princípio. Uma filosofia que se assenta sobre espíritos livres de toda e qualquer imposição normativa, inserindo-se assim como a verdade absoluta, a verdade natural e inata do homem; onde somente a vítima conhece as cenas de pleno vazio:

“As cenas de solidão... Sade as reserva exclusivamente às vítimas”.(Moraes: 1990:65).

Somente a vítima tem em si os preconceitos e valores morais a serem combatidos. O libertino ao contrário, ocupa-se de outros fatores. Ele se enquadra no que Sade vai considerar um espírito forte, livre das imposições, livre dos valores da igreja; o libertino é aquele que levou o esclarecimento ao extremo. Ele está sempre rodeado de seus devassos, libertinos como ele, objetos de sua própria busca onde, longe de todo despotismo, vive,

“Outra solidão, comunitária” (idem: 65),

O libertino é a face do espírito forte em Sade, é a figura do esclarecimento pelo viés do desejo, da autonomia dos instintos. É ele

quem, pedagogicamente, vai inculcar na vítima todo anseio por uma transformação. E essa solidão do libertino, certamente reflete a condição de Sade no cárcere. Mesmo seus personagens, não ficam isentos do sentimento vivido por seu autor. Desse modo, mesmo rodeado por seus devassos, a solidão do libertino se faz presente e nos remete a situação de seu autor. Mesmo na escrita, Sade não esconde de seu leitor as angústias vividas por ele, na prisão, no espaço fechado da alcova.

Se a filosofia tem um lugar próprio em sua obra, também o castelo, a prisão, acabam por ser lugares de libertação, onde seus libertinos denunciam as atrocidades de um despotismo que acontecia do lado de fora, e também primavam pela liberdade do indivíduo, gritando, sob o furor incontido do Marquês, as imperfeições das instituições que tanto controlavam o homem de seu tempo.

No espaço fechado, Sade demonstra que o libertino pode encontrar a liberdade do indivíduo, tão submissa das autoridades no mundo exterior a ele. Por isso:

“Metáfora da interioridade e do absoluto, o castelo sadiano representa o lugar por excelência onde o claustro é libertador, afirmando o triunfo do libertino sobre o espaço e o tempo. Triunfo sobre a grande natureza que, do lado de fora, anuncia a finitude do homem”.(Idem ibidem: 98).

Sade demonstra, de certa forma, uma liberdade do homem que não pode ser tida no mundo civilizado. Uma liberdade inata e interior, ainda que no espaço fechado, enfatizando assim o espaço privado como verdadeiramente o lugar onde a natureza do homem acontece, deixando do lado de fora as leis, a república, a crença e os costumes, para liberar seus instintos e externar tudo o que lhe fora exigido renunciar no mundo civilizado, a saber, no espaço público.

Em seu contexto, a exaltação da natureza é uma constante, e somente suas leis devem ser seguidas, pois longe de toda normatividade moral; o homem sadiano conhece apenas o processo natural de destruir suas próprias obras, visto que Sade acredita na destruição como parte da natureza do homem, em conjunto com a criação.

“La pensée sadienne tire ses prémices d’une relation conflictuelle entre l’homme et la nature. La nature est elle-même contradictoire, créatrice et destructrice “. (Delon, 1998:221)”.

Como num processo de ação e reação, criação e destruição são consideradas pelo Marquês como processos naturais, tal como escreveu nesse trecho de *La Philosophie dans le boudoir*:

“Si la nature ne faisait que créer, et qu’elle ne détruisît jamais, je pourrais croire avec ces fastidieux sophistes que le plus sublime de tous les actes serait de travailler sans cesse à celui qui

produit, et je leur accorderais, à la suite de cela, que le refus de produire devrait nécessairement être um crime. Le plus léger coup d'oeil sur les opérations de la nature ne prouve-t-il pas que les destructions sont aussi nécessaires à sés plans que les créations? Que l'une et l'autre de ces opérations se lient et s'échainent même si intimement qu'il devient impossible que l'une puisse agir sans l'autre? Que rien ne naîtrait, rien ne se régénérerait sans des destructions? La destruction est donc une des lois de la nature comme la création". (O.C. T.III.p.470).

Tudo o que fora colocado após a natureza, na concepção sadiana, seria imposição social para a ordem das criaturas; pois a natureza conhece apenas o movimento das sensações, a ação e reação, a criação e destruição.

Com a moral e as leis do Estado, os instintos naturais são controlados e condicionados, mas de forma velada, tal como a evidente desigualdade entre os homens. Do mesmo modo, Sade ao romper com o Cristianismo, critica o mandamento: "amarás o próximo como a ti mesmo", defendendo que este mandamento seria impossível de ser seguido, porque ninguém poderia dar ao outro o amor que lhe é próprio.

Trata-se verdadeiramente de uma verdadeira agressão ao homem, propor que esconda de si próprio, ou antes, fazer com que ele prime pelo bom andamento da sociedade, abrindo mão de seus instintos, de sua

própria natureza. As leis, ao buscar conter a agressividade do homem, pratica outra ainda maior, tornando-o condicionado à vontade social.

Vale dizer, que Sade retoma a libertinagem que o precedera, levando ao extremo uma tradição que, se pensamos nela ainda no renascimento, deparamos com a tentativa de desprender o homem de crenças e valores tidos como universais. Essa degradação dos valores, já anunciada anteriormente à literatura filosófica de Sade, confirma um autor que, apreciava a literatura e a filosofia que o precedera. Assim:

“La présence de certains auteurs anciens et modernes en tant que ‘maîtres’ et inspireurs de la culture libertine dont la forte composante érudite se donne volonté précise de récupérer des textes et des thèmes oubliés ou occultés, de trouver les instruments d’une polémique contre des échelles de valeurs sanctifiées et de tracer l’inventaire des ‘erreurs’ humaines; la reprise d’une tradition naturaliste de l’Antiquité et de la Renaissance où confluent, de façon éclectique, aux cotes de thèmes aristotéliens, des références stoïciennes et épicuriennes: une tradition qui contribue à délimiter le cadre à l’intérieur duquel tout les phénomènes doivent trouver des explications en réduisant les interventions miraculeuses à des ‘causes naturelles’ et qui offre les fondements d’une éthique mondaine, exemple de toute mythologie religieuse”.(Gregory, 2000:16-17).

Na passagem acima, Tullio Gregory trata, do libertinismo na primeira metade do século XVII, e já ali, podemos comprovar que, mesmo antes do século de Sade, o termo libertinismo, ou seja: o tratar de certos temas, partindo de toda uma tradição, já havia sido traçado, sendo levada ao extremo em seguida, pelo Marques.

Em uma palavra, para melhor apreender a aproximação de Sade com os principais pensadores de seu tempo, cabe citar a definição de Claude Lefort em seu texto sobre Sade:

“E não basta saber a que gênero sua literatura pertence para nos livrarmos da insegurança da leitura. E é preciso ainda reconhecer que existem alguns desses escritores que nos lançam na maior insegurança. Sade é um deles. Não porque escape a toda e qualquer classificação acadêmica, mas porque *os abismos que ele abre nem sempre são seguros*. E porque, também, nem sempre é segura essa operação pela qual detectamos na parte maldita de sua obra o que faz parte do sagrado, ou no poderoso desejo que afirma, o que há de pura denegação da lei”.(Lefort, 1990:251).

Se Sade insere-se no contexto iluminista, é momentaneamente que isso acontece, de modo que, sua particularidade como pensador revolucionário, como defensor do esclarecimento, no sentido mesmo de primar por uma liberdade na alcova, ou seja, uma liberdade no espaço

privado, em torno da civilização é insuperável, pois levou o ideal revolucionário até as últimas consequências.

Seguindo a tradição¹⁶ de *A Religiosa* e *O Sobrinho de Rameau*, a obra de Sade insere-se no século XVIII, inventando dois personagens para essa tradição de libertinagem erudita:

“D’une part le citoyen homme des letters, honorable auteur d’Aline et Valcour, roman philosophique, et de l’autre, le sulfureux pornographe qui ne peut parler que d’outre-tombe et dont auraient paru de façon posthume Justine et la Philosophie dans le boudoir.” (Delon, 1991:28).

O panfleto revolucionário do Marquês pede aos cidadãos franceses, um esforço mais, como se dissesse que a revolução teria de se fazer presente em todo momento. Se pensarmos em Sade como um revolucionário, seu panfleto corrobora essa afirmativa.

A escrita de revolta, completamente descrente nos tramites legais e sociais que movem uma república, defendendo por um lado que o Estado tivesse leis mais brandas, considerando a individualidade de cada um, e por outro, a liberdade dos instintos, em detrimento de uma sociedade déspota e corrompida. Dessa forma,

“Les personnages du ‘divin marquis’ transgressent les lois établies_ tabous moraux et esthétiques_ importes par la rage de tout nier pour s’ériger em dieux despotiques sur les ruines du monde qu’ils contestent”.(Barguillet, 1981:163).

Com um movimento constante, um horror à inércia, seja do pensamento, do corpo, da própria escritura, e mesmo nos rumos longínquos da imaginação, a viagem, a energia e disposição constantes, de não estar parado; evidencia o dar a si e aos personagens a existência tão freada. Energia constante, eis a definição; discursos contínuos. Definitivamente, não existe silêncio em Sade.

O que conseguimos extrair disso tudo, é que se trata de um pensamento que sempre andou as margens de seu tempo. Seu furor desmedido, seu constante dizer não aos preceitos morais e sociais; seu movimento permanente, contra o tédio de uma existência pacata e ausente de entusiasmo, apresenta um autor inquieto com toda conformidade tida até então pelos cidadãos franceses.

No propósito de situar historicamente sua obra, apontando algumas das principais influências, mas que não foram completas, como se Sade tomasse sempre de cada autor aquilo que ia de acordo com seus próprios interesses. Assim, não totalmente compartilhou das idéias dos materialistas, como não esteve absolutamente ligado a toda energia do

¹⁶ Assim escreveu Michel Delon no texto em que trata do retorno dos textos originais de Sade. Publicado na revista Magazine littéraire, toda dedicada a obra do Marquês de Sade, intitulada: *Sade, écrivain*, Paris, janeiro

romântico. O fato é que, em uma palavra, trata-se de uma obra em movimento, e propor um lugar estático para ela seria de uma certa forma ignorar essa sua energia, por isso o cuidado necessário em suas aproximações.

No desejo desenfreado de existir no espaço fechado onde esteve, o movimento de idéias que pululam seu pensamento, desejo de externar essas idéias através de sua paixão pela palavra é uma constante. A escritura permite a seu autor uma existência permeada de acontecimentos. Se seu lugar, no espaço físico era o mesmo, o cárcere; suas idéias e digressões não eram estáticas, estavam sempre em algum outro lugar que o proposto, ou em nenhum deles.

O que de verdadeiramente existe é o movimento incansável, desejo de externar as paixões ocultas dos homens e toda sua revolta.

Revolta que permeia todo o caráter de impossibilidade de tornar real sua descrição. Daí seu caráter utópico, por defender a liberdade natural, a liberação dos instintos. Nesse seu ir além, exigir um esforço mais, o afasta da mais evidente hipótese de aproximação com os demais pensadores de seu tempo.

“Na realidade, o marquês não pára de debochar dos filósofos que acreditaram no despotismo esclarecido. As luzes eram fracas demais: não se percebiam nem a nudez,

nem as devassidões infames, nem as torturas horripilantes em meio aos estertores de prazer”.(Sollers: 2001,53).

Seguindo esse argumento, podemos formular uma hipótese que, em uma palavra, resume a idéia deste capítulo: a aproximação de Sade com alguns dos principais filósofos do iluminismo, sempre acontece permeada de contrariedades, por que seguindo mesmo as margens de toda uma linha de pensamento, a obra do *divino marquês* segue seus próprios meios para enfatizar a liberdade dos instintos e a supremacia do desejo frente aos meandros sociais e morais.

Se o romantismo primava pela hierarquia das paixões como sendo: amor, desejo e prazer, Hobbes, que Sade vai seguir mais adiante a reformula colocando prazer e desejo antes do amor, o que exprime a racionalização das sensações em detrimento do sentimento. Sade vai partir dessa mesma ordem proposta por Hobbes¹⁷, reafirmando que o homem tem verdadeiramente a necessidade de ao menos procurar sanar todas as suas necessidades instintivas. O que também reafirma a racionalização das vontades, mais uma chamada para o verdadeiro esclarecimento.

Seguindo Sade, o amor, na esfera dos sentimentos que enganam o espírito, insere-se no plano obscuro das coisas, pois não consegue ser explicado concretamente, permanecendo assim no plano das quimeras, tal

¹⁷ A hierarquia das paixões na concepção dos medievais era do seguinte modo: amor-ódio, desejo-aversão, prazer-desprazer. Na idade moderna a ordem se modifica. No século XVII é do seguinte modo: desejo-aversão, amor-ódio, prazer-desprazer. No século XVIII a ordem é finalmente racionalizada definitivamente ficando: prazer-desprazer, desejo-aversão, amor-ódio.

como se dá com sua concepção de Deus, como procuraremos demonstrar no capítulo seguinte. O amor escreve Sade, engana o espírito, impedindo-o de agir livremente de acordo com a própria razão. Trata-se, de uma vez por todas, do véu que impede a clareza da razão. E o homem de esclarecimento não deve encontrar, nesse sentido, impedimentos para um melhor uso dessa faculdade propulsora de suas atitudes.

O desejo humano segue a vontade dos instintos e por isso, não deveria ser tratado como algo fora da natureza. Assim, o querer, a vontade e o desejo comprovariam o estar vivo do homem. Tudo o que estivesse fora da natureza humana, estaria na esfera da arbitrariedade, de imposições normativas, feitas pelo homem e para todos os homens.

Se o pensamento de Sade nos remete a predicá-lo como louco o que se deve certamente ao fato dele fazer do triunfo das paixões eróticas uma constante, enfatizando sempre o excesso e a liberdade dos instintos diante das imposições da civilização; é certamente pela maneira como descreve toda licenciosidade.

Da impossibilidade de supor verdadeiras suas inúmeras cenas, do caráter utópico de sua sociedade de libertinos, a própria linguagem usada por ele permite seu caráter absurdo. Através da linguagem de um espírito forte, desprovido das imposições sociais e morais, o absurdo se torna real, e o desejo consegue sempre triunfar diante de qualquer possibilidade de condicionamento.

O contexto sadiano prioriza sempre os atributos da natureza do homem, que são somente o racional e o animal. A razão prioriza o prazer-desprazer dos instintos naturais de cada indivíduo. A manifestação corporal culmina sempre da racionalização dos instintos; dos desejos inatos de cada um, tal como a fome e sua sexualidade. Dessa racionalização dos instintos, Sade vai inserir o outro como objeto, colocando-o na condição de utilidade na busca do prazer libertino.

O homem de desejo, na busca de garantir a satisfação de suas próprias vontades, encontra na figura do Estado a proteção em relação aos desejos dos outros. Dessa forma, o pacto entre os homens se inscreve como o desejo de autoconservação, que certamente vai além do desejo meramente biológico. A luxúria que a obra do Marquês suscita é o primado da violência contra os desejos, enfatizando o egoísmo dos homens, também uma faculdade natural e inata de cada um.

A liberação de si mesmo, evocada pelo Marquês, origina todo o movimento corrente em sua obra. E dessa potencialização de si mesmo em detrimento do todo, retoma a centralização do homem diante da sociedade em que vive.

Assim, da absoluta autonomia da razão defendida por Sade, de um ateísmo que emancipasse suas ações de toda crença em um ser supremo, como veremos no capítulo seguinte, o Marquês definitivamente percorre os ideais das luzes; mas ao mesmo tempo, ultrapassa esse movimento, quando seu andar contra a corrente vai além dos ideais defendidos no século a que

fez parte, para percorrer o caminho em busca da verdade da natureza humana.

Capítulo 2

O ateísmo como saída possível

Na obra de Sade, a influência dos filósofos de seu século representa também, a maneira desse pensador abordar a liberdade de decidir por si mesmo, utilizando aqui a expressão de Kant acerca do esclarecimento e nesse sentido, o desprendimento da Igreja, a total separação do indivíduo com a necessidade de um ser supremo, parecida assim como inevitável.

Sade encontra no ateísmo uma consequência primeira desse desprendimento, e eis, como veremos a seguir, a consequência do esforço pedido por ele em seu panfleto revolucionário, ao homem rumo ao verdadeiro esclarecimento.

Mas falar em esclarecimento na obra de Sade requer uma explicação a mais, por sua primazia diante da vontade natural do indivíduo. E com isso, busca mostrar ao homem sua verdadeira face diante de toda moralidade. O homem como é verdadeiramente em sua essência, com seus vícios e virtudes, seu egoísmo e principalmente,

com a explicação para tudo isso em sua própria natureza. Em uma palavra, o Marquês pede coragem ao homem para lidar consigo mesmo, sem nenhuma outra explicação que não seja a natureza.

Quanto a isso, vale sempre enfatizar o caráter lógico do pensamento do Marquês, que fundamenta todo propósito deste capítulo: se o homem está com sua própria natureza que pode tudo lhe dar e explicar, não existe a necessidade de um ser supremo, não são possíveis soluções exteriores a natureza, para acontecimentos de sua própria esfera.

O homem de esclarecimento deve evocar para si mesmo, a autonomia em suas ações e se encontrar cada vez mais livre das imposições da civilização, que permanecem sempre alheias a sua natureza.

Eis a lógica sadiana: sem a existência de Deus, sem a crença na existência desse ser supremo, proposto para explicar e justificar o que na verdade não era de sua alçada, o homem encontra na própria razão a liberdade natural, a liberdade sem Deus.

A necessidade de uma razão emancipada sem a crença em um ser supremo era assim uma exigência de seu tempo. O ateísmo sadiano, desse modo se definiria como:

“Um acte de raison, selon lequel la croyance en
l'existence de Dieu, la religion, ses dogmes, ses institutions

seraient choses également nuisibles à la conservation de l'espèce". (Klossowski, 1963:6).

Com isso, tudo passa a ter comprovação exata. Quase a matematizar os acontecimentos, Sade permeia todo o contexto com a lógica determinista da prova, ou seja: aquilo que não podemos ver, ter comprovado sob nossos olhos, são quimeras impostas.

Os instintos, as vontades humanas podem ser comprovadas, pois são da natureza do homem. A maldade, o egoísmo, podem ser comprovados e explicados pela própria natureza. O vício em uma sociedade pode ser explicado junto à virtude, como veremos mais adiante. Em suma: não existe justificativa para a necessidade da existência de Deus. O homem deve saber lidar com sua própria verdade, sem nenhum véu imposto. Assim, a verdade da natureza humana salta aos olhos. E eis aqui o ápice do esclarecimento que Sade parece evocar em suas linhas.

O papel da Igreja no século XVIII e anteriormente a ele acontecia de forma muito acentuada, de modo a muitas vezes, ela comandar várias partes da sociedade francesa de seu tempo. Mas houve seu enfraquecimento, e o que Sade vai demonstrar em sua obra é que, mesmo essa instituição, tão poderosa, detentora de respeito e de milhares de fiéis, não estava isenta de cometer atitudes que violavam seu próprio princípio.

O princípio do cristianismo obscurecia a proposta de esclarecimento. E a obra de Sade vai tocar exatamente esse ponto: demolir todos os valores cristãos, que primam por impedir o homem, de viver de acordo com sua própria natureza. Desse modo:

“Em vez do domínio de si, o Cristianismo recomenda aos fiéis a renúncia de si, a abdicação dos desejos em nome de uma pureza cujo modelo é a virgindade”.(Paes, 1990:18).

Mas é exatamente aqui o ponto de partida da crítica de Sade aos valores cristãos. Pois essa figura da virgindade tão defendida pela Igreja, Sade demonstra ser um erro tão grande que nem mesmo seus defensores conseguem seguir.

O homem do século XVIII não poderia mais viver renunciando a si mesmo em benefício desses absurdos, nos diz Sade, mas sim, retomar a si mesmo, retomar a liberdade do desejo implícita em cada um. Sem a tradição cristã, e seus valores quiméricos, não existe véu diante da natureza. Trata-se de uma barreira a ser transposta rumo ao esclarecimento, rumo ao deparar-se consigo mesmo sem nenhuma condição normativa.

Como Sade vai explicitar em seu *Dialogue*, as leis da igreja não conferem com as teorias naturais e materialistas. Não existe comprovação,

mas sim crença, que acaba por condicionar ainda mais o indivíduo, impedindo-o de tomar posse de si mesmo sem a direção de outrem.

O contexto sadiano, como buscamos comprovar no capítulo anterior, teve grande influência dos filósofos mecanicistas de seu século; e desses, ele extraiu um ateísmo desmedido e fortemente acentuado, defendendo-o como parte da emancipação do homem diante de toda coerção moral, social e religiosa.

O caráter fundamentalmente libertador do ateísmo em toda obra corrobora um pensamento acerca do homem livre de toda condição normativa; que encontra em um mundo sem Deus apenas a vontade da mãe natureza e, por conseguinte do próprio indivíduo, seguindo seus desejos e vontades.

“Inspiré par les textes matérialistes du Baron d'Holbach, de Diderot et de La Mettrie, l'athéisme du marquis n'est pas sans conséquence sur la réflexion politique. Sade n'exige pas seulement de la République qu'elle sécularise les relations sociales. Il ne s'agit pas seulement de repousser la religion dans les limites de la sphère privée. L'athéisme doit se lire avant tout comme un refus de toute forme de transcendance”.(Jallon, 1997:42).

Talvez seja mesmo oportuno dizer que, nas inúmeras cenas de libertinagem descritas por Sade, o ateísmo, muito mais como uma saída possível, se faz como uma saída inevitável, diante dos anseios de um

homem que pudesse conduzir suas ações, de acordo com sua própria razão, completamente livre de todas as amarras que poderiam se fazer presentes na decisão de uma certa atitude e condução de alguma vontade.

O que verdadeiramente Sade demonstra diante da Igreja, é a comprovada necessidade de se provar aquilo a que se pode ver, e a igreja não pode oferecer tais comprovações.

Com isso, se instaura a relevância da praticidade no pensamento de Sade, no que concerne a comprovação daquilo que se diz, porque se não tem comprovação para além da crença do homem, não existe em sua natureza.

Mais ainda, se instaura o caráter determinista em toda obra do Marquês, dado que defende sempre aquilo a que se pode verificar realmente. Falaremos mais longamente sobre isso quando tratarmos do livre arbítrio em sua obra.

A igreja, com todo o poder que lhe fora conferido no século XVIII, desde a antiguidade, não poderia salvar o homem da revolução que se instaurava nos meandros de seu tempo. Ela não poderia sanar as reais dúvidas do homem, quando este se encontrasse atrás das grades, por exemplo, ou mesmo, quando a revolução eclodisse diante dos olhos.

A razão, livre de toda e qualquer norma teria sim, que se alicerçar na total liberdade, mas para isso, deveria abolir de uma vez por todas, tudo àquilo que a tornasse subordinada.

A própria natureza do homem lhe oferece, nos diz Sade, aquilo que a religião sempre se esforçou por explicar. Assim, a natureza não pede nenhuma religião e esta, resultado da invenção dos homens, não tem, no fundo, a importância que lhe fora conferida.

O entendimento humano poderia sempre ser explicado por fatores de sua própria natureza. Sade parece mesmo ter sido persuadido, assim, como Locke, de que as idéias vinham dos sentidos. Com isso, explica-se que na esfera das sensações, atributo humano, pode-se encontrar a solução para questões de sua natureza.

Desse modo, a natureza explica a si mesma não existindo, por isso, nenhuma condição que justificasse uma religião para conduzir as ações humanas.

Os ideais do Cristianismo violavam aqueles que eclodiam com a Revolução; o que levaria, primeiramente, a necessidade de se extinguir a religião para que o caminho até as luzes acontecesse por completo. Não havia nada entre os ideais religiosos que pudessem considerar a natureza humana, que por sua vez, acabava por ter sua própria religião natural, de fazer¹⁸ o que queria que lhe fosse feito.

A crítica de Sade ao mandamento cristão: amar ao próximo como a ti mesmo, se insere neste contexto, já que afirma ser impossível oferecer ao outro um amor que lhe é seu, como já afirmamos anteriormente. O

¹⁸ C.f. Voltaire. *Elementos da Filosofia de Newton*. Trad. Maria das Graças S. do Nascimento. Campinas-SP: editora da Unicamp, 1996.

egoísmo¹⁹ dos homens sempre vai imperar nesta questão. Assim, a tradição cristã modifica a religião natural, pois enquanto esta última diz: fazer aquilo que gostaria que lhe fosse feito, o Cristianismo diz: amar ao próximo como a ti mesmo.

O egoísmo nas ações humanas, presença mandevilleana no pensamento de Sade, impede racionalmente que o amor próprio chega até o outro. Nas observações do texto: *A Fabula das Abelhas*, Mandeville escreveu:

“Es imposible que el hombre pueda tener mejores deseos para los demás que para sí mismo, salvo en el caso de que comprenda que estos deseos son inaccesibles para él; y de aquí podremos deducir fácilmente cómo despierta en nosotros esta pasión”.
(Mandeville, 1982:84).

Essa crítica de Sade ao mandamento cristão será mais tarde a crítica de Freud²⁰ ao mesmo mandamento.

“Or, si l'égoïsme est la première loi de la raison et de la nature, si, bien décidément, nous ne vivons et n'existons que pour

¹⁹ Sade vai enfatizar o egoísmo dos homens como um dos primeiros impulsos naturais de cada um, e aqui ele segue sua leitura de *A Fábula das Abelhas*, De Bernard Mandeville. Com isso, explica que o mandamento cristão: amar ao próximo como a ti mesmo é impossível de ser seguido, pois um amor destinado a si mesmo não poderia nunca ser estendido aos outros.

²⁰ Freud em *O Mal Estar na Civilização* diz que esse mandamento é impossível de ser seguido. C.f. Freud, Sigmund. *O Mal Estar na Civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

nous, nous ne devons donc avoir de sacré que ce qui nous délecte: tout ce qui s'écarte de là est faux, sujet à l'erreur et seulement fait pour être méprisé de nous".(O.C. T. VII. P.72).

O fazer aquilo que gostaria que lhe fosse feito, muito tem de diferente do amar ao próximo como a ti mesmo. Pois fazer, implica uma ação natural do homem para com o outro, o que de uma forma ou de outra acabaria acontecendo nas relações humanas; mas diante da necessidade de amar ao próximo como a si mesmo, o amor próprio seria deixado de lado, apostando assim, na benevolência e a filantropia dos seres, uns com os outros.

Desse modo, o outro seria sempre digno daquele amor tido por si mesmo. O que para Sade seria impossível; pois segundo ele, amar o semelhante como a si mesmo, contrariava todas as leis da natureza. Isso se confirma nesta passagem de *La Philosophie dans le Boudoir*:

"Il ne s'agit pás d'aimer sés semblables comme soi-même, puisque cela est contre toutes les lois de la nature, et que son seul organe doit doit diriger toutes les actions de notre vie; il n'est question que d'aimer nos semblables comme des frères, comme des amis que la nature nous donne, et avec lesquels nous devons vivre d'autant mieux dans um État républicain que la disparition des distances doit nécessairement resserrer les liens". (O.C.T. III. p.504).

O sentimento pelos cristãos, em lugar da ação, torna superior o sentido do amor diante do fazer; o que nos leva compreender, embora não seja esse o foco de nossa discussão, mas uma questão de interpretação desse mandamento em proveito das intenções do Cristianismo.

O que nos interessa expressamente aqui, é que Sade faz crítica a esse *fazer ao próximo*, amar ao próximo, tomando-os como sinônimos, resultantes do mesmo princípio, manipulador das ações humanas. Sobre essa máxima cristã, escreveu Sade em *La Nouvelle Justine*:

“Et que le résultat de celle loi se trouvait être le précepte absurde de ne pas faire aux autres ce que nous ne voudrions pas qui nous fût fait. Cette loi ridicule, fruit de la faiblesse de l'être inerte, ne put jamais éclore dans le coeur de l'individu doué de quelque énergie; et, si j'avais quelques principes moraux à établir, ce ne serait pas dans l'âme de l'être faible que j'irais chercher des préceptes. (O.C. T. VII. p.34)”.

Sade em sua obra enfatiza o atributo principal do homem: o corpo; para explicar que tudo o que existe e acontece, sempre vai encontrar na própria natureza as respostas necessárias. Dessa forma, a religião e a própria moral, comprovadamente condições para uma vida em sociedade e resultados da mente dos homens, estariam fora da natureza, inseridos no âmbito das arbitrariedades.

Aqui mais uma vez, Sade confirma sua leitura da obra do médico inglês Bernard Mandeville, que em *Uma Investigação Sobre a Origem da Virtude Moral*²¹ disse:

“E quanto mais sondarmos a natureza humana, mais nos convenceremos de que as virtudes morais são a cria política resultante do cruzamento da adulação com o orgulho”.

Mandeville vai dizer que estas virtudes²² morais nos são impostas, através da habilidade dos políticos em adular e convencer; por esse mesmo caminho, o homem se deixou convencer a renunciar seus instintos e vontades.

Dai, a astúcia dos políticos encontrou no cerne da natureza humana, o instrumento para conseguir seu principal objetivo: controlar todos os homens, de acordo com suas leis. Enfatizando o papel da adulação, os políticos conseguiriam mais habilmente seus objetivos. Assim escreveu Mandeville:

“ La razón es ésta: todas las criaturas humanas, aun antes de haber recibido pulimiento, experimentan um placer extrtaordinario al oírse elogiar”. (Mandeville,1982:46).

²¹ Mandeville, Bernard. *Uma Investigação Sobre a Origem da Virtude Moral*. In: Filosofia Moral Britânica-textos do século XVIII. J. Butlher (etal); trad. Álvaro Cabral. Campinas-SP: editora da Unicamp,1996. vol.1 p.83.

²² No texto: *Investigacion Sobre el Origen de la Virtud Moral*, com tradução brasileira citada acima, Mandeville trata da virtude moral como resultante da adulação dos políticos diante do orgulho do homem. Vai dizer que não existe homem que não seja vulnerável a essa faculdade chamada adulação. C.f. Mandeville,

A própria natureza basta a si mesma, e dessa exaltação, Sade fundamenta tudo aquilo que sua obra evoca: as ações humanas pela ótica da natureza das coisas, de modo que tudo o que existe fora dela não faz parte da verdade do homem, mas de algum mecanismo social e moral.

Mas das coisas da natureza, nos diz Sade, somente ela oferece as respostas e a explicação, cabendo ao homem um estudo minucioso de seu fundamento. Como nessa passagem de *La Nouvelle Justine*:

“La nature, bien étudiée, nous fournit tout ce qu’il nous faut pour nous rendre aussi heureux que notre existence le comporte. C’est dans elle que nous trouvons de quoi satisfaire nos besoins physiques; c’est dans elle seule que sont toutes les lois de notre bonheur et de notre conservation: loin d’elle il n’est plus que des chimères, que nous ne devons cesser de maudire et de détester toute notre vie”.(O.C. T. VII. p.107).

Cabe ao homem moderno, encontrar somente na natureza e não nas imposições dos homens, respostas para todas as perguntas. Assim, a existência de Deus seria uma idéia ultrapassada pela razão livre. Pois se a natureza pode sempre explicar os fenômenos criados por ela mesma, atribuir certas razões a um Deus seria o maior dos erros a ser combatido.

Em suma, o caminho percorrido pelo homem sadiano, encontra na existência do ser supremo, uma idéia sem fundamentação. Entre outros elementos que impedem a existência de uma razão livre, a idéia de um criador seria então, o primeiro ponto a ser aniquilado. Em *Histoire de Juliette* Sade escreveu:

“Le premier dogme qui s'offre à moi, lorsqu'on me parle de religion, est celui de l'existence de Dieu: comme il est la base de tout l'édifice, c'est par son examen que se dois raisonnablement commencer. O Juliette! n'en doutons pas ce n'est qu'aux bornes de notre esprit qu'est due la chimère d'un Dieu; ne sachant à qui attribuer ce que nous voyons, dans l'extrême impossibilité d'expliquer les inintelligibles mystères de la nature, nous avons gratuitement placé au-dessus d'elle un être revêtu du pouvoir de produire tout les effets dont les causes nous étaient inconnues.”
(O.C. T.VIII. p.76).

De posse disso, devemos aludir aqui, quando do tratamento dado por Sade à idéia de imortalidade da alma, que em suma, permite uma compreensão maior de seu ateísmo declarado.

As manifestações humanas serão sempre explicadas através das sensações, seguindo o sensualismo de Condillac, e aquilo que não se insere na esfera das sensações, na esfera corporal e materialmente natural de cada indivíduo, foge ao entendimento humano.

A alma e a questão de sua imortalidade, assim como a existência de Deus, seriam para Sade dogmas complicados, pois suscitam várias abstrações; o que para um pensamento materialista é impossível de ser tratado. Se a alma é diferente do corpo, nos disse Sade, não deve ter relação com ele, tal como escreveu em uma passagem de *Histoire de Juliette*:

“Si l’âme est une substance essentiellement différente du corps et qui ne peut avoir aucune relation avec lui, leur union est une chose impossible; d’ailleurs cette âme, étant d’une essence différente du corps, devrait nécessairement agir d’une façon différente de lui; cependant nous voyons que les mouvements éprouvés par les corps se font sentir á cette âme prétendue, et que ces deux substances, diverses par leur essence, egissent toujours de concert. Vous nous direz encore que cette harmonie est um mystère, et moi je vous répondrai que je ne vois pas mon âme, que je ne connais et ne sens que mon corps, que c’est le corps qui sent, qui pense, qui juge, qui souffre, qui jouit, et que toutes sés facultes sont des résultats nécessaires de son mécanisme et de son organization”.(O.C. T. VIII. p.90).

Aqui mais uma vez, Sade vai responder por aquilo a que tem acesso: o corpo. A idéia de imortalidade da alma, uma vez que esta se situa fora da esfera corporal, não poderia ser explicada pelas manifestações deste.

Em *La Nouvelle Justine*, o Marquês busca demonstrar que partia do próprio Jesus uma expressão materialista, e não havia a noção de imortalidade da alma, porque ele, Jesus, quando ameaçava os homens, dirigia-se aos seus corpos, não os separando da alma. O Marques descreve a partir disso, as três causas que segundo ele, produziram a noção de imortalidade: os fenômenos naturais, a física e a política. Respectivamente seriam: as infelicidades do mundo, fenômenos da natureza; a física mal interpretada, e mal conhecida, e a política propriamente dita.

Esses três motivos nos diz Sade, tem origem na impotência do entendimento humano, em relação a conhecer a si mesmo, o que não permite compreender a maneira como a questão da imortalidade da alma é proposta, pois seus defensores atribuíram ao homem uma substância desconhecida de sua natureza.

Os fenômenos naturais, ou as infelicidades do mundo vêm de se ignorar a própria natureza, tal como o efeito de uma causa, ou seja: os instintos debilitam-se de acordo com as mudanças que lhe ocorrem, seja por acidente ou por enfatizar os efeitos do tempo.

Compreender a natureza implica saber que ela se modifica ao infinito, e o efeito não é nunca superior à sua causa. Os movimentos, por exemplo, são distintos entre si, dado que seu resultado aumenta ou diminui, de acordo com o peso ou leveza dos corpos que o impulsionam; e um exame de todas as espécies confirma que a essência é a mesma em

toda parte, e o homem não é mais superior à matéria, somente a forma é diferente. O homem é assim, o resultado de sua organização.

Se o que existe é apenas matéria e espírito, Sade nos diz que a alma seria criada, ou a partir da matéria, e por isso não poderia ser imortal, ou a partir do espírito, e nesse caso ele teria um atributo da matéria, de ser divisível, o que seria um outro absurdo.

A impotência do entendimento humano, sobre conhecer a si mesmo, vem da maneira como ele é exposto, e não do enigma inexplicado, escreve Sade. No cerne da questão, e de acordo com a própria natureza, que única em essência, modifica-se ao infinito, pode-se encontrar as justificativas. A eterna verdade: um efeito não pode ser superior a sua causa. E por último, o movimento, sempre distinto um do outro, aumenta ou diminui em razão do peso que o impulsiona.

A idéia de imortalidade estaria então, ao lado da idéia do ser supremo, ou seja: na esfera do que não se pode comprovar. Assim, uma razão livre da existência de Deus, para explicar as causas e fenômenos, encontra no próprio homem, em suas experiências e sensações, a fundamentação para sua existência.

Deus está, na obra de Sade, na esfera das quimeras, um preconceito a ser aniquilado pelo homem de esclarecimento. Eis um dos esforços descritos em seu panfleto revolucionário. A religião enfraquecida, não mais oferece meios para sua própria sustentação.

E Sade, como podemos apreender, denuncia as atrocidades cometidas por essa instituição, comprovando que, mesmo se dizendo isenta de erros na exaltação da virtude, estaria permeada de acontecimentos que confirmam nela a presença evidente dos instintos, e da maneira mais inadequada; pois utilizou o poder que lhe fora conferido, para poder justificar e conseguir mais habilmente seus objetivos.

Basta que nos lembremos a passagem de *Les Infortunes de la vertu*, em que Justine acredita ter encontrado em um mosteiro a salvação para suas mazelas e, ao contrário, encontra ali a mais audaciosa manifestação de libertinagem.

Desse modo, a religião seria a primeira das quimeras, dos instrumentos de controle dos homens, um preconceito a ser abolido. E a filosofia oferecia elementos para esse desprendimento. A moral teria que se ver livre dessas imposições. Com isso, Sade reafirma que esse desprendimento é o resultado do esforço da razão no século das luzes, por isso a coragem pedida em seu panfleto. Esse ultrapassar limites impostos, é o resultado de uma constante revolução, de um conflito onde toda condição normativa decai sempre, e esse vai ser seu objetivo: a autonomia da razão.

Somente a razão, e através das sensações, poderia explicar o que os preconceitos impostos se esforçaram até então para na verdade, manter camuflado: a verdade da natureza humana. Assim Sade escreve em *La Nouvelle Justine*, quando discorre sobre o nervo:

“De l'extrême influence du moral sur le physique naît de même le choc douloureux ou agréable de ces esprits animaux, en raison de la sensation morale qu'on a recue: d'où il suit qu'avec des principes et de la philosophie, qu'avec l'anéantissement total des préjugés, on peut incroyablement étendre, comme nous l'avons dit ailleurs, la sphère de ses sensations”.(O.C. T. VII. p. 105).

Com o ateísmo, a razão se depara com a total emancipação, sem o que Sade chama de obscuridades criadas pelo homem para seu próprio controle, que seria, por exemplo, o livre arbítrio, que Sade defende assiduamente como inexistente, pois diante da riqueza, da miséria, da desigualdade, não é possível ter escolha. E os valores religiosos, as crenças inculcadas ao homem, a culpa e o próprio desejo de salvação defendido pela Igreja seriam definitivamente abolidos.

“A razão se pretendia emancipada de Deus. Sade, embora muito veladamente, pretende emancipar o pensamento de toda razão normativa preestabelecida: o ateísmo integral será o fim da razão antropomorfa” (Klossowski, 1985:18).

Mesmo instituições como o casamento e a família, Sade vai criticar, de forma a terem estas suas existências como normas sociais, que acabam por não ter relação com as vontades naturais de cada indivíduo, muito menos com a própria natureza, que Sade defende em toda obra.

Com o enfraquecimento da igreja diante das questões científicas e morais, com suas denúncias exarcebadas, o Marquês retrata uma religião repleta de imoralidades, e que por isso, não poderia continuar ditando uma conduta absoluta para todos os homens. O propósito de Sade contra todo dogmatismo se estende principalmente aos ideais de uma religião, baseada em princípios falsos e comprovadamente errôneos.

Toda constatação, desse modo, seria encontrada através da experiência e dos sentidos, o que evidentemente anula todo o papel conferido a religião. No panfleto revolucionário, quando trata a questão da religião, o Marquês escreveu:

“Tout principe est un jugement, tout jugement est l'effet de l'expérience, et l'expérience ne s'acquiert que par l'exercice des sens; d'où suit que les principes religieux ne portent évidemment sur rien et ne sont point innés”.(O.C. T. III. p.499).

O método utilizado pelo Marquês para anular o papel da religião consiste na falta de lugar para esta, dado que, uma razão livre e emancipada, não necessita de atributos para sua manutenção; e se a

religião não tem lugar na natureza do homem, não é passível de se fazer existir.

Em sua obra: *Dialogue entre un prêtre et un moribond*, texto de 1782, Sade faz um ataque radical à existência de Deus e seus pressupostos centrais. No texto, quando o moribundo questiona o padre, de Deus ter criado uma natureza tão corrompida, este se justifica com o livre arbítrio, com o direito de escolha, de sempre fazer o bem e evitar o mal. E o moribundo justifica que a natureza pode justificar tudo por si mesma, não havendo por isso, a necessidade de um criador:

“Et dès qu’il est possible que la nature toute seule ait fait ce que tu attribues à ton dieu, pourquoi veux-tu lui aller chercher un maître? La cause de ce que tu ne comprends pas est peut-être la chose du monde la plus simple. Perfectionne ta physique, et tu comprendras mieux la nature; épure ta raison, bannis tes préjugés, et tu n’auras plus besoin de ton dieu”.(O.C. T.I p.503).

Em suma, a religião e seus pressupostos são lidos como prejuízos para uma razão esclarecida. No momento em que é questionado, o padre responde que evitar o mal é a grande chave do livre arbítrio:

“Quel mérite eussent eu les hommes, si Dieu ne leur eût pas laissé leur libre arbitre? Et quel mérite eussent-ils eu à en jouir s’il

n'y eût eu sur la terre la possibilité de faire le bien et celle d'éviter le mal?"²³

No contexto sadiano, o livre arbítrio não é reconhecido, e em seu *Dialogue*, comprovamos que ele nada tem a ver com liberdade individual, mas de mais uma, entre as várias imposições da religião para o controle dos homens.

No decorrer do *Dialogue*, Sade vai criticar o livre arbítrio, afirmando-o como um erro, pois, diante de certos acontecimentos, tais como as desigualdades naturais e aquelas referentes a todas as condições sociais, não poderia haver possibilidade de escolha.

A religião vai diretamente contra o esclarecimento, com suas crenças e mandamentos que, segundo Sade, são resultados de pura invenção dos homens para sua manutenção e para esconder a própria natureza e vontade de cada um.

A ligação de Sade com o materialismo estende-se ao desenvolvimento da física. Na passagem citada, o moribundo sugere que se aperfeiçoe essa ciência, a fim de comprovar, o que a religião defende como verdade, de acordo com a crença humana. Sem dúvida nenhuma, o trecho a seguir, é uma das mais brilhantes passagens de toda obra sadiana, por enfatizar seu caráter de dúvida, o mesmo que leva o homem ao desejo de

²³ Idem, *ibid.*

esclarecimento, o mesmo que leva ao direito de pensar sem nenhuma condição normativa.

“Prouve-moi l’inertie de la matière, et je accorderai le créateur; prouve-moi que la nature ne se suffit pás à elle-même, et je te permettrai de lui supposer um maître. Jusque-là n’attends rien de moi, je ne me rends qu’a l’évidence, et je ne la reçois que de mes sens; où ils s’arrêtent ma foi reste sans force. Je crois le soleil, parce que je le vois, je le conçois comme le centre de réunion de toute la matière inflammable de la nature, as marche périodique me plaît sans m’étonner. C’est une opération de physique, peut-être aussi simple que celle de l’électricité, mais qu’il ne nous est pas permis de “comprendre.”²⁴

Ainda no *Dialogue*, a figura do padre parece mais de um interlocutor para as digressões filosóficas do moribundo, que mais parece seu autor, na pele de uma figura frágil, diante de todo o poder da religião. O que nos remete, de uma certa maneira, à real fragilidade do homem diante da força professada pela igreja em seu tempo; fragilidade esta que se estende ao esforço pedido pela revolução, ao homem de esclarecimento.

A verdadeira influência do materialismo continental de Holbach e Helvétius na obra de Sade fundamenta seu ateísmo desmedido, mas importa-nos enfatizar que, sem a religião, presença constante nos ataques

²⁴ Idem p.504-505.

de Sade, o indivíduo se depara com a própria razão, sem tutelas, o que resulta verdadeiramente em uma liberdade incondicional, onde a religião é tida como desnecessária e antes, um obstáculo a ser abolido, para o bom uso da razão.

E podemos pensar aqui que sem a religião, sem uma moral absoluta, sem normas de conduta universais, tudo cairia em ruína, a civilização não seria possível, salvo seu caráter utópico. Pensar que, diante disso, o que realmente ficaria no lugar dessas ausências? E o próprio Sade parece responder, quando trata da questão do forte, não somente fisicamente, mas principalmente, forte para se esclarecer, para sair das sombras e encarar a luz diante dos olhos. Forte para suportar o esclarecimento, diante do comodismo de não ter que realmente pensar.

E chegamos na questão, bastante interessante, de uma seleção proposta por Sade, para explicar que somente o forte, aquele realmente livre de todo preconceito, de todo valor e moral, poderia encarar o esclarecimento de frente.

E nessa proposta de darwinismo social, em que difere o libertino, aquele que consegue ser livre de pensar, dos demais, que conseguimos explicar o fato de, em *La Philosophie dans le boudoir*, quando o panfleto vai começar a ser lido, o cavaleiro ter saído do lugar onde todos estavam até o fim da leitura. Isso mostra que:

“A linguagem de Sade não é a linguagem comum. Ele não a dirigia a qualquer um, mas a espíritos raros, suscetíveis de alcançar, no seio do gênero humano, uma solidão inumana”.(Bataille, 1987:178).

Mais ainda, quando Sade, já no início de *Les 120 Journées*, alerta para os leitores da obra, solicitando a leitura para os que estivessem preparados para ela. Esse aviso também é explícito no panfleto revolucionário contido em *La Philosophie dans le boudoir*. Essa exigência fundamenta que, dizer que todos são iguais, não é um argumento válido; pois o espírito de moral, crente na religião e seus pressupostos, não teria alcance para sair da sombra. Somente o forte conseguiria esse feito; de ousar ir além, seguindo a máxima do século das luzes.

Desse modo, inspirado pelos textos materialistas de Holbach, La Mettrie e Diderot, Sade constrói, como o *Dialogue* pode comprovar, de forma lógica, que a religião iria contra qualquer forma de liberdade do indivíduo, permanecendo contrária aos ideais de seu século.

A revolta contra Deus se realizaria através da razão, quando esta pudesse se emancipar de seus valores e dogmas. Quando o homem de esclarecimento conseguisse perceber que, somente a razão poderia lhe oferecer elementos para explicar sua natureza, por isso não haveria mais na religião, toda força e utilidade que lhe fora conferida até então.

Em um texto onde trata a obra de Sade sobre a esfera do direito penal, Hugues²⁵ Jalon escreve:

“Il faut rappeler ici la place qu’occupe l’athéisme du Marquis dans sa ‘façon de penser’. Cette revolte contre Dieu constitue en effet le point de départ de sa démarche philosophique.” p.41

Ou seja: o ateísmo no contexto sadiano ocupa um lugar de suma importância no curso de sua filosofia. Com ele, era chegado finalmente o momento de emancipação do indivíduo. A ausência da religião seria condição necessária e imprescindível para a verdadeira liberdade dos homens.

A ausência da religião como condição para o esclarecimento, nos remete a compreensão sadiana para os elementos vício e virtude.

Se falamos de vício e virtude na obra de Sade, falamos conjuntamente de suas personagens, as irmãs *Justine* e *Juliette*. Esta última, seguidora do vício e das prosperidades por ele acarretadas, percorre o caminho mais fácil para conseguir riqueza e luxúria; enquanto a primeira seguiu o mundo da virtude, e teve com isso todos os infortúnios descritos pelo Marquês. Neste sentido, é importante lembrar que:

“É a heroína sadiana que leva o ateísmo à sua integralidade, dissociando-o da razão normativa e antropomorfa para liberar o

²⁵ Jallon, Hugues. *Sade. Le Corps constituant* Paris: éditions Michalon, 1997.

próprio pensamento na ordem experimental da monstruosidade”.(Klossowski, 1985:40).

E ainda a comprovação:

“Justine, que como sabemos, representa em este mundo la virtud: tenaz, humilde, siempre oprimida y desgraciada, pero jamás convencida de sus errores.”
(Blanchot, 1990:20).

Pois aceitar estar errada, implicaria a Justine, aceitar o vício como saída para seus infortúnios, o que derrubaria seu espírito virtuoso, sempre crente na bondade, e no poder intransponível do bem diante do mal.

Se tomamos de uma só vez os infortúnios de *Justine* e a prosperidade de *Juliette*, compreendemos que, se de um lado a virtude se encontra desarmada e frágil, de outro, o vício triunfa e se fortifica cada vez mais.

No prefácio feito para a edição de 1963 de *Aline et Valcour*²⁶, Pierre Klossowski escreveu sobre as duas irmãs:

“La perspective de Justine est celle de la victime dans son illusion des normes et des institutions. La perspective de Juliette

²⁶ C.f. D.A F. de Sade. *Aline et Valcour ou Le roman philosophique*. Oeuvres Complètes, VIII. Préface de Pierre Klossowski. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1963.

est celle des bourreaux et des monstres aux mains de qui sont les institutions et les normes exploitées aux fins de leurs anomalies”. (Klossowski, 1963:12).

O que comprova a tese sadiana de que não somente virtude nem somente vício, mas um equilíbrio entre ambos seria necessário para o bom funcionamento de uma sociedade. Mas isso não ocorre facilmente. Importante lembrar, que Sade situa-se em um século onde a virtude era exaltada e valorizada por toda sociedade. Se existe em Sade uma valorização do vício, é certamente para deixá-lo lado a lado com a virtude.

“Há equilíbrio em Sade, e este se constrói na busca do excesso, na harmonia dos pares conflitantes, no desafio permanente que o estóico impõe ao epicurista e vice-versa. Mas este equilíbrio não é da ordem do humano, não é ele que o estabelece e sim a natureza”. (Giannattásio, 2000:112).

E tratando das irmãs *Justine* e *Juliette*, temos todo o aparato sadiano para bem e mal; e aqui surge uma questão, que pode nos levar a muitas outras reflexões sobre a obra de Sade, que é a maneira de tratar vício e virtude, estaria o Marques defendendo o vício em detrimento da virtude?

Ao apresentar o vício necessário a uma sociedade na mesma proporção que a virtude, Sade em nenhum momento está fazendo uma

apologia do vício, mas antes, demonstrando que, uma sociedade virtuosa, levaria o caos a cada um de seus membros e ao próprio desenvolvimento da mesma. E por isso, seria necessário também o vício para evitar o declínio, e manter o bom andamento da máquina social.

Explicitar vício e virtude confirma um ateísmo que, uma vez aceita a necessidade do vício tal como da virtude, elimina o que realmente era considerado pecado em uma moral. Mais que isso, acaba com a noção de livre-arbítrio, por serem, vício e virtude, elementos importantes na moral cristã e em uma sociedade.

Para Sade, a natureza e toda formação do homem é permeada de virtude, como pedia a igreja e a boa conduta moral, e também de vícios, como sua obra demonstra, elemento importante, por ser parte de um mesmo organismo, da natureza humana. Em *La Philosophie dans le Boudoir* ele escreveu:

“En accordant la liberté de conscience et celle de la presse, songez, citoyens, qu'à bien peu de chose près, on doit accorder celle d'agir, et qu'excepté ce qui choque directement les bases du gouvernement, il vous reste on ne saurait moins des crimes à punir, parce que, dans le fait, il est fort peu d'actions criminelles dans une société dont la liberté et l'égalité font les bases, et qu'à bien peser et bien examiner les choses, il n'y a vraiment de criminel que ce que réprouve la loi; car la nature, nous dictant également des vices et des vertus, en raison de notre organization, no plus

philosophiquement encore, en raison du besoin qu'elle a de l'un ou de l'autre, ce qu'elle nous inspire deviendrait une mesure très incertaine pour régler avec précision ce qui est bien ou ce qui est mal". (O.C. T. III. p.502).

Assim, não se poderia anular o vício em benefício da virtude, em benefício de uma sociedade bem ordenada, de uma moral perfeita. Se o vício faz parte da natureza humana deve, em conjunto com a virtude, ser mencionado como parte do homem, parte das inclinações de sua natureza.

Sade vai aos poucos destituindo a moral, desencadeando um mundo sem Deus. A Igreja e toda sua conduta condenavam o vício, sublinhando a fragilidade do homem, e Sade escreve o contrário, pois o que realmente prevalece nas sociedades é a lei do mais forte sobre o mais fraco.

Essa lei, segundo Sade, está na própria natureza. Em *Histoire de Juliette, ou les Prosperités du vice*, quando trata das distinções dos homens, ele assim se refere à força:

"La nature leur a donné tous un sol à habiter, et c'est de cette force, qu'elle leur a inégalement départie, que va dépendre le partage qu'ils en feront. Mais ce partage sera-t-il égal, pourra-t-il l'être, dès que la force seule va le diriger? Voilà donc déjà un vol établi; car l'inégalité de ce partage suppose nécessairement une lésion du fort sur le faible, et cette lésion, c'est-à-dire *le vol*, la voilà donc décidée,

autorisée par la nature, puisqu'elle donne à l'homme ce qui doit nécessairement l'y conduire". (O.C. T.VIII.p.155).

Por isso, se a força é a lei do universo, e Sade só conhece essa força única na natureza, a lei do mais forte sobre o mais fraco, o que de certa maneira descentraliza a grande chamada da declaração dos direitos dos homens, onde se lê que todos os homens são iguais. Sade rompe definitivamente com a declaração, opondo-se a esse documento de seu tempo.

Contudo, em sua novela *Ernertine*²⁷, o frágil personagem Herman, no momento em que está diante de Oxtiern, pedindo a esse uma reparação, pelo fato deste ter seduzido sua noiva, fala dos homens terem nascido iguais, o que confirma, na figura do virtuoso personagem; um cidadão, conhecedor da declaração dos direitos dos homens.

"Un subalterne, dites-vous? Sénateur, tout homme a droit d'exiger d'un autre la réparation, ou du bien qu'on lui enlève, ou de l'offense qu'on lui fait; le préjugé qui separe les rangs est une chimère; la nature a créé tous les hommes égaux, il n'en est pas un Seul qui ne soit sorti de son sein pauvre et nu, pas un qu'elle conserve ou qu'elle anéantisse différemment d'un autre; je ne

²⁷ Novela sueca, escrita em 1790 ou 1791, onde Sade descreve o romance da jovem Ernestina com o bem comportado Herman. Mas, no decorrer da trama, eis que aparece um conde, chamado Oxtiern, que se interessa pela moça e junto da senhora Scholtz, que era interessada no rapaz, tramaram para colocar em desacordo a união dos dois jovens. O fim trágico de Herman comprova mais uma vez que o caminho do vício percorrido por alguns pode acarretar um caminho de tragédias para um espírito virtuoso.

connais entre eux d'autre distinction que celle qu'y place la vertu: le seul homme qui soit fait pour être méprisé est celui qui n'use des droits qui lui impunément au vice".(O.C. T.XV.p.37-8).

Essa novela mostra mais uma vez o triunfo do mal sobre o bem, mais ainda, que a crença na *Declaração* é reconhecida apenas pelos fracos.

Mas essa posição do personagem Herman é a de um ser virtuoso, que não conhece a importância do vício; no fundo, não tem a força do homem de esclarecimento. É um exemplo, dentro da própria obra de Sade, de como um espírito virtuoso consegue acreditar em leis e condutas que deveriam ser abolidas. Se recorrermos ao fim dessa novela, vemos que a reparação pedida na passagem acima vai ser ignorada, e as atrocidades, feitas pelo personagem Oxtiern triunfam diante deste ser fraco e virtuoso.

Voltando às irmãs, é necessário pois, demonstrar o estado, o caráter metafórico de *Justine* e *Juliette* na obra, importante elemento para compreender seu ateísmo. Para compreender o caráter emancipatório desse elemento diante da razão.

A virtude esteve sempre relacionada com o cristianismo, e com o enfraquecimento da igreja já no século precedente ao de Sade, essa relação se desfaz quase que totalmente em seu contexto.

A influência de Mandeville²⁸ no contexto sadiano, comprova a necessidade, em tratar vício em conjunto com a virtude, de modo que, se

²⁸ Sobre a influência de Mandeville no pensamento de Sade, seguimos a idéia defendida por Simone de Beauvoir em seu texto: *Deve-se queimar Sade?* Em que defende a influência do autor de *A Fábula das*

uma sociedade defender somente a virtude ou somente o vício, o caos se instalaria em torno dela, por isso, ele defende ser o vício tão necessário para uma sociedade como a virtude.

“D’ailleurs, si l’on appelle vertu ce qui est utile à la société, en

isolant la définition on donnera le même nom à ce qui sera utile à ses propres intérêts, d’où il résultera que la vertu du particulier sera souvent tout le contraire de la vertu de société; car les intérêts du particulier sont presque toujours opposés à ceux de la société; ainsi”,

il n’y aura donc rien de solide. Si je reviens à la cause du combat que j’éprouve lorsque je penche vers le vice, bien persuadé que la vertu n’a nulle existence réelle, je découvrirai facilement que ce n’est point elle qui combat en moi, mais que cette faible voix qui se fait entendre un instant n’est que celle de l’éducation et du préjugé. Cela fait, je compare les jouissances, je fais procéder celle la vertu, et la savoure dans toute son étendue.” (O.C. T.VIII. p.179).

Voltamos uma vez mais ao antagonismo explorado por ele, para identificar as irmãs, *Justine* e *Juliette*, suas heroínas. Sua obra, concomitantemente, trata das questões de bem e mal, vício e virtude. Mas a esses últimos, Sade certamente compartilha com a mesma idéia do

Abelhas na obra do Marques. Na obra de Mandeville, o vício é importante para uma sociedade, assim como a virtude, no que concerne ao aspecto econômico, já que favorece o consumo, e acelera assim o desenvolvimento de uma sociedade e seu andamento. Em Sade, a defesa gira em torno de serem, vício e

médico inglês Bernard Mandeville, que em sua obra *The Fable of Bees*, defende ser o vício tão necessário à sociedade quanto o é a virtude. Em seu *Les Cent Vingt Journées de Sodome*, escrito enquanto estava preso na Bastilha em 1785, Sade questiona:

“Est-ce à nous de escruter les lois de la nature, est-ce à nous de décider si le vice lui étant tout aussi nécessaire que la vertu, elle ne nous inspire pas peut-être en portion égale du penchant à l'un ou à l'autre, en raison de ses besoins respectifs?” (O.C. T.I. p.25).

Assim, Sade nos diz que virtude e vício são correlatos em uma vida em sociedade, sendo tanto um, quanto o outro, importantes para sua manutenção. Ambos estão na natureza e por isso devem ser considerados; não com a ênfase da virtude em detrimento do vício como acreditava a tradição crista, mas, conjuntamente, visto que ambos têm importância para a vida e organização do homem.

Se o vício, tal como a virtude, esta na natureza, certamente não é ela que exerce influência para se preferir a virtude em lugar do vício. Em *La Philosophie dans le boudoir* ele escreveu:

virtude, necessários para uma vida em sociedade, mas não pensando no aspecto econômico, tal como Mandeville, mas sim, para o perfeito andamento da máquina social.

“ La nature n’a pas deux voix, dont l’une fasse journellement le métier de condamner ce que l’autre inspire, et il est bien certain que ce n’est que par son organe que les hommes entichés de cette manie reçoivent les impressions qui les y portent”. (O.C. T.III. p.469).

Sua obra, abordada como um todo, demonstra ser a personagem *Justine* sua grande heroína e para ela, Sade dedicou três de suas principais obras: *Les Infortunes de la Vertú*, *Justine*, e *La Nouvelle Justine*. Então, ao mesmo tempo em que dedicou três de suas obras à figura da virtude, descreveu Juliette e sua exaltação do vício para a realização de seus objetivos, afirmando o vício como importante para a vida em sociedade.

Justine é certamente a figura da virtude em todo contexto sadiano, em todas as dimensões e características. E se existe um pouco do próprio autor nessa personagem, foi por acreditar ser uma vítima do despotismo e de uma religião permeada de atrocidades, as quais se esforçou em denunciar.

“No personagem de Justine, talvez Sade tenha exprimido os tormentos e o amargor de sua própria consciência, as humilhações e os vexames sofridos por sua própria franqueza”.(Klossowski, 1985:128).

Descrevendo *Juliette*, Sade se encontra em *Justine*. Nesse mesmo movimento:

“Há Justine em Juliette, mas não há Juliette em Justine. Eis toda a superioridade do Dionisíaco sobre o Apolíneo, do teatro sobre a realidade, da imaginação sobre a razão”. (Giannattásio, 2000:173).

A virtude, tal como acreditava a tradição antiga, estava ligada à felicidade. Com a personagem *Justine*, Sade demonstra ser esse um caminho de pedras; dissociando a verdadeira felicidade desse contexto.

Em contrapartida, *Juliette* é a irmã que segue o caminho do vício, com astúcia e sagacidade consegue grande fortuna e bem estar em um curto espaço de tempo. Essas irmãs são, as figuras metafóricas de Sade para identificar vício e virtude. Não obstante são irmãs, mais uma demonstração lógica de Sade, de que vício e virtude²⁹ andam lado a lado, podendo fazer parte de um único contexto, que entre as irmãs, compreendemos como originários de um denominador comum.

Enquanto a jovem menina (irmã mais nova) *Justine* exprime um caráter triste e melancólico, ternura e sensibilidade, ingenuidade e boa fé; a irmã mais velha, *Juliette*, exprime sagacidade e finura, com artifício e astúcia. Mundos diferentes, com conseqüências diferentes, para pessoas próximas.

²⁹ Sade quer demonstrar que vício e virtude são idéias meramente locais. C.f. Barthes, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

“Assiste-se então a luta de um espírito que, em vez de manifestar na criação suas riquezas virtuais, e na história suas supremas intenções à maneira do Espírito hegeliano, toma consciência de seus erros ao contato de suas criaturas; porém, longe de as socorrer, serve-se delas para sua própria redenção, sua própria consolação; é a economia inversa da salvação; os sofrimentos humanos resgatam um espírito decaído, permitindo-lhe purificar-se”. (Klossowski, 1985: 118).

Ao tratar de vício e virtude em uma sociedade, Sade demonstra serem esses, elementos de conseqüências e significados meramente locais e por isso, isentas de uma definição absoluta.

“Que les modes de vice et de vertu soient nuls à vos regards; ces mots n’ont aucune signification réelle, ils sont arbitraires et ne donnent que des idées purement locales.” (O.C. T.VIII. p.132).

Para comprovar ser o vício tão necessário para uma sociedade quanto o é a virtude, Sade utiliza desta para confirmar sua fragilidade diante do vício, constantemente presente, mas, no entanto, camuflado pelos meandros sociais e morais.

A maldade humana, tratada com o papel do vício no homem e na sociedade em que vive, é considerada como parte da natureza de cada um,

e por isso a necessidade de ter conhecimento dela. E o Marquês demonstra que:

“A lógica do mal é a de introduzir-nos para além das formas conhecidas ou habituais do mal; que, para realizar o mal em sua totalidade, é preciso até mesmo pensar metodicamente o impensável, construir minuciosamente a teoria e executar meticulosamente a aplicação”. (Vignoles, 1991:25).

Enfatizando o vício, enfraquecendo a superioridade da virtude, sempre merecedora de votos, Sade mostra ao homem a própria maldade e o incita tratar dela. O choque se faz inevitável, porque o homem não estava habituado a enfrentar o mal em sua natureza, o mal que faz parte dela. Porque o caminho rumo a luz não era um caminho de rosas, já havia nos alertado Sade.

Em uma outra passagem de *Histoire de Juliette*, Sade vai questionar se existe alguma inclinação da natureza, que fizesse um homem preferir a virtude ao vício, um em detrimento do outro.

“Dans tous les événements de la vie, reprit Noirceuil, dans tous ceux, au moins, qui nous laissent la liberté du choix, nous éprouvons deux impressions, ou si on l’aime mieux, deux inspirations: l’une nous porte à faire ce que les hommes appellent la vertu, et l’autre à preferer ce qu’ils appellent le vice. C’est l’histoire

de ce choc qu'il faut examiner. Ce flux n'existerait pas sans nos passions, dit l'honnête homme; ce sont elles qui balancent les mouvements de la vertu, toujours imprimés dans nos âmes par la main même de la nature: maîtrisez vos passions, vous ne balancerez plus. Mais qui a convaincu cet homme, qui me parle ainsi, que les passions ne sont que les effets des seconds mouvements, et que les vertus sont les effets des premiers? (O.C. T. IX. p.180)".

Acentuando a natureza das coisas e explicando as causas como resultados que se originam nela mesma, o cosmos antigo teve sua crise conjuntamente com a de todos os valores considerados como absolutos. Essa degradação dos valores universais, e de toda moralidade herdada do antigo regime, favoreceu as respectivas quedas e o enfraquecimento dos mesmos nos séculos posteriores.

Sade, com sua escritura de revolta acentuada ao sistema que o condenou ao claustro inseriu-se nessa demanda crítica, que acabava por delegar à razão, todo poder e autonomia na conduta das ações humanas.

Mas ainda haviam elementos a serem combatidos. A razão não poderia simplesmente se opor a certos dogmas e se dizer absoluta, ela deveria, estar isenta de qualquer norma ou vínculo moral. E elementos que de certa forma travancassem seu perfeito desenvolvimento, seu perfeito agir, deveriam ser de uma vez por todas abolidos pelo homem de espírito livre, como mais adiante vamos discorrer a respeito.

Seria possível supor uma razão sem normas, que obedecesse apenas seus ditames e vontades. Mas se ainda estivesse condicionada, a preceitos que impedissem seu livre andamento, ela não seria de todo sem normas. E a saída para elementos como a culpa, o pecado e o castigo, não estariam na violação dos mesmos, mas antes, em um mundo sem Deus.

A noção de bem e de mal no contexto sadiano, não têm estados únicos e universais, mas sempre estágios locais e momentâneos. Assim Sade questiona em *Les Infortunes de la Vertu*:

“Constitution imparfaite de notre mauvais monde une somme de maux égale à celle du bien, il est essentiel pour le maintien de l'équilibre qu'il y ait autant de bons que de méchants, est que d'après cela il devient égal au plan general que tel ou tel soit bon ou méchant de préférence; que si le malheur persécute la vertu, et que la prospérité accompagne presque toujours le vice, la chose étant égale aux vues de la nature, il vaut infiniment mieux prendre parti parmi les méchants qui prospèrent que parmi les vertueux qui périssent?” (O.C. T.II p.258).

Assim, se o homem recebe da natureza uma porção do mal tal qual recebe uma do bem, não prescreve ela mesma uma necessária preferência de um em detrimento de outro. Trata-se mais uma vez dos afeitos da moralidade e da religião.

“Os vícios privados são em Sade, como já eram em Mandeville, a historiografia antecipada das virtudes públicas da era totalitária”. (Adorno/Horkheimer, 1990:111).

Voltando ao ateísmo professado pelo Marquês, trata-se expressamente de uma condição indispensável para o esclarecimento, para a formação de espíritos livres.

O indivíduo, com o esclarecimento de seu século tem, ao contrário do que pedia o cristianismo, a retomada de si mesmo, com a força humana de sua natureza. Retomar a si mesmo, brigar com seus próprios demônios, saber lidar principalmente com o mal que existe dentro de si, sem para isso, necessitar qualquer crença que não esteja na natureza do homem.

Quando exalta o desejo, Sade quer demonstrar que a força instintiva que move as ações humanas, não pode ser reprimida pela vida em sociedade. A castração, a dominação forçada desses instintos, implica contrariar a natureza e seus atributos essenciais.

Não poderia haver soberania do bem em um mundo corrompido; onde a igreja já tivesse comprovado seus próprios erros; onde seu dogmatismo já havia sido enfraquecido pela evolução da ciência e da biologia. O grande questionamento é supor castrar os instintos naturais, em benefício de uma instituição já corrompida e sem nenhuma razão isenção moral, pois inflige leis quiméricas, que acabam por exaltar

elementos morais sem importância, como a virgindade e a culpa, em detrimento das inclinações naturais e do desejo de cada indivíduo.

Uma interpretação da obra sadiana nos oferece aqui, o que nos remeteria a um paradoxo do que afirmamos até então. Trata-se do texto de Donald Thomas³⁰ sobre a obra do Marquês.

Neste texto, o autor nos oferece um dado histórico acerca da vida do filósofo libertino, vale dizer, de sua morte; quando trata do estudo do crânio de Sade realizado por um médico, Dr. Ramon que:

“Submeteu-o então a exame por Spurzheim, o frenólogo, que o examinou e deu sua opinião relativamente ao caráter do homem ao qual pertencera. Não havia sinal algum de excessivo desejo sexual, nem de beligerância, nem de crueldade. As duas características proeminentes, disse Spurzheim, eram a benevolência e a fé religiosa. O crânio era semelhante em todos os pontos ao de um padre da Igreja”. (Thomas, 1992:205-6).

O que nos oferece uma dupla consequência: se tomarmos como verdadeira a interpretação acima, somos levados a acreditar que, o autor de *Justine* utilizou-se de fortes críticas a Igreja e seus dogmas centrais, motivado principalmente por sua revolta contra o sistema que tirou sua

³⁰ Thomas, Donald. *Marquês de Sade_ O Filósofo Libertino*. Tradução de Múcio Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

liberdade, mas que em nenhum momento deixou de acreditar na existência de um ser supremo.

Mas nossa posição, contrária à descrita³¹ acima, evidencia o verdadeiro ateísmo na obra de Sade, declarado e defendido como única posição possível para o homem de esclarecimento. A descrição de Sade sobre a idéia de Deus evidencia certamente a posição declarada de ateu, que denuncia as atrocidades cometidas por uma igreja corrompida.

Assim, atacando os principais elementos de um governo despótico, acentua sua posição favorável diante da revolução que se instaurava.

A posição de ateu e materialista do Marquês se comprova a cada linha de sua obra, o que corrobora todas as premissas de seus argumentos contra os ditames religiosos, em defesa das naturais inclinações do homem.

Se sua luta contra a religião se acentuou em todo transcorrer da obra, foi por acreditar ser essa, um empecilho para o esclarecimento. Pois uma razão emancipada, não teria nenhuma necessidade de dogmas religiosos. Assim:

“ La superstition et le despotisme expliqueraient tous les malheurs du genre humain. L'athéisme apparaît dès lors comme une libération, une émancipation”. (Delon, 1988:259).

É exatamente esse o sentido do ateísmo no contexto sadiano: emancipação; total autonomia da razão diante de toda normatividade. Eis a grande chamada do esclarecimento defendida pelo Marquês.

Em uma palavra: a obra de Sade, mesmo tendo sido escrita no interior das masmorras, das prisões, possui todo um aparato idealizador da revolução. O esforço que pede aos cidadãos franceses em seu panfleto revolucionário é exatamente para que avaliem, e verdadeiramente se libertem de tudo o que pudesse impedir o bom uso da razão.

³¹ Essa posição distancia-se das consequências do ateísmo na obra de Sade. Sua referência, salvo o caráter especulativo, ainda que contrário a posição defendida nesse trabalho, demonstra uma possibilidade de interpretação da obra. Interpretação que distancia-se do verdadeiro ateu autor de Justine.

Capítulo 3

Imaginação como poder de transgressão.

Neste capítulo, trataremos do papel exercido pela imaginação na obra do Marquês de Sade, visto que se trata de um elemento que, como procuraremos comprovar, tem no contexto sadiano um importante papel de diante de toda liberdade, de toda emancipação defendida pelo Marquês para o homem de seu tempo, permitir a transgressão³², permitir a liberdade de ir além do lugar onde se está. Importante frisar que na situação de Sade: encarcerado a maior parte de sua vida.

A imaginação se confunde muitas vezes com seus personagens e sua vida, sua própria condição, que encontra na imaginação, a liberdade que em sua vida lhe fora impossível.

Mas antes de tratar da imaginação na obra de Sade, vale uma referência a concepção dada a essa faculdade, por outra linha de pensamento filosófico, para assinalar o estado da imaginação e compreender seu sentido na obra do Marquês.

³² Transcender em Sade, é compreendido no sentido de ultrapassar, superar o estado em que se encontra, criando uma outra possibilidade de vida que se considera superior, ou mesmo, outra possibilidade de estado, criado a partir da imaginação.

Descartes, em sua sexta *Meditação*³³, faz um exame da imaginação, como sendo aquilo que possibilita as coisas materiais. Ou seja: é a faculdade que conhece o que é presente em um corpo, algo que existe. O que difere imaginação de intelecção, diz Descartes, é que ao imaginar, o espírito volta-se para o corpo e considera nele algo de conforme a idéia que formou de si mesmo ou que recebeu dos sentidos.

Antes disso, na quarta *Meditação*, Descartes diz que a faculdade de imaginar não é necessária para a sua natureza, de onde conclui que a imaginação depende de algo diferente do espírito.

Imaginar um objeto implica ele se apresentar na consciência visualizado, uma imagem de fato. Assim, é necessário um esforço da mente, para a imaginação; precisa fazer a imagem aparecer nela. Mais ainda, a faculdade de imaginar, tal como a sensação, envolve operações corporais, além das mentais.

Em Sade, como procuraremos explicitar, a imaginação envolve-se na possibilidade de responder a um problema, pois é somente através dela, a presença do claustro, poderia ser ultrapassada. Mais ainda, imaginação em Sade não é oposta à razão, pois seu perfeito entendimento depende da clareza desta última; por isso é sempre considerada em conjunto com a razão.

³³ C.f. Descartes, René. *Discurso do Método. Meditações. Objeções e respostas. As paixões da alma. Cartas*. Introdução. Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas Gerard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

A imaginação para Sade é uma faculdade do espírito, onde os objetos são modificados através dos sentidos, e onde nascem os pensamentos, em consequência da percepção dos objetos. Ela permite sair da realidade, tão permeada de prisões e poder coercitivo. Então é somente através dela:

“Que escapará ao espaço, ao tempo, à prisão, à polícia, ao vazio da ausência, às presenças opacas, aos conflitos da existência, à morte, à vida e a todas as contradições”.(Beauvoir, 1961:34).

Quando pensamos no papel da imaginação na obra do Marquês, não nos devemos esquecer que ele foi,

“Além de preso, prisioneiro de sua imaginação. E de sua memória”.(Moraes, 1990:89).

Em toda obra, Sade demonstra ser a imaginação ato de possibilidade para todo movimento de seu pensamento.

“A imaginação é o absoluto que se manifesta através da obra de arte. O espírito de contradição só pode ser ultrapassado por meio dela. Sade escolheu as formas do romance na prisão e do teatro_ a exceção de Charenton_fora dela. Há um gozo que em Sade se manifesta no ato da escritura. *Seus personagens giram em torno da cena, como se*

*girassem em torno de si próprios*³⁴. A obra de arte se realiza assim no exato momento da sua criação, ela não possui sentido algum fora dele e mesmo que ela agrade ao gosto do público, não está a ele submetida”.(Giannattásio, 2000: 153).

A imaginação tem em Sade, a faculdade de tornar verdadeiro o próprio irreal descrito por ele, e sempre impossibilitado de se concretizar.

Podemos ir um pouco além e apreender que somente através dessa faculdade, toda licenciosidade, todo esse movimento constante e incansável a obra seria possível.

O excesso permeia cada linha descrita pelo Marquês e todo o furor das cenas descritas por ele.

Por isso, toda moralidade imposta, toda forma de coerção, seria ultrapassada através da imaginação. Ela transcende³⁵ assim a própria razão e Sade tem nela o exercício mesmo de toda liberdade possível no homem.

E levando a cabo toda racionalidade possível, Sade tem na imaginação a criação de meios para fins racionais, ela permite, a partir dos personagens libertinos, transcender o espaço da alcova em descrições humanamente impossíveis de se concretizar.

³⁴ Grifo nosso. Nessa passagem, o autor demonstra o que defendemos aqui de movimento da obra sadiana. Um movimento que, ainda que constante em toda obra, é circular, metáfora mesmo da prisão, livre na imaginação e conseqüentemente na mente desse autor.

³⁵ Na medida em que permite ao seu autor, sair da condição de preso, criando um outro mundo, permitindo uma liberdade sem condicionamentos, e o homem diante da própria verdade, sem a voz e a imposição da moralidade.

“A razão e a imaginação mantêm relações distintas com a ordem do natural, pois, se de um lado, a razão de funda na capacidade de criação de semelhança entre objetos distintos, de outro, a imaginação perverte a artificialidade do que se crê natural, criando novos sentidos a partir da aproximação de realidades incomensuravelmente distantes. Como se a indeterminação da palavra não bastasse à excitação dos sentidos, Sade cria e desenvolve novos artifícios para a produção da imaginação, convocando o auxílio do leitor para o trabalho”. (Idem: 156).

Com a imaginação, toda realidade vem à tona na obra de Sade, como real possibilidade de transgredir o espaço perceptivo, relacionado com o estado de Sade, no cárcere, mas também de transgredir o condicionamento dado pela civilização ao homem.

Mas o que aparentemente parece fácil, ou seja: aceitar que a imaginação poderia alicerçar a transgressão dos valores e do espaço, não poderia deparar-se com nenhuma conduta que pudesse arrefecê-la, que pudesse fazê-la retroceder em seu objetivo.

Desse modo, não podemos pensar imaginação no contexto sadiano separada de sua concepção de liberdade; separada da ausência de normas e valores. Na verdade, um elemento não se apreende separado do outro no contexto sadiano. Assim, imaginação está profundamente relacionada com o ateísmo professado pelo Marquês, que por sua vez, está relacionado com o materialismo continental de seu tempo, que permeia toda a obra, em

conjunto com o sensualismo hedonista, que juntos alicerçam todo o pensamento desse autor controverso e muitas vezes paradoxal.

Para que possamos compreender melhor o imaginário no contexto sadiano, devemos, pois entender sua concepção de liberdade, dado que a imaginação que o Marquês evoca não está condicionada a nenhuma forma de autoridade. Por isso, imaginação fica expressamente ligada a sua concepção de liberdade.

Associar a liberdade do indivíduo, ou mesmo tratá-la em conjunto com a imaginação, pressupõe que, somente um espírito livre de qualquer imposição normativa poderia conseguir fazer bom uso de seu imaginário.

Livre, entendemos que, para o autor de *Justine*, é aquele indivíduo que, em concordância com sua própria razão e somente de acordo com ela, *ousou saber*, considerando todos os propósitos do esclarecimento. Voltando um pouco ao texto kantiano: aquele que saiu de sua menoridade para agir e decidir de acordo com sua própria razão, sem a direção de outrem.

Mas uma razão livre pressupõe a completa ausência de limitações, imposições que, por motivos diversos, ou o maior deles: a manutenção social acaba por atravancar essa razão. Impondo a ela condições que se confrontam com sua própria vontade.

E foi contra essas imposições que Sade dedicou sua obra: uma luta constante diante de todas as amarras, consideradas por ele como quiméricas, resultantes não da natureza do homem, mas do desejo de

dominação de alguns, do desejo de se viver em sociedade, em detrimento das próprias vontades e desejos.

Por isso, demolir os valores da igreja e explicitar seus motivos errôneos de controle, bem como esgotar toda crítica aos costumes e a crença absoluta em seus preceitos, seriam condições essenciais para uma razão livre.

Parte daí a importância em tratar a concepção sadiana para liberdade, tomando a concepção de Hobbes sobre o assunto a fim de elucidar a posição de Sade, que muito se assemelha, no que concerne a definição de liberdade.

No capítulo XIV do livro I do *Leviatã* ³⁶Hobbes escreveu:

“Por liberdade entende-se, conforme a significação própria da palavra, a ausência de impedimentos externos, impedimentos que muitas vezes tiram parte do poder que cada um tem de fazer o que quer, mas não podem obstar a que se use o poder que lhe resta, conforme o que seu julgamento e razão lhe ditarem”.(Hobbes, 1974: 82).

Na passagem acima podemos fundamentar a concepção sadiana para liberdade. Pois é exatamente dessa *ausência de impedimentos externos* que uma razão livre necessita para seu bom funcionamento. A

³⁶ Hobbes, Thomas de Malmesbury. *Leviatã ou Matéria, forma e Poder de um estado Eclesiástico e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo; Abril Cultural, 1974.

definição hobbesiana para elucidar a posição de Sade a esse respeito certamente não se deu de forma gratuita, visto que Sade leu o autor do *Leviatã* e por vezes mencionou sua obra.

A propósito da leitura de Sade da obra hobbesiana, valem aqui de uma observação apenas a título de elucidação a esse respeito. No texto, Sade: *O desejo de saber e o Desejo de Corromper*, Claude³⁷ Lefort escreveu sobre Sade:

“Ele não menciona Hobbes, mas retoma para si a tese segundo a qual o estado de natureza é uma guerra de todos contra todos. Somente ele evita assinalar que o estado civil nasce da impotência do homem em sustentar essa guerra, essa terrível provação”.(Lefort, 1990:255).

Mas em uma passagem de *La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la Vertu*, Sade se refere a Hobbes ao tratar de justiça e injustiça de uma ação. Assim:

“La seule punition que nous devons recevoir d'avoir fait cette action consiste dans la permission qu'un autre a de la commettre également envers nous: 'La justice ou l'injustice d'une action, dit Hobbes, dépend du jugement Seul de celui qui l'a faite: ce qui le tirera hors de blâme et justifiera son procédé'. La seule cause de

toutes nos erreurs vient de ce que nous prenons toujours pour le lois de la nature, ce qui ne vient que des coutumes ou des préjugés de la civilisation”.(O.C. T. VII. p.106).

Voltando a concepção hobbesiana de liberdade para fundamentar a liberdade no contexto sadiano, o Marquês vai afirmar que, para uma razão livre, não pode haver impedimentos, pois um espinho apenas bastaria para arrefecer seu propósito, utilizando aqui as palavras do próprio Marquês.

Por outro lado, Hobbes afirma:

“Porque enquanto cada homem detiver seu direito de fazer tudo quanto queira todos os homens se encontrarão numa condição de guerra”.(Hobbes, 1974:83).

Mas esse estado de guerra vai perdurar e estar constantemente presente no contexto sadiano. Porque o Marquês leva ao extremo, o impulso de usar de seu próprio julgamento para atingir seus objetivos, encontrando na própria natureza a destruição, por isso consegue justificar seus impulsos.

A guerra de todos contra todos, vai atingir também o estado civil de modo que, embora criando leis que consigam frear os impulsos naturais, o

³⁷ C.f. Lefort, Claude. Sade: *O Desejo de saber e o Desejo de Corromper*. In: *O Desejo*. Adauto Novaes (org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

advento da civilização não consegue eliminar essa guerra; que sempre presente, vai se impor também nas sociedades civilizadas.

Diante disso a destruição, tão presente no estado de natureza, vai ser em Sade uma constante; vale a referência ao cárcere vivido pelo Marquês: não se poderia destruir um homem, privando-lhe a liberdade de ir e vir. E Sade demonstrou claramente isso, em sua emergente necessidade de escrever, de externar o que havia de contido; expulsando os demônios recônditos da natureza do homem.

Se a revolução era necessária, mesmo preso, o Marquês tinha seu papel como cidadão, como idealizador dela. E encontrou na necessidade de denunciar, de tratar aquilo que impedia o verdadeiro esclarecimento, todo impulso em levar o homem a burlar toda forma de arbitrariedade.

Neste denunciar permanente, Sade remete o leitor a questões que fundamentalmente anulam qualquer perspectiva das imposições a seguir permanecerem: Porque continuaria a acreditar em uma religião que condena exatamente aquilo que pratica? Como levar ao extremo uma moral que sustentasse absurdos sempre em detrimento do próprio indivíduo? Como ser conivente com um pacto social que, proposto pelos soberanos, consegue somente atingir seus próprios interesses?

A resposta para essas questões seria encontrada somente em um acontecimento: a revolução, que se anunciava e que necessitava se fazer presente. Assim ele escreveu em *La Philosophie dans le boudoir*.

“Tout changement plaît aux hommes. Las du despotisme des emereurs, une révolution devenait nécessaire. On écoute ces fourbes, leur progrès devient très rapide: c’est l’histoire de toutes les erreurs. Bientôt les autels de Vénus et de Mars sont changés en ceux de Jésus et de Marie.” (O.C. T.III.p.409-410).

Dessa maneira, a urgência da revolução diante de todo despotismo, maior inimigo de Sade, era inevitável. Nesse ponto, é indubitável sua importância, pois ainda no cárcere, ainda privado de sua liberdade, o Marquês fez ecoar sua voz nos ideais da revolução.

Em seu panfleto revolucionário, o Marquês defende a revolução não como um homem isolado, distante da sociedade e despreocupado com os rumos da política de seu país, mas sim:

“Como um patriota e um republicano convicto, como um ardente defensor da revolução. Com uma só reserva: ele não a considera terminada. Daí seu apelo aos franceses: ‘mais um esforço’. Ele utiliza à grande língua da virtude; depois, enquanto examina a melhor maneira de fundar a República, ou de melhor estabelecê-la sobre fundamentos indestrutíveis, sua linguagem aos poucos se torna a linguagem da alcova”. (Lefort, 1990:254).

Ainda acerca da guerra de todos contra todos, máxima hobbesiana presente na obra do Marquês, o que nos interessa frisar é que essa guerra, em Sade permanente, existe entre os homens independente das leis ou da moral; desse modo, o que realmente impera na guerra são as vontades do homem e seu egoísmo natural. Assim escreveu Hobbes, ainda no *Leviatã*:

“Desta guerra de todos os homens contra todos os homens também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de bem e mal, de justiça e injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum não há lei, e onde não há lei não há injustiça. Na guerra, a força e a fraude são as duas virtudes cardeais. A justiça e a injustiça não fazem parte das faculdades do corpo ou do espírito”.(Hobbes, 1974:81).

Por isso, a guerra existe independentemente da existência de normas para a conduta humana. A moral e a igreja viriam impor suas vontades para uma melhor conduta e o fim aparente dessa guerra.

Ao que nos interessa, vale ainda, mencionar a importante presença de Hobbes em Sade quando de sua definição de liberdade.

A liberdade em Sade, evocada em sua escritura, é levada para um constante movimento de contradições. É a imaginação que permite a realização de sua obra; permite a circularidade de partir e chegar ileso de toda licenciosidade.

Diante de todas as formas de autoridade e imposições, a imaginação se torna a grande responsável pela realização de transgredir na obra de Sade. É sempre bom enfatizar: uma imaginação livre de todo e qualquer poder coercitivo. Ainda em *La Philosophie dans le Boudoir*, a personagem de *Madame de Saint-Ange* fala para a menina *Eugénie* sobre a imaginação:

“Cette capricieuse portion de notre esprit est d’un libertinage que rien ne peut contenir; son plus grand triomphe, ses délices les plus éminentes consistent à briser tous les freins qu’on lui oppose; elle est ennemie de la règle, idolâtre du désordre et de tout ce qui porte les couleurs du crime”.(O.C. T. III. p.429).

Por isso, a imaginação, de todas as faculdades do espírito, é a que mais pode fazer uso da liberdade mencionada acima, e somente através dela, Sade conseguiu realizar suas inúmeras cenas de licenciosidade e mesmo construir, uma vez privado de sua liberdade, todo o seu sistema.

A imaginação permitiu ao Marquês ir para além das paredes da prisão, para participar da revolução que eclodia diante de seus olhos. Foi ela também que permitiu todo o movimento de sua obra, todo o transgredir de normas.

Em suma, se seu autor não poderia fazer parte dos principais idealizadores da revolução pelo lado de fora da prisão, seu feito maior foi o de ter participado dela, mesmo no confinamento em que viveu grande parte de sua vida.

Neste sentido é que tratamos aqui o sentido de transgredir na obra de Sade, pois somente através da imaginação conseguiu transpor as paredes e o espaço fechado, para finalmente dar seu grito de revolta; por isso a escrita foi tão importante em sua vida, tais como as necessidades vitais do ser humano, é ela que coloca sentido em sua existência inquieta.

Nessa perspectiva, Sade não pôde compartilhar, ou mesmo trilhar o mesmo caminho dos filósofos de seu tempo, pois enquanto estes pensavam na lógica para assim conseguir um método confiável, estando sempre em terreno firme³⁸ e livre de inimigos, o Marquês:

“Ao contrário do filósofo do século XVIII, constrói uma filosofia do exílio, demarcando o seu território privilegiado: a imaginação”.(Giannattásio, 2000:148).

Compreender imaginação na obra de Sade implica aceitar que um espírito livre de toda e qualquer norma ou imposição, que tem plena consciência de sua capacidade de ir além do que pode se julgar possível.

Como se mostrasse que o homem, para transgredir o espaço, ou mesmo as imposições que lhe eram inculcadas, deveria fazer uso dessa faculdade; pois qualquer forma de imposição ou preconceito impediria a imaginação de agir livremente. Desse modo:

³⁸ C.f. Giannattásio, Gabriel. *Sade-Um Anjo Negro na Modernidade*. São Paulo: Imaginário, 2000.

“L’imagination ne nous sert que quand notre esprit est absolument dégagé de préjugés: un seul suffit à la refroidir”.(O.C. T. III p.429).

Na passagem acima, podemos apreender que, para um perfeito uso da razão era necessário, um completo desprendimento de normas e valores, o que Sade sempre se refere como espinhos no caminho de rosas, onde espinhos seriam os valores, as crenças, e a própria moral. As rosas, o espírito livre de toda condição normativa, respectivamente. Mais uma vez podemos aqui, evidenciar o caráter metafórico de certos elementos no contexto sadiano.

O que buscamos evidenciar, é que o imaginário é certamente o que confere a Sade levar seu projeto ao extremo, e segundo a passagem acima, somente um espírito livre de qualquer imposição poderia fazer melhor uso dele.

E voltamos a questão do espírito forte, preparado para ter livre sua faculdade de pensar por si mesmo. Forte para acreditar no esclarecimento como ascensão, como, no sentido kantiano do termo, poder sair de sua menoridade. Somente um espírito livre, poderia fazer bom uso da imaginação, os esclarecidos, os livres; os homens isentos de preconceito e valores.

A imaginação por certo, foi o único meio pelo qual Sade conseguiu chegar a certos fins, ou seja, a realização de seu projeto, com a visão do cárcere e com toda consciência. No sentido de, no êxtase da volúpia, um olhar apático tomar lugar de toda e qualquer possibilidade de prisão, ainda que interior. Quando não havia saída, Sade encontrou na imaginação a arma mais poderosa para o desenvolvimento de seu projeto.

“ Es a través de la voluntad que la imaginación se pone en movimiento y encuentra la dirección deseada; después, en un determinado momento, la imaginación domina y se sobrepone momentáneamente a la voluntad.” (Gorer, 1969:259).

Fica sempre a questão que nos remete a seu estado carcerário: se a própria imaginação poderia ignorar a prisão, deixando de lado, toda irreabilidade física dos acontecimentos, então seu mundo e seu sistema só existiram na imaginação.

Daí certamente seu fundamento utópico: quando descreve milhares de cenas, com digressões filosóficas, em um mundo fora de toda civilização. Em uma palavra, um mundo metafórico, para fundamentar sua forte crítica ao despotismo e declarar seu anseio por liberdade. Por isso:

“Sade foi executado em efígie; da mesma forma”,
ele só matou em imaginação.”(Camus, 1996:64)”.

Somente a vítima tinha os preconceitos e valores morais a serem combatidos. O libertino ao contrário, ocupava-se de outros fatores. Ele estava sempre rodeado de seus devassos, objetos de seu próprio prazer, ou de sua busca, onde longe de todos, conseguia satisfazer os seus objetivos.

Mas assim, ele nos leva a questionar o caráter utópico de seu sistema, e sua obra se remete a responder que a filosofia na alcova, ou seja: o espaço fechado, onde o indivíduo poderia agir de acordo com seus instintos naturais, sem nenhum tipo de preconceito.

“O Marquês tematiza um tipo de intimidade que não encontra lugar onde se realizar. E, ao propor um espaço privado que se constitui como avesso ao lar, opondo-se ao modelo rousseauiano, Sade não está apenas construindo uma intimidade negativa: se o *boudoir* é contra a sociedade, ele representa, mais que isso, a criação de uma privacidade para o indivíduo”. (Moraes: 1991:205-6).

A alcova sadiana designa o espaço de total liberdade para o homem que está nela, espaço onde, longe de todas as normas sociais e morais de uma sociedade, o indivíduo segue suas próprias leis e sua própria natureza.

“O espaço da alcova é ao mesmo tempo território da teoria e da prática, bem como centro de produção e reatualização do imaginário”.(Giannattasio, 2000:30).

Mais ainda,

“Metáfora da interioridade e do absoluto, o castelo sadiano representa o lugar por excelência onde o claustro é libertador, afirmando o triunfo do libertino sobre o espaço e o tempo. Triunfo sobre a grande natureza que, do lado de fora, anuncia a finitude do homem”.(Idem: 98).

O que acontece, em uma palavra, são sucessivas e repetidas cenas de licenciosidade, em meio a digressões filosóficas, a sua maneira de encarar o mundo das idéias e a natureza do homem. Isso em longo prazo se pensamos no homem Sade, preso, com sua pena e papel a escrever, e seus personagens dentro desse movimento constante de idéias e acontecimentos.

De uma hora para outra, isso tudo poderia cansar, tanto ao seu autor, quanto aos personagens, quase sempre tratados por Sade como encenando uma peça de teatro.

Mas seu desejo de existência, de dar a si o sentido de viver, externando isso para sua obra e personagens, encontra na indiferença a algumas situações e na própria imaginação, elementos de renovação; como se houvesse sempre uma alternativa no movimento.

Não encontramos silêncio, não encontramos estados inertes em Sade. Em sua obra, tudo pede movimento. Tudo se esgota e se renova ao mesmo tempo. Quando parece estar acabando, quando o leitor olha estarecido e diz: Nossa, então era isso? Sade faz uma reviravolta e recomeça tudo. E esse movimento constante de personagens, fusão de corpos, Sade também vai levar para a revolução, tornando esta uma constante para o homem moderno.

Em uma palavra, o movimento é constante. A imaginação não permite cansaço, ela pode sempre renovar o espírito inquieto desse autor e seus personagens.

Se aceitarmos o que escreveu Sade em uma carta inédita³⁹, provavelmente destinada ao cardeal de Bernis; quando se refere ao entusiasmo como uma obrigação cotidiana, comprovamos certamente a condição para se manter vivo e pulsante, para fugir do tédio de si mesmo⁴⁰ e aquele proporcionado pelo marasmo de seu cárcere.

³⁹ Lançada recentemente aqui no Brasil. C.f. Sollers, Philippe. *Sade contra o ser supremo*; precedido de Sade no Tempo. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

⁴⁰ Por isso há sempre em Sade o si mesmo e o outro. Utilizar-se de si mesmo levaria ao tédio, que tanto ele temia. Na figura do outro, existem muitas possibilidades, inclusive, a primeira delas, a linguagem, o ser e o outro.

Eis as condições para se manter vivo: o entusiasmo, a apatia, a imaginação renovadora. Desse modo, há sempre um caminho a percorrer, sem cansaço, nos braços da liberdade dos instintos.

Nessa mesma carta⁴¹, Sade afirma que, na ausência de sua obra, os homens continuariam a tirar prazer das inúmeras paixões que permeiam seu espírito sem, no entanto, conseguir *se dar conta disso*. Ou seja, chamando para si, a consciência de tratar das paixões humanas com tanto entusiasmo.

Como ele, ninguém tratou das paixões humanas com tamanho entusiasmo e furor; em sua denuncia do mal, talvez por isso ele ainda hoje incomode muitos leitores.

Com a revolução que sua obra reivindica, nos remete a apreender que, era finalmente chegado o momento de saber lidar com o mal na natureza do homem. Com a ausência de toda arbitrariedade, a verdade do homem, a maldade humana é reconhecida como parte de sua natureza e por isso, deveria ser tratada em conjunto com as demais inclinações humanas.

Se a filosofia, como disse sua personagem *Juliette*, devia saber dizer tudo, o homem teria que lidar com o mal que existe em seu ser, e a única forma que Sade realizou este feito foi inquestionável. Não quis tratar do coletivo em si mesmo, de seus aspectos gerais, mas partes importantes da natureza do homem.

⁴¹ Idem. p.90.

“Só⁴² o singular é verdadeiro. O mais singular é o mais verdadeiro”.

Mostra de uma certa forma, uma liberdade do homem que não pode ser tida no mundo civilizado, no meio social. Uma liberdade inata e interior, renunciada anteriormente pelo homem para poder viver em sociedade. E na alcova, no castelo, essa liberdade é colocada para fora com toda fúria diante da coerção do mundo civilizado.

“O espaço da alcova é ao mesmo tempo território da teoria e da prática, bem como centro de produção e reatualização do imaginário”. (Giannattásio, 2000:30).

No cárcere, Sade se encontra isolado das manifestações de força, mas no imaginário, ainda que no espaço fechado da alcova, a razão não encontra freios, e a revolta a toda arbitrariedade se faz presente.

“Prison et imagination romantique. La fin du XVIIIe siècle annonce l'importance du thème carcéral. Les espaces oniriques du roman noir ou 'gothique' correspondent sans doute à un besoin de descendre vers l'irrationalité des profondeurs et le réfrécissement labyrinthique. (...) La fin du XVIIIe siècle est sans doute un âge de 'raison'; c'est aussi un âge qui se délecte d'horreur_ fascine par

⁴² Idem, ibidem.p.48.

toutes les manifestations du despotisme. L'obsession des murs, cryptes, vocations forcées, procédures inquisitoriales, correspond à l'éveil d'une révolte contre l'arbitraire."(Brombert, 1975:14)".

Assim, a imaginação no contexto sadiano, permite transgredir os espaços fechados, através dela poderia ter uma liberdade natural, sem a autoridade dos déspotas, sem as arbitrariedades por Sade denunciadas.

E ao fazer isso, anuncia que a revolução deve mesmo ser constante; não existem verdades absolutas a seguir, nem mesmo dogmas que conseguissem ser seguidos em todos os tempos; não há costumes comuns a todos os povos; os valores se alteram, assim como o clima de um lugar para o outro, mas o indivíduo sempre pode ver entre os muros, a liberdade que a imaginação sugere e permite.

Na imaginação, a realidade então proibida (o cárcere de Sade), dá lugar a uma revolta, que traz de volta a liberdade.

E dessa experiência de poder ser livre na prisão; através dos muros e dentro das alcovas, os personagens e seu próprio autor assinalam a imaginação como fundamental na realização de todo individualismo, da inquietude do homem diante do despotismo.

De por fim, realizar a revolta que transformaria a sociedade, uma revolta as voltas com o terror. Uma revolta na prisão e que caminha até ela, sendo sempre ultrapassada pela imaginação.

Mas é exatamente quando, a imaginação consegue usurpar a vontade, que se insere por um lado, toda a individualidade sadiana, em que trata o outro como instrumento na busca do prazer e por isso, impedido do mesmo e por outro; todo desenfrear de sua linguagem, de seu discurso revoltado, da loucura, do furor incontido.

O individualismo poderia mesmo ser ultrajado? A questão se resolve com a possibilidade de aceitar o movimento circular da obra de Sade, pois levando ao extremo, um conceito de natureza que defende a destruição de suas próprias obras, chegaria a ponto de, no mais alto grau da transgressão, no sentido mesmo de ultrage, ter de voltar a si, pois era chegado o limite, de onde não seria possível seguir adiante.

Talvez fosse oportuno nesse momento, enumerar alguns aspectos desse individualismo sadiano, para sustentar nossa idéia de que, por se achar injustiçado pela República a que fazia parte, ele se virou contra as vontades da civilização.

O fato de seu pensamento correr sempre às margens de todo e qualquer movimento de idéias, o fato de seus libertinos, no fundo, estarem sempre sozinhos; pois quando trata do outro, é mesmo como alguém que não estaria no lugar deste.

Vale a referencia da célebre passagem de *La Philosophie dans le boudoir*, onde Augustin, o jardineiro, tem que sair quando vai começar a ser lido o panfleto revolucionário; comprovando que o texto seria para espíritos fortes, livres de todo preconceito, e o jardineiro não havia ainda

encontrado o caminho das luzes. Neste texto, a crítica aos costumes e a toda autoridade de uma religião, que Sade busca anular o sentido, são presentes; e almejando o verdadeiro esclarecimento, requer um esforço do povo francês diante da revolução.

Pregando sempre indivíduos fortes, capazes de ultrajar as imposições em benefício da liberdade de agir e pensar, o Marques com seu furor desmedido, sua maneira de levar tudo as últimas conseqüências, seja através da própria vontade, seja pela condição subordinada dos outros diante de si.

E quando tudo parece perdido, ele pede um esforço mais, e através da imaginação consegue ir além da própria caminhada humana.

O que de fato acontece é, quando parece estar tudo em seu devido lugar, em uma esfera totalmente lógica, ainda existe o imaginário, que joga com o interdito para permitir a transgressão. Esse ir além de si mesmo, através de um espírito livre de preconceitos ou normas, no espaço físico através da imaginação, permite o triunfo da transgressão diante do interdito. Desse modo:

“Esse⁴³ jogo dialético entre a consciência do interdito e o empenho de transgredi-lo conferira a mecânica do prazer erótico, cujos caminhos são tão variados, indo desde as insinuações da seminudez até o desbragamento do nome sujo”.

⁴³ Paes, José Paulo. *Erotismo e Poesia: dos gregos aos surrealistas*. In: *Poesia erótica em tradução; introdução e notas de José Paulo Paes*. São Paulo: companhia das letras, 1990.

Sade parece mesmo jogar o tempo todo com elementos importantes de sua narrativa, e a viagem não se finda, não há cansaço, apenas volúpia. Os corpos se assemelham as máquinas, o desejo sempre pronto, o libertino sempre tendo diante de si o outro, figura inseparável de sua arquitetura.

Nessa exaltação das paixões, o Marquês de Sade reivindica uma liberdade que pudesse abarcar todas as necessidades instintivas do homem. Pois se existem, não deveriam ser abolidas, mas sim reconhecidas como parte da natureza humana.

Voltamos ainda ao texto de Mandeville, onde ele escreveu que os verdadeiros prazeres dos homens de natureza são aqueles chamados de sensuais. O que confirma mais uma vez a leitura sadiana do texto mandevilleano.

“ Así he demostrado que los verdaderos placeres de todos los hombres naturales, si juzgamos por sus actos, son mundanos y sensuales; y digo todos los hombres naturales porque de los cristianos devotos, que son los únicos que aquí se exceptúan, encontrándose regenerados y asistidos preternaturalmente por la Gracia Divina, no se puede decir que sean naturales. ¡Que extraño es que todos nieguen esto tan unánimemente! Preguntad, no solamente a los teólogos y moralistas de todas las naciones, sino también a los ricos y poderosos, acerca de los verdaderos placeres, y os contestarán, de acuerdo con los estoicos, que no puede haber

verdadera felicidad en las cosas mundanales y corruptibles; pero, contemplad después sus vidas y veréis que sólo con ellas se deleitan”. (Mandeville, 1982:106).

Mas essa liberação dos instintos evocada pelo Marquês vai contra os propósitos de organização de uma sociedade, porque permitir ao homem agir de acordo com sua própria natureza, no que se refere as paixões, certamente levaria a sociedade ao caos completo. E voltamos uma vez mais a questão de vicio e virtude em Sade.

Se tudo o que existe na natureza do homem, não deve de maneira nenhuma ser aniquilado, seja em benefício do que for, e ao mesmo tempo o homem deve conseguir viver em sociedade para seu bem estar e de toda república; um acordo entre ambas as necessidades deve ser feito.

E Sade sugere então que se façam casas, locais variados, para a prática libertina, se podemos chamar assim; para toda a realização daquilo que permanece oculto nos meandros sociais. No panfleto, ele escreveu:

“Différents emplacements sains, vastes, proprement meublés et sûrs dans tous les points, seront érigés dans les villes; là tous les sexes, tous les âges, toutes les créatures seront offerts aux caprices des libertins qui viendront jouir, et la plus entière subordination sera la règle des individus presentes; le plus léger refus sera puni

aussitôt arbitrairement par celui qui l'aura éprouvé". (O.C.T. III. p.512).

Mais adiante ele vai justificar a necessidade desses lugares:

"Or, toutes les fois que vous ne donnerez pas à l'homme le moyen secret d'exhaler la dose de despotisme que la nature mit au fond de son coeur, il se rejettera pour l'exercer sur les objets qui l'entoureront, il troublera le gouvernement". (Idem, ibidem).

O autor de *A Fábula das Abelhas* reconhecia nesses lugares, benefício para a economia de um governo:

"Los sábios gobernantes de esa bien ordenada ciudad siempre toleran un determinado número de casas en las cuales se alquilan mujeres tan abiertamente como los caballos en una cochera de alquiler. Y puesto que esta tolerancia encierra una gran cantidad de prudencia y economía que vale a pena conocer, no creo que una breve relación de esto resulte una digresión fatigosa". (Mandeville, 1982:60).

A liberdade dos instintos seria então respeitada e não aniquilada, como defendia a igreja e os costumes; e não causaria dano algum para a sociedade.

Em suma, Sade vai defender em toda obra que, tudo o que existe na natureza não deve ser abolido, mas sim, encontrar um acordo entre seus interesses e os de uma sociedade para o bom funcionamento de ambos. Essa passagem do texto de Octavio Paz⁴⁴ retrata bem a realidade na qual o pensamento de Sade se insere e defende:

“As paixões são naturais. Aboli-las é impossível; reprimi-las é nos mutilar ou provocar explosões mais destruidoras. O homem europeu é um doente porque é meio homem. A civilização cristã sugou-lhe o sangue e os miolos. Pensamos mal, vivemos mal; melhor dizendo, desvairamos e desvivemos. Somos governados por feras disfarçadas de filantropos. Nossa religião é uma impostura na qual o medo se junta à ferocidade: um deus quimérico e um inferno que seria ridículo não fosse um pesadelo em pleno dia. Nossas leis consagram o crime e a opressão – os privilégios, a propriedade, as prisões, a pena de morte. (Paz, 1999:73-4)”.

A revolta sadiana está ao redor dessa passagem. Seu grito desesperado permeia toda realidade, que declarou em sua obra. Daí a necessidade de participar das mudanças de seu país, ainda que preso. Parte daqui a importância de se ultrapassar o espaço físico, em benefício dessa luta declarada a toda normatividade.

⁴⁴ C.f. Paz, Octávio. *Um Mais Além Erótico: Sade*. Tradução de wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.

Com a transgressão do espaço físico, não existe mais o sagrado a ser interdito; não existem por isso caminhos obscuros ao libertino. A clarividência das luzes permite sua ascensão suprema.

Sem freios externos a si mesmo, o libertino vive a seguir normas impostas por seu grupo, para seu bem estar, e aqui levantamos uma questão por onde se insere o capítulo seguinte, ou seja: quando trata de uma ordem bem próxima aos anseios coletivos das individualidades ali presentes, Sade já anuncia sua crítica a idéia de pacto social entre os homens, pois no interior da alcova, a relação entre os homens acontece de forma mais direta.

Capítulo 4.

Da crítica de Sade à Idéia de Pacto Social.

Na obra do Marquês de Sade, a exaltação da natureza, como já conseguimos apreender, é constantemente afirmada, já que segue apenas uma formação que, livre de normas e condicionamentos; conhece unicamente o processo natural de criar e destruir suas próprias obras, defendendo a destruição como parte da natureza do homem.

Dessa forma, tudo o que fora colocado após a natureza, seria imposição social para a ordem das criaturas. Isso ocorre com as leis da sociedade, que nada mais são, diz Sade, que proposições para o perfeito funcionamento da máquina social. Até aqui muito válido, pois sem as leis, a vida social seria primária e bestial, no âmago mesmo da própria barbárie, e com problemas em seu funcionamento.

No presente capítulo, trataremos da crítica de Sade à idéia de pacto social entre os homens, tomando como exemplo, a idéia de pacto descrita por Rousseau em seu Contrato Social.

Mas antes do desenvolvimento do propósito desse capítulo, devemos ainda uma vez, insistir na constante ambigüidade presente na obra de Sade. Pois quando trata das leis e o poder do governo, muitas

vezes defende uma posição, e logo se encontra uma outra diferente. Isso pode ser compreendido, nesta passagem do texto de Roland Barthes sobre Sade, em que trata do horror tido do Marquês ao pão:

“Sade não gosta de pão. Isso tem uma razão duplamente política.

Por um lado, o pão é emblema de virtude, de religião, de trabalho, de pena, de necessidade, de pobreza, e é como objeto *moral* que deve ser desprezado; por outro, é um meio de chantagem; os tiranos escravizam o povo ameaçando retirar-lhe o pão; é um símbolo de opressão. O pão sadiano é pois um signo contraditório: moral e imoral, condenado no primeiro caso pelo Sade contestatório e no segundo caso pelo Sade republicano”.(Barthes, 1990:118-9).

Essa ambigüidade, vai também acompanhar toda crítica de Sade a idéia de pacto social. A posição de Sade, sempre permeada de contrariedades, tem na ambigüidade a explicação para a dificuldade em dar ao seu pensamento, uma posição precisamente definida.

Voltando ao nosso propósito, não se trata, como poderemos apreender, de pensar o homem isoladamente, mas antes, propor leis mais brandas, que possam considerar o indivíduo diante da coletividade. Desse modo, os anseios de cada um seriam considerados, e a sociedade em que vive teria meios para lidar com a própria natureza.

Se a sociedade libertina descrita por Sade, não permite sua idealização, ela nos oferece elementos para uma verdadeira reflexão, diante dos valores e normas que conduzem o mundo civilizado.

O materialismo em sua obra é resultado de uma filosofia fundada na experiência e na razão; onde a natureza é exaltada em detrimento das leis e a moral, já que são consideradas arbitrariedades sociais. Quando trata da corrupção, Sade instala seu pensamento na esfera política, solicitando a natureza e a vontade do homem, como alicerces para uma sociedade bem ordenada.

“Por mais abalado que esteja o ensino clássico nos tempos modernos, a crítica política da corrupção foi sempre formulada e reformulada toda vez que se instaurou o processo da tirania, ou de uma monarquia que evoluísse em direção ao absolutismo; toda vez que se instaurou o processo da tirania, ou de uma monarquia que evoluísse em direção ao absolutismo; toda vez que se denunciou o poder arbitrário a que se arrogavam os supostos representantes do povo; toda vez que se descreveu a degradação dos povos que se habituaram à servidão”.(Lefort, 1990:248).

Com a moral e as leis do Estado, os instintos naturais dos seres humanos passaram a ser controlados e muito fizeram com que se ocultasse a evidente desigualdade entre os homens; levando adiante a idéia da Declaração dos Direitos Humanos de que todos são iguais.

Sade nos diz exatamente o contrário: dois homens não podem ser considerados iguais, se apenas um deles apresentar uma força física que seja superior ao outro; do mesmo modo, o homem rico não é em nenhuma hipótese igual ao homem pobre.

Mas quando sua obra exalta o vício, Sade diz que, se por algum motivo, o destino diferenciou os homens após o nascimento, cabe à astúcia reparar esse capricho.

A subordinação dos instintos naturais, ou seja: a renúncia do homem civilizado de sua natureza, confirma uma verdadeira agressão ao homem, por levá-lo a esconder de si mesmo, ou antes, fazer com que ele prime pelo bom andamento da sociedade, renunciando a seus instintos, de sua própria natureza.

A lei, ao buscar conter a agressividade do homem, pratica outra em igual medida, remetendo-o para um mundo castrado e condicionado à vontade social.

A relação entre os homens na obra de Sade é mediada por objetivos comuns. E essa é a única relação aceitável, porque o Marquês questionou a necessidade de uma ligação social entre os homens, subordinadas ao poder de outrem.

Na verdade, diz Sade, as relações entre os homens não seriam mais que compartilhar interesses comuns, mas de forma mais direta, sem intermediações, que na verdade primam pela perda de sua individualidade,

fazendo dele parte de um todo social, condicionado aos mesmos modos e normas.

Como poderemos compreender neste capítulo, as leis, quando primam para o benefício do bem comum, ou antes, aos interesses daqueles que as produzem, acabam por sublimar a verdadeira desigualdade entre os indivíduos.

Vale ressaltar que, toda obra de Sade reflete uma resposta a Rousseau, onde em vários momentos, como tentaremos explicitar aqui, Sade parece mesmo dialogar com o filósofo genebrino. Essa citação é bastante longa, mas deve ser feita em sua íntegra:

“On devine alors la configuration politique de cet espace de la débauche: derrière le renoncement à la loi, on lira l’abandon de tout pacte ou contrat social et le retour de l’humanité à un ‘état de guerre perpétuel’, dans lequel chacun se définit tour à tour comme victime ou bourreau, mais jamais comme citoyen. Partis de la même expérience de la solitude, Sade et Rousseau s’opposent alors en tout point. Chez Rousseau, c’est dans le silence des passions que peut se faire entendre la voix de la volonté générale; le contrat social substitue à la relation d’individu à individu la relation solitaire du citoyen à la loi. Seul l’artifice du contrat permet à l’homme de retrouver la solitude originelle de l’état de nature. Les libertins du Marquis

de Sade, au contraire, em appellent sans cesse à la violation du pacte social”.(Jallon: 87).

O pacto social, para Sade, não poderia ignorar a vontade do indivíduo em benefício do bem comum. Dai sua crítica a idéia de pacto social entre os homens, pois considera o pacto como algo construído apenas para atender os interesses dos poucos que o produziram.

O desafio consiste em propor leis que considerem os indivíduos e seu papel na sociedade. A idéia de pacto não prima por essa questão, propondo, ao contrário, a renúncia das vontades individuais. Aqui diz Sade, reside o verdadeiro erro das associações. Assim escreveu em *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice*:

“Je découvre d’abord la constance opposition del’intérêt particulier à l’intérêt general: je vois que si l’homme préfère l’intérêt general, et que, par conséquent, il soit vertueux, il sera très infortuné toute sa vie, et que si, au contraire, son intérêt particulier l’emporte chez lui sur l’intérêt général, il deviendra parfaitement heureux, si les lois le laissent en paix”.(O.C. T. VIII. p.181).

Ao enfatizar os interesses individuais, Sade evoca a liberação dos instintos, o que explica sua extrema determinação em trazer a tona na natureza, elementos que corroborem os ditames de uma razão livre.

As leis da natureza são evocadas pelo Marques como sendo as únicas a serem seguidas pela razão humana.

“Éclairé par une vérité qui ne trouve plus son origine dans la foi mais dans la raison et les lois de la nature, l’homme ne doit plus céder devant les arguments de la tradition et de l’autorité⁴⁵”.

Se Rousseau propõe a aniquilação das forças naturais, Sade ao contrário, as defende. Ora, o homem não poderia simplesmente se abster de suas vontades naturais em benefício de sua vida em sociedade. Mas era esse o preço da segurança, para conseguir viver com o outro. Dessa renúncia necessária aos interesses do indivíduo, que Sade insere a sua crítica.

Se em uma vida em sociedade, a noção de dever é determinante, na obra de Sade, a ênfase na liberdade natural do homem é uma contínua para conduzir as ações humanas.

Diante disso, Sade demonstra que a única moral possível é a de cada indivíduo; não cabendo lugar para contrato social entre eles. Mas dizendo isso, Sade parece se opor à vida civilizada; contudo, como procuraremos explicitar, propõe, quando defende a liberdade do indivíduo no espaço fechado, que suas vontades e seus instintos sejam reconhecidos, encontrando na natureza a verdade do homem.

Fica evidente que a força natural opõe a condição de ordem nas sociedades, porque ela não fica condicionada a nenhuma norma ou aparato político. Mas não deveria por isso ser aniquilada de uma vida civilizada, dado que não seria possível uma completa anulação dessas forças, mas antes, uma renúncia momentânea delas.

O ponto de partida para esse capítulo é o texto de Mônica Amaral⁴⁶: *A Ruptura do Pacto Social no Pensamento de Sade*, em que a autora examina as idéias de Sade expressas em *A Filosofia na Alcova*, debatendo-as com as teses de Rousseau expressas em seu *Contrato Social*.

A obra de Sade, de uma certa forma, expressa a necessidade do indivíduo saber lidar com suas próprias vontades, mesmo em uma vida civilizada. Não se trata, em uma palavra, de anular a maldade do homem em vista de uma posição virtuosa, de acordo com os ditames sociais. Mas sim, de saber lidar com essas vontades até então renunciadas; e do confronto delas com a vontade geral, uma outra revolta se faria presente.

Voltamos ao caráter dado por Sade no que se refere à Revolução. Ela deveria ser constante, como o movimento descrito por ele. Permanente luta, para associar forças antagônicas presentes na natureza humana.

Desse modo, o homem de esclarecimento, deveria também saber lidar com o mal de sua natureza, já que não bastam renúncias, pois

⁴⁵ C.f. Jalon, Hugues. *Sade. Le Corps constituant*. Paris: éditions Michalon, 1997.p.17.

⁴⁶ Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. *A Ruptura do Pacto Social no Pensamento de Sade*. In: Trans/form/Ação. Revista de Filosofia da Unesp. São Paulo: Unesp, 1980.

estariam, os instintos naturais, perdidos nos recônditos de cada um. Isso nos remete ao que escreveu Nietzsche⁴⁷ em um fragmento póstumo:

“Com cada crescimento do homem em extensão e altura, ele cresce também em profundidade e terribilidade: não se deve querer um sem o outro_ ou antes: quanto mais fundamentalmente se quer um, mais fundamentalmente se alcança o outro”.

Ou seja: não seria possível pensar no crescimento do homem, em seu aperfeiçoamento, considerando apenas o que é considerado bom, mas também, sua mesma porção do que é considerado mal.

Antes de tratarmos exatamente da crítica de Sade a idéia de pacto social, faz-se oportuno uma referência a história, para situar certos pontos da natureza humana que tanto Rousseau, quanto Sade, trataram em suas obras.

Os filósofos que examinaram os fundamentos de uma sociedade julgaram necessário, o fato de voltar ao estado de natureza, mas nenhum chegou até lá, tomando sempre o homem civilizado, como já dado pela natureza; ignorando assim o seu estado natural, sem os costumes, a moral, a religião e as leis.

⁴⁷ Nietzsche, F. Fragmento 9 (154), p.426 *In* KSA, vol.12. cit. Giacóia, p.173.

Rousseau foi o primeiro a dizer que a razão teria uma história, e o homem, em seu estado de natureza, em sua origem, tinha primeiramente a *perfectibilidade* e a *liberdade* que, sempre articulados, pressupunham o crescimento cumulativo do mesmo, com toda liberdade. Importante frisar aqui, que a passagem do estado de natureza para a cultura, feita pelo homem é considerada por Rousseau, não uma evolução, mas ao contrário, uma decadência do espírito humano.

O homem, tal como qualquer outro animal, permanece subordinado à natureza, porém, difere dos demais, por ter liberdade para concordar ou resistir; ou seja: tem a faculdade da razão para suas decisões. Principalmente, tem consciência de sua liberdade; mais ainda, tem outra faculdade que o diferencia dos demais em seu estado natural, é a capacidade de aperfeiçoar-se.

Ao buscar a perfeição, o homem traz para si os vícios e as virtudes, pois em seu estado original, (apesar de sua natureza ser boa, ele ainda não é um ser virtuoso); ele adquire os erros e as luzes, que fazem dele o próprio tirano de si e da sua própria natureza.

A origem da sociedade civil aconteceu com o advento do direito de propriedade privada, ou seja: quando um homem cercou um terreno e disse: _ Isso é meu! Exatamente quando este mesmo homem conseguiu convencer os outros de que aquilo era dele.

Esse poder, em conjunto com a riqueza, a condição e o mérito pessoal, seriam as distinções as quais as pessoas passariam a se medir em uma sociedade.

Sade habilmente afirma, que a lei do mais forte é o moto de um governo, que é uma quimera dizer que todos são iguais. Chega mesmo a descartar a compaixão e a piedade, seguindo à risca essa lei do mais forte sobre o mais fraco.

Pois se um homem é mais forte, não deve por isso ter compaixão pelo mais fraco, afinal não se trata em hipótese nenhuma de escolha. E vai mais além, quando quer colocar por terra toda possibilidade de filantropia em uma sociedade:

“A sociedade dos amigos do crime revela já no nome que é de sua essência a negação sistemática do filantropismo. (...) Sade faz seu herói, o libertino Dolmancé, explicar a Eugénie, filha da filantrópica mme. De Mistival, os motivos e conseqüências de uma boa ação: hipocrisia da parte dos benfeitores, corrupção moral e enfraquecimento do instinto de conservação da parte dos pobres”.⁴⁸

⁴⁸ C.f. Oehler, Dolf. *Chacina de Classes e Filantropia: Baudelaire e Sade. In: Quadros parisienses_ Estética Antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine (1830-1848)*. Trad. José Marcos Macedo e Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

Com o advento da civilização, o homem natural deixa de existir, dando origem a novas relações; e homens cada vez mais distantes da própria natureza.

O contrato foi feito para homens iguais; um modelo que busca teoricamente a organização social, conservando a liberdade individual.

Mas sua proposta considera uma sociedade no começo. E aqui se insere o primeiro conflito: supor homens iguais, considerando a declaração dos direitos humanos, quando na verdade, nos diz Sade, eles não o são.

O Marquês parece em várias passagens de sua obra aproximar-se do *Discurso Acerca da desigualdade dos homens* de Rousseau, no que se refere a visão negativa do discurso, em se tratando de como aconteceu a moralidade na origem da civilização.

Em outras palavras, na visão negativa de ver a mudança do homem em seu estágio animal para ser um homem civilizado, primando pelas inúmeras perdas resultantes dessa transformação em sua existência.

Mais ainda, Sade se aproxima do Discurso, quando Rousseau, no início desse texto, descreve dois tipos de desigualdades na espécie humana: uma de ordem natural ou física, determinada pela natureza; e uma outra de ordem moral ou política. Ou seja: de um lado a desigualdade do forte sobre o fraco, considerando a força física de ambos e de outro, o forte sobre o fraco, considerando o poder, o privilégio conseguido através de bens e do poder.

Essa desigualdade em Sade é acentuada, e considerada pelo Marquês como a verdade na natureza do homem, o que distancia seu pensamento das luzes do século XVIII; fortalecendo sua crítica a Declaração dos Direitos Humanos. Por isso, nesse ponto, Sade compartilha com o que escreveu o filósofo genebrino.

As desigualdades sociais não são explicadas pelas desigualdades naturais, dado que, em sua base o fundamento é diferente. O homem fraco fisicamente pode ser o mais poderoso e rico, e, portanto, o mais forte. Se ambas as desigualdades existem, devem, pois serem explicadas separadamente, cada uma a sua maneira, já que uma não pode explicar e nem mesmo fundamentar a outra.

O ponto de partida para um pacto seria considerar essa dupla desigualdade entre os homens. Não simplesmente supor homens iguais em direitos e deveres, como acreditava a declaração dos direitos humanos.

Sade escreve que isso é uma quimera, pois desconsiderar diferenças tão evidentes, seria esconder no cerne do pacto, uma verdade presente em todos os tempos.

“Ge suppose les hommes parvenus à ce point où les obstacles qui nuisent à leur conservation dans l'état de nature l'emportent, par leur résistance, sur les forces que chaque individu peut employer pour se maintenir dans cet état. Alors cet état orimitif ne peut plus subsister; et le genre

humain périroit s'il ne changeoit de manière d'être".(Rousseau, 1931:243).

Partindo do texto do filósofo genebrino, seria possível compreender onde se insere a crítica de Sade. Na passagem seguinte, acerca do estado civil, Rousseau apresenta claramente as substituições na vida de cada homem com o advento do estado civil:

"Ce passage de l'état de nature à l'état civil produit dans l'homme un changement très remarquable, en substituant dans sa conduite la justice à l'instinct, et donnant à ses actions la moralité qui leur manquait auparavant. C'est alors seulement que, la voix du devoir succédant à l'impulsion physique et le droit à l'appétit, l'homme, qui jusque-là n'avait regardé que lui-même, se voit forcé d'agir sur d'autres principes et de consulter sa raison avant d'écouter ses penchants. Quoiqu'il se prive dans cet état de plusieurs avantages qu'il tient de la nature, il en regagne de si grands, ses facultés s'exercent et se développent, ses idées s'étendent, ses sentiments s'ennoblissent, son âme tout entière s'élève à tel point que, si les abus de cette nouvelle condition ne le dégradent souvent au-dessous de celle dont il est sorti, il devrait bénir sans cesse l'instant heureux qui l'en arracha pour jamais et qui,

d'un animal stupide et borne, fit um être intelligent et um homme".(Idem: 246-247).

Evidenciamos acima que, com o advento do estado civil, o homem deixa certos aspectos de seu estado natural, para que pudessem dar lugar a novos elementos. Exatamente nesse momento, a moralidade se insere no universo do indivíduo, e noções de dever, obrigação e direito, tomam o lugar dos princípios naturais, que até então conduziam as ações humanas.

E descrevendo todo o esforço rumo ao esclarecimento, Sade opõe a todo despotismo e poder religioso vigentes, reconhecendo as desigualdades entre os homens, afirmando a revolução permanente como condição necessária para o homem sair de sua menoridade.

No texto, *Dialética do Esclarecimento*⁴⁹, em relação ao pensamento de Sade, Adorno e Horkheimer, o consideram juntamente de Kant e Nietzsche,

"Implacáveis realizadores do esclarecimento".E Sade, "proclama como natural a dominação dos mais fracos pelos mais fortes".E seu espírito, sempre hostil à toda autoridade, "quando ela não têm o poder de impor a obediência, e à força quando esta não é um fato".p.86

Pensar a força como um fato, é supor a força natural, nascida com cada indivíduo, mais precisamente, a força física, e não a força pelo poder ou aquela proveniente da quantidade de bens adquiridos. Nesse sentido, e somente nesse, o domínio do mais fraco pelo mais forte se torna compreensível e aceitável aos olhos de Sade.

“Les textes de Marquis de Sade annonceraient ainsi un modèle d’organisation de la vie sociale privée de finalité. Les auteurs de la dialectique de la raison voient même dans Sade la préfiguration de la culture de masse dont le sport continue l’une des manifestations les plus frappantes.” (Jalon: 112).

Em *La Philosophie dans le boudoir*,⁵⁰ Sade elabora uma crítica radical àquilo que une os homens:

- Parentesco;
- Amor;
- Amizade;
- Idéias religiosas.

⁴⁹ C.f. Adorno, Theodor W./ Horkheimer, Max. *Juliette ou Esclarecimento e Moral*. In: *Dialética do Esclarecimento- fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido A Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990

⁵⁰ Narra em sete diálogos a formação da jovem Eugénie, de quinze anos que, autorizada pelo pai, que também é um libertino, a viajar à casa de Madame de Saint_Ange para receber as instruções. Tem para isso pouco tempo_ dois dias. No entanto, a narrativa se desenvolve e se fecha em um único dia.

Esses quatro elementos vão sendo, no decorrer da narrativa, demolidos pelo sistema sadiano. Considerados absurdos enganadores de uma razão livre.

As noções de parentesco, nada mais são que imposições sociais. Não temos na natureza nada que possa comprovar essa noção. Do amor, Sade escreve se tratar de um véu enganador, que nada mais faz do que atravancar os ditames da razão em benefício de uma quimera.

A religião, tal como tratamos no capítulo dois deste trabalho, deveria ser abolida, por se tratar também de uma imposição do homem e para o homem, com o intuito de condicionar suas vontades, em crenças absurdas e mandamentos que não poderiam ser seguidos. Os costumes, do mesmo modo, nada mais seriam que imposições para uma vida em sociedade.

A idéia sadiana de localidade para crenças fundamenta a crítica de que não existem idéias que possam ser consideradas absolutas. Para isso, basta que voltemos um pouco a idéia de Sade para vício e virtude em uma sociedade.

As relações humanas, em seu contexto, são permeadas pela imoralidade, ocorrendo assim, uma ruptura a qualquer proposta de pacto social entre os homens; porque este interessa aos soberanos, e não ao indivíduo.

No universo dos personagens de Sade não existem soberanos, mas libertinos.

A idéia de pacto mascara a desigualdade entre os homens, por que dizer que todos nascem iguais é formular um grande paradoxo. O rico não será igual ao miserável, assim também acontece com o mais forte fisicamente, diante do mais fraco, como já descrevemos anteriormente. Por isso:

“As leis da sociedade são um logro”.(Moraes, 1992:102).

Sade escreve que as leis consideram somente os interesses do soberano. E são feitas por eles de acordo com seus interesses. Por isso, desconsideram os indivíduos, que depositaram neles toda confiança e consentimento para guiar sua vida em sociedade.

Em Rousseau, os homens são conduzidos a uma espécie de contrato social, que solucionaria o problema surgido pelo interesse da autoconservação, diante da necessidade de se preservar a liberdade de cada homem.

E aqui certamente se insere um conflito diante de duas situações: de um lado, o estado de natureza, onde os homens primavam pela perfectibilidade e sua liberdade, e por outro, a vida civilizada, pelo desejo de autoconservação e de manter sua liberdade. Como se fizesse um pelo outro. Por isso, se existe uma perda, existe também um ganho nesta passagem de estados.

O pacto social tem em sua base, cláusulas previamente admitidas e reconhecidas, até o momento de sua violação, onde a liberdade natural do homem é restabelecida no lugar da liberdade convencional.

O aparato moral e político do pacto, na interpretação sadiana, bloqueiam a imaginação⁵¹, e aqui fazemos um parêntese da importância desta faculdade na obra de Sade. Pois permite a transgressão sob o interdito que Sade vive, e através dela fica possível conceber todas as atrocidades descritas por ele, no interior da prisão, no interior de sua alcova.

O papel desempenhado pela imaginação no contexto sadiano é de suma importância para se compreender a obra Por que a imaginação, livre da religião e imune aos preceitos morais, encontra nas descrições extremas de busca ao prazer, como o grande primado da razão. Em outras palavras, a imaginação é a própria linguagem sadiana; onde o prazer, a sexualidade de cada indivíduo é aceita como a verdade⁵².

Por isso, não podemos esquecer que sua desenfreada busca, por trazer à tona aquilo a que os homens deixam sempre escondido, principalmente de si mesmos: a sexualidade humana, a verdade de cada um.

Livre de toda e qualquer arbitrariedade, a obra de Sade leva ao ápice a tentativa de esclarecer o homem de seu tempo, trazendo à luz todas as

⁵¹ Sobre a imaginação em Sade, vale ainda voltar ao capítulo 3 desse trabalho.

⁵² “sob a forma do horror, a imaginação procura resistir ao horror.” C.f. Adorno/ Horkheimer, Excurso II, op.cit. p. 107.

nuances da natureza humana: o egoísmo, os instintos e principalmente, o mal.

Se a obra tem algum elemento do pensamento das luzes, certamente, é a defesa de uma razão livre de qualquer imposição, colocando-se assim, na posição de esclarecedor, ou seja: uma obra que defende o esclarecimento, em detrimento de toda condição normativa. Por isso:

“As doutrinas morais do esclarecimento dão testemunho da tentativa desesperada de colocar no lugar da religião enfraquecida um motivo intelectual para perseverar na sociedade quando o interesse falha. Como autênticos burgueses, os filósofos pactuam na prática com as potências que sua teoria condena. (...) E a obra de Sade”, mostra o entendimento sem a direção de outrem...”“.

(Adorno/ Horkheimer, 1990:84-85).

A razão humana deveria assim estar condicionada a própria natureza do homem, e não a uma sublimação da dominação defendida no pacto.

E aqui surge uma interrogação: então o pacto não elimina a dominação, apenas a esconde. Dado que não acaba com a tirania entre os homens, mas ao contrário, a aumenta, com o desejo de poder diante dos

demais. E esconde também a desigualdade entre eles; dizendo serem todos iguais em direitos e deveres, tal como a Declaração dos Direitos Humanos. O pacto de certa forma descreve situações que apenas aparentemente deixaram de existir.

Assim, o que se deve verdadeiramente realizar na proposta de um pacto, é aceitar que o desejo de dominação sempre vai existir, bem como a desigualdade entre os homens em uma sociedade. Não seria mais possível ignorar essas verdades, mas antes, esclarecê-las e principalmente, criar mecanismos que conseguissem lidar com elas.

O espaço privado é proposto no contexto sadiano, como o lugar privilegiado para a transformação do corpo e da mente. Talvez fosse oportuno pensar essa transformação como liberação dos estágios outrora condicionados. Neste espaço, a imaginação se encontra desbloqueada, e cada um tem seu próprio poder sobre o corpo; podendo fazer dele o que quiser, sem o poder e a repressão do Estado.

A importância que Sade denota ao espaço privado não pode passar despercebida nesse estudo. Mas como necessidade em uma vida civilizada.

Realmente, existem elementos da natureza humana que não se devem fazer presentes em certos lugares⁵³ da sociedade. Mas nem por isso eles deveriam ser abolidos. No espaço privado não existem imposições. Ele

⁵³ Sobre isso, tratamos no capítulo 3 deste trabalho, quando da referência as casas destinadas a libertinagem; espaço então, para uma completa liberação dos intintos, das vontades permanecidas até então nos recônditos profundos de cada um.

permanece isento das exigências do mundo civilizado. Não existe repressão, mas ao contrário, liberação total dos instintos.

Quando falamos em repressão em Sade, trata-se de uma crítica a moralidade vigente, que sempre visa controlar os instintos humanos. Cabe aqui, a título de compreensão desse controle pela sociedade em dizer que Sade pagou com a própria liberdade, que tanto defendia, para descrever a maldade humana. Por mostrar que a maldade dos homens também faz parte de uma sociedade. E isso já fora salientado por Rousseau, conforme esta passagem de um artigo de Luc Ferry para o jornal O Estado de São Paulo:

“Rousseau⁵⁴, sempre pronto para apreender as rupturas da história, compreendeu-a e formulou-a um século e meio antes da psicanálise: ‘Homem, não procure mais o autor do mal, esse autor é você mesmo. Não existe nenhum outro mal a não ser o que você faz ou que você sofre e tanto um quanto outro vêm de você escreveu ele em *Émile*’.

⁵⁴ C.f. FERRY, Luc. O Diabo chega no Século 21 Deitado na Fama. In: Caderno 2/Cultura. O Estado de São Paulo, 01/04/01.

Mas foi Sade certamente, quem levou ao extremo a existência do mal na natureza do homem. E de uma forma bastante radical, em tom de revolta. Parecendo sempre se antecipar ao pior.

Desse ponto de vista, não podemos nunca julgar falta de coragem de Sade, em arcar com as conseqüências de seus escritos. E ele vai cobrar essa coragem de seus leitores, do homem de esclarecimento. Força, coragem, para enfrentar a todos e principalmente, si mesmo.

O objetivo está sempre no sujeito, em utilizar o próprio corpo na busca do prazer. Isso não de forma aleatória, mas ao contrário, com toda consciência de si e do corpo, sem o véu da moralidade social, sem valores.

Essa consciência de si mesmo e do próprio corpo, é o sentido da liberdade da razão, conseguida com o esclarecimento. Pois a consciência de si e do corpo, o prazer, que será sempre a busca dos libertinos, tem nessa busca toda liberdade, isenta de qualquer moralidade possível, porque a consciência de si permite ao sujeito essa liberdade.

Assim, omitindo dos homens a evidente desigualdade entre eles, o pacto edifica-se sobre uma igualdade aparentemente verdadeira, mas que em nada muda o desejo de dominação entre os homens.

A liberdade natural vale lembrar, conhece apenas limites na força do indivíduo, enquanto a liberdade civil, adquirida com o contrato, limita-se a vontade geral. Desse modo, a liberdade civil difere-se da natural, por que visa sempre o bem estar geral, e os interesses gerais nem sempre se identificam com os interesses de cada um.

É na sociedade, compreende Sade, que se afirma exatamente àquilo que se nega: a desigualdade entre os homens. No interior da alcova, o homem tem a sua verdade demonstrada explicitamente, focalizando o egoísmo e o prazer de cada indivíduo e as desigualdades existentes são salientadas.

Assim, a moralidade aceita por Sade é a de cada indivíduo, sendo difícil precisar quais atitudes humanas são consideradas criminosas. Pois aquilo que pode ser considerado crime em um lugar pode não ser em outro. O interesse de um homem pode não ser o mesmo de outro. E assim sucessivamente.

No discurso: *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*, Sade faz uma espécie de apelo ao antipacto. O prazer é elevado a ponto de ser o critério que coloca abaixo todos os outros objetivos.

“Dessa maneira, Sade introduz muito habilmente a filosofia política através da leitura do panfleto que provém do exterior. O artifício não somente corresponde a uma necessidade, como também serve a uma astúcia que, por um momento, nos desconcerta, a nós, leitores”.(Lefort, 1990:253-254).

Unindo prática e teoria, as transformações alcançam o corpo e a mente. Para Sade, as relações são diretas, e buscam sempre romper com

qualquer convenção que fundamente um pacto que apenas esconda as verdades existentes entre os homens.

Seu grupo não é condicionado pela sociedade. Ele não foi controlado pelas imposições sociais. Assim, as relações entre os homens são mais diretas, porque no interior da alcova, compartilham do mesmo objetivo.

No *Contrato Social*, Rousseau pressupõe que as forças naturais fossem aniquiladas. Sade, em contrapartida, considera que em nome da segurança o homem submeteu-se à lei, aceitou a renúncia, domesticou o corpo, condicionando sua existência às regras do bom convívio social. Mas esse é o comportamento de um homem fraco, que não suportou verdadeiramente os clarões do esclarecimento, que não ousou ir além.

Sade com seu materialismo, herdado dos principais filósofos do século XVIII, defendendo uma filosofia baseada na razão e na experiência, tendo como objetivo único e verdadeiro a natureza⁵⁵.

Assim, a moral pertence ao âmbito do arbitrário; conjunto a este está o pacto social, descrito para homens iguais. A moral impõe ao homem frear os seus impulsos naturais para viver em sociedade.

“Há na obra de Sade um profundo pensamento político, o da instituição revolucionária e republicana, na sua dupla oposição à lei e ao contrato. Mas este pensamento da instituição é irônico duma ponta à outra, porque sexual e sexualizado, erigido como provocação

⁵⁵ O homem deve entregar-se a natureza na busca do prazer, que em Sade confunde-se sempre com a verdade do homem.

contra toda a tentativa contratual e legalista de pensar a política”.(Deleuze, 1973:87).

Para Sade, o espaço público tem seu declínio exaltado, onde o verdadeiro agir do homem acontece no espaço privado. Esse espaço seria onde as forças morais, as leis e as convenções deixam de se impor, e a natureza é exaltada e mesmo levada ao extremo.

E mais uma vez, Sade vai ocupar uma posição bastante particular, quando de sua relação com o iluminismo, que defendia mudanças para o bom funcionamento do espaço público. Sade vai encontrar a verdadeira liberdade no espaço privado; mais ainda, vai dizer que a verdade da natureza do homem pode ser vivenciada no espaço privado.

Com a defesa do espaço privado, de sua importância para a vida em sociedade, em conjunto com o espaço público, cabe aqui uma referência ao texto de Hannah Arendt, quando escreveu em *A Condição Humana*⁵⁶:

“Somente na era moderna, em sua rebelião contra a sociedade, descobriu quão rica e variada pode ser a esfera do oculto nas condições da intimidade; mas é impressionante que, desde os primórdios da história até nosso tempo, o que precisou de ser escondido na privatividade tenha sido sempre a parte corporal da existência humana, tudo o que é ligado à necessidade do próprio processo vital e que, antes da era moderna,

⁵⁶ C.f. Arendt, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

abrangia todas as atividades a serviço da subsistência do indivíduo e da sobrevivência da espécie”.p. 82.

Sade acredita em uma educação nacional, que pudesse formar homens livres do preconceito e da superstição. Onde o egoísmo e o interesse próprio pudessem ser considerados condutores das ações humanas; em oposição às virtudes cristãs.

Em lugar da religião, uma razão livre de qualquer tentativa de normatividade. Uma educação que primasse pelo bom desenvolvimento do cidadão, sempre considerando, não somente a bondade e a virtude, mas também a maldade, o egoísmo e os instintos.

Seria possível, nos diz Sade, uma felicidade original e natural, conseqüente do bom funcionamento da máquina corporal. Mas ela acontece no espaço fechado.

A religião, como vimos anteriormente. deveria de uma vez por todas ser abolida, e em Sade essa atitude é desenvolvida com bastante furor. Porque a religião instaura o remorso, além de permanecer;

“Preenchendo de modo ilusório a lacuna entre o privado e público”.(Amaral, 1992:74).

Camille Paglia⁵⁷ em seu ensaio: *A Volta da Grande Mãe: Rousseau versus Sade*, nos diz que:

“Sade ataca a inclinação do cristianismo pelo fraco e marginalizado. Preservando os inferiores, a piedade cristã”
 perturba a ordem natural e perverte a lei natural’. A dominação é direito do forte. Contra Cristo e Rousseau, Sade diz que a benevolência e ‘o que os tolos chamam de humanidade’, ‘nada tem a ver com a natureza’, mas são ‘fruto da civilização e do medo’. O fundador do cristianismo era ‘um indivíduo fraco’ (...) Sade descarta a caridade cristã e a igualdade e fraternidade de Rousseau como ilusões sentimentais. Não há obrigações sociais ou morais para o filósofo: ‘Ele está só no universo’. Devido à sua concentração romântica no ego, os libertinos de Sade jamais permitem que o amor ou a amizade sobrevivam. A lealdade é um pacto temporário entre conspiradores criminosos.”p.223

A passagem acima ilustra o ponto de vista de Sade, que acaba por criticar os ideais defendidos na trilogia francesa: igualdade, fraternidade e liberdade. Não existe igualdade, nos dirá o autor de *Justine*, como já afirmamos aqui, quando de sua crítica a declaração dos direitos humanos. Fraternidade, não se poderia investir em algo que consumiria os esforços

⁵⁷ Paglia, Camille. *A Volta da Grande Mãe: Rousseau versus Sade*. In: *Personas Sexuais_ Arte e decadência*

de um pelo outro. E liberdade, como um homem pode se considerar livre diante de todas as adversidades e desigualdades existentes?

Estados quiméricos, propostas inexistentes em uma república.

Em Rousseau, sua veia iluminista o faz criticar os ideais do Cristianismo; já que o pacto social seria necessário por ser o único capaz de frear os impulsos naturais do homem. Sua religião seria feita com dogmas mais simples, e somente o necessário para a manutenção do pacto social.

Sade faz uma crítica à máxima do Cristianismo_ *“amarás o próximo como a ti mesmo”*. Pois para ele, o amor é ilusório e pedir que um homem ame ao outro como a si mesmo seria exigir que *“um exército se vestisse com uma farda talhada com a mesma medida”*. Ou seja: os homens não são iguais. Em *La philosophie dans le boudoir* ele escreve:

“Avons-nous jamais éprouvé une seule impulsion de la nature qui nous conseille de préférer les autres à nous, et chacun n'est-il pas pour soi dans le monde? Vous nous parlez d'une voix chimérique de cette nature, qui nous dit de ne pas faire aux autres ce que nous ne voudrions pas qu'il nous fût fait; mais cet absurde conseil ne nous est jamais venu que des hommes, et d'hommes, et d'hommes faibles. L'homme puissant ne s'avisera jamais de parler un tel langage. (...) La nature, notre mère à tous, ne nous parle jamais que de nous; rien n'est égoïste comme sa voix, et ce que nous y

reconnaissons de plus Clair est l'immuable et saint conseil qu'elle nous donne de nous délecter, n'importe aux dépens de qui".(O.C. T. III. p.448-449).

A porção de egoísmo de cada um, não permite que o amor a si mesmo seja levado a um outro na mesma medida. O homem de esclarecimento deveria ter consciência de que amar ao próximo, acreditar nesse mandamento seria aceitar uma fraqueza que não lhe interessa. Somente nas palavras de uma religião, esse amar ao próximo poderia ser possível.

E aqui podemos fazer um adendo ao papel do outro, que racionalmente não pode ser amado como a si mesmo. Mas antes, instrumento de busca ao prazer.

A figura do outro no contexto sadiano tem um papel completamente instrumental, ou seja: um objeto na busca do prazer; uma arma na condução do libertino em seus propósitos. Esse caráter material do outro e sua condição de objeto, parece subordinar esse à um outro, que de uma certa forma, se porta de maneira superior a ele. Eis aqui o movimento circular de toda obra sadiana.

Seja qual for a diferença entre fortes e fracos, de ordem física, social ou moral, todos, em um primeiro momento, no auge da volúpia, tem a mesma ascensão e queda. Igualdade de forças e mundos, que o libertino assiste de perto. O libertino chega mesmo a participar do ato na busca do

prazer, mas este é permeado de significações que fazem do outro, peça fundamental e completo objeto, de modo que, sua ausência acarretaria a negação do ato propriamente dito.

Como se fosse um jogo, essa busca pelo prazer, essa liberação dos instintos em uma república foi demasiadamente aclamada por Sade. Um jogo que o libertino, homem de esclarecimento e o outro, que pode muito bem ser alguém do povo, alguém que ainda não recebeu os clarões das luzes.

Basta que retornemos mais uma vez na passagem de *La philosophie dans le boudoir*, no fim do quinto diálogo⁵⁸, quando o panfleto revolucionário vai começar a ser lido e o cavaleiro tem que se retirar da sala, permanecendo do lado de fora até o término da leitura.

Os libertinos, todos eles, já estão iniciados na libertinagem, óbvio, mas o que difere eles dos demais, é exatamente esse estágio de *forte*, de livres de preconceitos e capazes de ultrajar qualquer tipo de condição normativa. São conscientes de que têm todos os direitos. E se alguém:

“Duvidar, mesmo que por um segundo, desse terrível privilégio, é logo rejeitado pelo rebanho e volta a ser vítima”. (Camus, 1990:59).

⁵⁸ Nesta fala de Madame De Saint-Ange, podemos confirmar essa proposição: “ Sors, Augustin: ceci n’est pas fait pour toi; mais ne t’éloigne pas; nous sonnerons dès qu’il faudra que tu repaisses.” C.f. Oeuvres complètes du Marquis de Sade, France: Jean-Jacques Pauvert. p.486. Essa passagem reforça o espírito de esclarecimento defendido no panfleto revolucionário, de modo que o ignorante Augustin, o objeto em questão não poderia estar presente. Como se fosse necessária uma preparação ou, em uma palavra, mais coragem para

Consciência de todos os direitos implica necessariamente liberdade sobre as dimensões do desejo. Primam para que consigam se organizar para esse propósito. E é exatamente nesse ponto, que se instaura a necessidade de estar preparado, para enfrentar a natureza do homem com a consciência plena de sua liberdade.

Essa relação consciente do libertino com o desejo confirma sua postura diante do outro e das imposições religiosas, visto que, não basta agir instintivamente, mas a consciência dessa atitude, do poder diante do próprio corpo; o ilimitado desejo conduzido pela razão emancipada;

“A liberdade ilimitada do desejo significa a negação do outro e a supressão da piedade”.(Idem: 60).

Com o panfleto revolucionário, Sade introduz o discurso político no interior da alcova, em uma tentativa de levar o verdadeiro esclarecimento para o republicano; demonstrando os ideais de revolução no âmago do espaço privado, para obter suas conseqüências no espaço público. Assim:

“Dissertation sur la religion et les mœurs, *Français, encore un effort si vous voulez être républicains* introduit, d’une façon surprenante, le discours politique dans l’intimité du boudoir. Pas question en effet de laisser cette Histoire em train de se faire aux

suportar as duras afirmativas do panfleto e encarar tudo não como uma queda na realidade, mas uma proposta de ascensão.

portes de l'antichambre: la Révolution doit entrer en scène et Sade profite habilement du repôs mérité de ses libertins pour apponter une contribution personnelle aux débats politiques du moment".(Jalon, 1997:35-36).

A revolução deveria estar presente em todos os lugares. Mesmo no espaço privado da alcova, deveria fazer entender os seus motivos. Esse movimento constante, de ultrapassar o até então proposto e aceito como exato e absoluto, se acentua no espaço fechado.

Com o panfleto, Sade chama todos os republicanos ao esclarecimento. O poder da retórica certamente é fundamental no curso desse projeto. Na leitura desse texto pelo filósofo Dolmancé, comprovamos essa afirmação. O texto é todo lido de maneira lógica: se a religião, por exemplo, deveria ser abolida, o próprio texto oferecia elementos para comprovar esta necessidade e anular qualquer perspectiva desta crença prevalecer.

Há no contexto sadiano um objeto central, um outro para quem tudo é realizado. Seu prazer e os meios pelos quais chegará a este é a preocupação dos demais membros dessa confraria. De um certo modo, o gozo é reservado. O outro como objeto de prazer não chega a termo. É somente objeto. Empresta de seu corpo o que pode ser necessário a um prazer que mesmo estando próximo a ele, não lhe pertence e não lhe é possível sentir.

Mas essa condição de objeto do outro, essa banalização diante de si mesmo, pode ser explicado pelo horror de Sade ao amor, que de certa forma poderia surgir dessas relações, mas principalmente, por ser um acontecimento natural, racional e instintivo, onde o prazer não pode ser compartilhado. Em suma, a figura do outro é parte de um sistema calculado de Sade.

“A negação dos parceiros é, segundo ele, a peça fundamental do sistema. Ele diz que, se o erotismo conduzir a uma harmonia, ele nega o movimento de violência e de morte que é um princípio”.(Bataille, 1957; 158).

Por isso o amor é enganoso, quando conduz o homem à cegueira em relação a seu objeto. Na base dessas relações, está o desejo e nada justifica o estabelecimento de laços eternos entre os homens. O desejo não justifica a eternidade, mas antes sua momentaneidade.

Antes de voltarmos a crítica de Sade ao pacto, devemos, após demonstrar o papel do outro na sociedade libertina, tratarmos de um assunto de suma importância para uma República e que Sade expressou sua concepção. Trata-se da pena de morte, que enumeramos aqui, dois motivos pelos quais Sade a condena:

1ª pela diferença entre a lei e a natureza humana_ que não tem os mesmos motivos, e por isso não podem ter os mesmos direitos; somente a natureza poderia destruir sua própria obra.

2ª o despropósito da pena de morte, porque pretende eliminar uma ação condenável, o assassinato, com outra. Cometendo assim o mesmo crime.

Na sociedade libertina, o outro tem importância no ato, mas não fica necessariamente suscetível ao esclarecimento. E a pena de morte, condenada, reserva sua defesa da vida e seu processo natural. Somente a natureza poderia encerrar um ciclo proposto por ela mesma, de criação e destruição.

Na alcova sadiana, longe de toda normatividade, o libertino:

“Pretende romper com todo e qualquer laço social. Na verdade, libertando o homem das falsas virtudes, dos preconceitos, vai convidá-lo ao crime. O outro deve apenas se constituir como condição de acesso ao prazer”. (Amaral, 1992: 78).

Os termos aos quais se coloca o pacto interessam apenas à classe dominante, e dizer que os homens são iguais, como já apreendemos, é uma farsa. A única moral aceita é a do próprio indivíduo, onde prevalece o interesse próprio, o prazer e o egoísmo de sua natureza. Dessa maneira:

“A liberdade do espírito nada pode propiciar ao homem sem a liberdade moral, e essa liberdade só pode ser adquirida por uma

mudança radical da *ordem social*⁵⁹, com a expulsão de tudo o que é arbitrário e a vitória da necessidade interior da lei”.(Cassirer, 1992:361).

Por isso, Sade defende relações mais diretas entre os homens. Assim, seus interesses seriam prontamente considerados, e os resultados tão prontamente estariam presentes. Se as leis deveriam considerar mais os indivíduos, a própria moral deveria sofrer mudanças. Por isso, a emergência da revolução, por isso o caráter enfurecido, quase como um grito, nas linhas de sua obra.

Em todo transcorrer de seus escritos, o Marquês proclama que nada pode separar o homem de sua natureza; que toda moralidade, e todos os preceitos religiosos primam sempre por deixar de lado a natureza humana, essa razão de todas as coisas.

Mas Sade defende que ela deve ser seguida em todas as etapas de um ciclo, mesmo na proposta de um pacto. Rousseau, ao contrário, considera o homem livre para se:

“Libertar das determinações de qualquer espécie de animalidade natural”.(Idem: 80).

A verdade é que, enfraquecendo o poder da igreja, a imaginação, sempre sedenta de subordinação, tem de buscar essa superioridade em

⁵⁹ Grifo nosso.

outro lugar. Sade dá a sexualidade esse papel superior, essa nova religião. Porque a sexualidade do indivíduo era o fator mais atingido pela moralidade social, e também, mais uma vez, Sade utiliza-se do *furor* característico dos libertinos do seu século, para atingir o despotismo de seu tempo, em um combate contínuo, em defesa da liberdade do indivíduo.

Assim, tocando no mais sublime e delicado ponto da natureza humana, Sade construiu sua filosofia e pagou com própria liberdade, o fato de defender (claro, do modo mais violento possível), a liberdade de cada homem.

Pois o autor de *Les 120 Journées*, citando aqui uma passagem do livro de Luiz Roberto Monzani, ⁶⁰*Desejo e Prazer na Idade Moderna*:

“Não só denuncia todas as violências e imposturas que a sociedade perpetra com relação aos indivíduos, como vai até a denúncia do pacto social enquanto tal. Não opõe, a um modelo de sociedade, um outro. Denuncia a sociedade enquanto ela, qualquer que seja, opera esse sufocamento. Não se trata, nunca, em Sade, de propor um outro modelo de sociedade que escape disso. Isso é impossível. O que proporá é um *modo de vida* que chega nas franjas do anarquismo, se é que não está nele”.(Monzani, 1995: 236).

Seguindo essa proposta, a semelhança de Sade com o anarquismo, evidencia-se quando, no espaço fechado de sua alcova, uma comunidade se forma seguindo interesses comuns, em substituição ao poder do Estado, que seria, do lado de fora, o grande inimigo da natureza humana.

O ideal revolucionário do panfleto político de Sade, sugere uma revolução contra todo poder coercitivo do Estado; e sua confraria de libertinos, juntaram-se para realizar exatamente o que o Estado reprimia.

E realizando a vontade individual, os libertinos conseguiram no espaço privado, defender-se de toda coerção praticada pela vida em sociedade.

E mesmo dentro do anarquismo, a ambigüidade sadiana parece se fazer presente, se tomarmos sua obra diante do anarquismo de direita e seu oposto. Da esquerda, Sade certamente confirma a posição diante da luta contra o poder, e os benefícios conferidos pelos interesses de classes; ma em igual medida, enfatiza seu propósito de defender a liberdade do indivíduo.

Rejeitando qualquer tipo de dependência entre os indivíduos, a saber, a compaixão, a caridade, a fidelidade, a solidariedade e a fraternidade; Sade concebe um indivíduo com um ateísmo radical e um individualismo extremo. Ou seja: sem o amor e a fé num ser superior, como seria possível a condição humana.

⁶⁰ C.f. Monzani, Luiz Roberto. *Desejo e Prazer na Idade Moderna*. Campinas: editora da Unicamp, 1995.

Acentuando o caráter positivo da revolução, Sade enfatiza sua necessidade como algo realmente importante para uma República. Por isso, seu propósito em denunciar as atrocidades de um governo desgastado pelos erros de seus déspotas.

Na mesma posição de tirano, Sade demonstra aos cidadãos franceses a verdadeira face do governo de sua época. Desse modo, para ele:

“ La Revolución, em otras palabras, actúa en nombre del bien. Pero el mal_ Sade lo sabe_ puede estallar de un momento a otro. La Revolución no destruye a los gérmenes del mal. Es entonces preciso hacer estallar todo el mal posible, para liberarse de él.” (Dalmasso, 1983:141).

Da revolução constante que Sade evoca aos republicanos, do esforço que clama rumo ao verdadeiro esclarecimento, surge uma nova concepção de homem: um homem forte, que tem total consciência de sua natureza e principalmente de seus instintos.

Não cabe a ele esconder os elementos de sua natureza, que não convergem com os interesses da sociedade, mas sim, saber lidar com eles da melhor maneira. Por isso:

“El ciudadano revolucionario, vive únicamente en el movimiento de supresión de Dios, de este fantasma de la propia

carencia. Todo esto es generador de moral _ en este texto, a diferencia de otros, Sade parece proponer una moral revolucionaria_ y es construcción de una república determinada íntegramente por tal movimiento, hasta el punto de poder garantizar contra las contradicciones del funcionamiento social.” (Idem: 118).

Assim, anulando a idéia de Deus, toda a moralidade existente então como absoluta, tem sua estrutura abalada. Sade propõe definir a moral como mais uma das imposições que a civilização impõe ao homem.

E assim como as idéias de vício e virtude, bem e mal são consideradas por ele como idéias locais, com a moral acontece da mesma maneira. Em *La Nouvelle Justine* Sade coloca:

“La morale, je le répète, est donc inutile au bonheur: je dis plus, elle y nuit, et ce ne sera jamais qu'au sein de la corruption la plus étendue et la plus générale, que les individus, comme les sociétés, trouveront la plus forte dose possible de félicité sur la terre.” (O.C. T.VII.p.35).

Com a crítica ao pacto social, Sade propõe denunciar o erro, o caos que permeava toda manifestação de autoridade. Se a religião era detentora de poder em seu século, Sade percorre seus corredores para denunciar as atrocidades dessa autoridade absurda.

Se a moral defendida combatia a natureza humana, os costumes e o pacto que primava pelo bem dos soberanos, Sade foi também em seus domínios para denunciar suas imperfeições que, ou teriam de ser abolidas ou reformuladas, como o caso do pacto social.

Na passagem⁶¹ a seguir, podemos apreender a figura do Marquês, como espírito representante da revolução.

“Denunciar as ilusões e a potência da autoridade tornou-se a meta do espírito negativo nascido na Revolução Francesa; foi uma determinação, nas palavras de Hegel, de expulsar ‘o senhor que habita em nosso interior’. Essa determinação de não se deixar enganar pelas aparências das autoridades pode ter o efeito paradoxal de estreitar o vínculo entre senhor e escravo”.(Sennett, 2001:254).

Na tarefa de denunciar as atrocidades de uma república, Sade certamente foi uma figura importante. E se há ainda um certo temor de suas palavras, isso se deve ao furor, a uma raiva incontida expressa em toda obra. Revolta pelas injustiças, por conhecer os meandros errôneos das instituições que tanto pregavam o bem e a virtude.

Contra toda manipulação de um Estado totalitário, sua obra investiu fortemente em uma batalha que custou a própria liberdade de seu autor. Nessa passagem de *Aline et Valcour* ele escreveu:

“J’ai toujours observe que les gens prompts à soupçonner um certain genre de crime sont ceux qui s’y adonment eux-mêmes; il est facile de concevoir ce qu’on admet, mais il n’est pas si facile comprendre ce qui vous rípugne”.(O.C. ed.1835,T.IV. p149).

Do interior da prisão, o Marquês se propôs demonstrar os erros de uma sociedade, que mesmo um governo que se mostrava correto, cometia atrocidades, injustiças. Talvez pelo impulso de ver ainda em vida as mudanças necessárias para um governo.

O esclarecimento que tanto defendeu, deveria abranger não somente as evoluções morais do indivíduo, por isso a necessidade de se reformular as leis. Porque para Sade:

“O esclarecimento não é tanto um fenômeno espiritual quanto social. Ele aprofundou a dissolução dos laços (...) isto é, à critica à solidariedade com a sociedade, as funções e a família, até o ponto de proclamar a anarquia. Sua obra desvenda o caráter mitológico dos princípios nos quais, segundo a religião, se funda a civilização: do decálogo, da autoridade paterna, da propriedade”.
(Adorno/Horkheimer, 1990:109).

⁶¹ C.F. Sennett, Richard. *Autoridade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Anunciando uma possível anarquia, o Marquês assume, no papel de um tirano, a posição de defensor da liberdade humana, utilizando-se da dominação, da qual o indivíduo, em todos os tempos não conseguiria livrar-se. E aqui voltamos mais uma vez ao texto de Richard Sennett:

“A dominação é uma doença necessária de que padece o organismo social. Está embutida na cadeia de comando. A cadeia de comando é uma arquitetura de poder que prejudica intrinsecamente as necessidades e desejos de alguns, submetidos a vontade de outros. Não há meios de curar essa doença, podemos apenas combatê-la. Pode haver vitórias parciais importantes; é possível estruturar a cadeia de comando para que os controles não sejam onipotentes e universais”. (Sennett, 2001:251).

Cabe aqui, voltar um pouco mais ao texto ponto de partida desse capítulo, onde Mônica Amaral analisa a crítica de Sade a idéia de pacto social, descrita por Rousseau no Contrato Social. Quando trata de Sade e Rousseau no contexto do século XVIII ela escreve:

“La Mettrie salienta as diferenças entre prazer e virtude, sem, no entanto, excluir totalmente esta última, tal como propõe o Marquês de Sade”. (Amaral: 1980:80).

Nesta passagem, não encontramos valoração da virtude em Sade, não há um acordo para tudo o que existe. Mas se voltamos aos infortúnios sofridos pela virtude, e ao texto de Mandeville, não restam dúvidas quanto à consideração por essas duas antíteses feita pelo Marquês.

O que há em sua obra, certamente, é a linguagem do mal, a denúncia das atrocidades dos tiranos feitas com as mesmas armas.

Em alguns momentos da obra, Sade parece mesmo defender o vício em detrimento da virtude, mas encontramos, principalmente quando trata vício e virtude em uma sociedade, que o Marquês encontra tanto na virtude quanto o vício, elementos importantes na vida do indivíduo.

Não se trata, afirmamos uma vez mais, de uma apologia ao vício, mas o reconhecimento deste com a virtude. De modo que, um não pode sobreviver sem o outro.

Se nos *Infortunes de la Vertú*, Sade parece defender uma contrapartida para os sofrimentos da virtuosa *Justine*, não é propriamente para defender o vício, mas enfatizar que não é somente da ingenuidade e da virtuosidade de alguns que uma sociedade se constitui. Desse modo, quando trata das prosperidades do vício, a audaciosa *Juliette* encontra mais facilmente o caminho da riqueza e da luxúria, demonstrando a relevância do vício.

Na proposta de uma revolução constante, de um permanente descontentamento diante do poder religioso e de todo despotismo, Sade defende o indivíduo diante do interesse geral, evoca cidadãos, constantes

na busca do esclarecimento, frente a revolução que deveria ser constante, em oposição a toda inércia e contentamento do homem. Por isso o espaço sadiano:

“ Est un état d'insurrection permanente, à la façon dont la nature serait un état de création ininterrompue. Elle suppose une agressivité incessante chez les citoyens, um effort continuel, comme l'indique le titre. Les regimes où la majeure partie de la population est passive, se maintiennent grâce à la paresse est à l'inertie du peuple.” (Delon, 1988:222).

Nesse sentido, a revolta se instala, diante do contentamento do indivíduo frente a todo despotismo, da autoridade permeada de atrocidades. Por isso, o esforço, a exigência de homens fortes, para anular esse estado de inércia diante da verdadeira necessidade de se revoltar contra toda manipulação, denunciada por Sade como errônea.

Os libertinos de Sade lutam com as mesmas armas, diante da autoridade que permanecia do lado de fora da alcova. Ou seja: utilizando a linguagem do tirano, o libertino combate a tirania com sua própria articulação.

A reivindicação predominante, que certamente um pacto deveria concordar, era diante da liberdade de cada indivíduo. Liberdade essa que, mesmo sendo encontrada no interior das alcovas, não permitiria mais o condicionamento das vontades humanas.

Desse modo, a vida em sociedade consideraria a liberdade de cada indivíduo, encontrando uma maneira de conviver com os elementos antagônicos da natureza humana, que por vezes contrariavam os objetivos de um Estado.

Embora seja uma tendência igualar o vício à virtude, isso não impede o Marquês de, vez por outra, fazer o vício triunfante, como, por exemplo, a trajetória de *Juliette*.

As leis, da forma como foram concebidas, privilegiavam os soberanos, não deixando para um espírito que necessitasse da revolta, outra alternativa a não ser cultivar a tirania entre os homens. E Sade enfatizou essa alternativa, ao utilizar a própria linguagem do tirano para organizar os libertinos.

No interior da alcova, Sade submete a lei à transgressão, evocando a soberania da lei natural, diante do interesse de um estado despótico.

O objetivo por certo é em torno do bom funcionamento do corpo, e dos interesses do grupo ali reunido, seguindo uma ordem concordada por todos. Isso se fundamenta se pensamos nos *120 Journées*, onde, uma das exigências é não tratar de religião, e se fosse encontrado ali qualquer manifestação nesse sentido, a punição seria inevitável. Assim,

“A ordem é necessária à luxúria, isto é, à transgressão; a ordem é precisamente o que separa a transgressão da contestação. Isso vem de ser a luxúria um espaço de troca: uma prática por um

prazer; os 'transbordamentos' devem ser rentáveis; é preciso então submetê-los a uma economia, e essa economia tem de ser planejada". (Barthes, 1990:149).

As personagens de Sade retratam sempre, cada qual a sua maneira, o descontentamento diante de uma sociedade corrompida. Para isso, necessitam de uma ordem pré-estabelecida, com a concordância de todos os membros do espaço fechado.

Voltando aqui a grande heroína de Sade, *Justine* que, sendo a figura da virtude, remete a uma necessária presença do vício para tornar-se compatível com a vida em sociedade. Então:

"Justine serve a Sade como a metáfora do homem que, nutrido pelos bons princípios, vê-se diante da condição de negá-los um a um, em face da exigência de conservação do pacto social".(Giannattásio, 2000:107).

O projeto sadiano se realiza, enquanto rompe com as imposições sociais, primando e obedecendo a lei do desejo. E essa lei não conhece imposições, a não ser as da própria ordem em que os libertinos se submetem para alcançar o fim comum.

A posição do libertino diante da moralidade é a de uma revolta permanente. Toda manifestação de autoridade alterava a liberdade natural

de cada um, por desconsiderar a vontade natural, em nome da conservação e da segurança oferecida pelo corpo social.

Sade nos leva a questionar se o preço dessa segurança não acarretaria mais problemas para o indivíduo, que em nome da vida social, se viu obrigado a renunciar a sua natureza.

A resposta que ele mesmo nos oferece, é de que não se pode aniquilar a vontade humana, não se deve suprimir a liberdade do homem. Se o homem é bom, ele é em igual medida mal, e deve por isso saber lidar com suas vontades, não somente primando pelo caminho da virtude, mas sabendo a verdade de sua natureza. Pois, se o mal existe na natureza deve, em conjunção com o bem, fazer parte da vida do indivíduo.

A posição revolucionária de Sade diante das leis impostas permeia todas as linhas de sua obra; o que nos explica todo o movimento de seus escritos. A revolução deveria acontecer constantemente. Evocando a liberdade dos instintos, Sade cria um mundo utópico, no sentido de não realizável, para criticar, combater as normas e credulidades de todas as imposições sociais.

O indivíduo, na sociedade sadiana, tem todos os direitos, e o mundo que rodeia sua alcova, oferece apenas elementos para a elaboração de suas inúmeras críticas. De modo que:

“A sociedade, construção artificial, limita-se ao papel de máquina repressiva, ignorada pela natureza e desprezada pelos mais

fortes. O homem abandonado à natureza não conhece qualquer freio, não respeita qualquer das regras humanas; as conveniências parecem-lhe ridículas, as virtudes são os vícios e os crimes são as virtudes. A sã filosofia manda que se cultive as inclinações mais perversas, pois só na desordem reside a felicidade".(Nogaret, 1991:292).

Por isso, a crítica sadiana à idéia de pacto é uma crítica as normas sociais, e é exatamente diante de toda imposição, que reside sua maior crítica; pois ao enfatizar o aniquilamento das vontades humanas em benefício do bom andamento da máquina social, o pacto ignora a verdadeira natureza do homem, escondendo dele sua verdade, em defesa da vontade geral.

Sade indubitavelmente descreveu em sua obra, uma crítica severa diante de tudo aquilo que contrariava a natureza humana. Se o mundo descrito por ele não poderia se tornar real, sua crítica incita uma reflexão na composição de um pacto, que pudesse considerar a vontade de cada um.

Diante da idéia de pacto descrita pelo filósofo genebrino, podemos dizer, que se trata de um embate de teorias utópicas, visto que, não poderiam se fazer valer nas sociedades modernas.

Com Sade, a crítica a toda moralidade, toda ênfase no aniquilamento das vontades humanas é levada ao ápice. Lutou com todas as forças diante das imposições. Poderia certamente ter desistido, ou ao menos, ter

elaborado uma crítica mais amena aos olhos de seus inimigos; se não o fez, foi certo que seu grito de revolta, resume seu desespero em defesa da vida, da liberdade de cada um diante da sociedade. Por isso:

“Se hoje o homem normal penetra profundamente na consciência do que significa, *para ele*, a transgressão, é que Sade preparou os caminhos. Agora o homem normal sabe que sua consciência devia se abrir ao que o revoltara mais violentamente: o que mais violentamente nos revolta está em nós”.(Bataille, 1987:185).

Se suas incansáveis cenas de libertinagem causam mal estar em alguns leitores, é importante colocar que Sade, com sua filosofia de combate, e sua utopia fechada na alcova, oferece ao debate filosófico, subsídios para uma reflexão, que não podem permanecer alheios a ele.

Referências Bibliográficas

Faremos uso da edição das Oeuvres Complètes du Marquis de Sade (Paris, Pauvert, 1986-1991 -).

(15 vols.).

Tome Premier. Les cent ving journées de Sodome. - Cinq écrits de jeunesse. - Quatrième cahier de notes ou réflexions. - Lettre d'Étrennes à Mademoiselle deRousset. - Dialogue entre um prêtre et um moribond. - Pensée. - Fragments du portefeuille d'in homme de lettres. - La Vérité.

Tome Deuxième. Historiettes, contes et fabliaux. - Projets et plans. - Les Infortunes de la vertu. -

Eugenie de Franval.

Tome Troisième. Justine, ou les Malheurs de la vertu. - Opuscules politiques. - La Philosophie dans

Le boudoir. - Cent onze notes pour la Nouvelles Justine.

Tome Quatrième. Aline et Valcour 1.

Tome Cinquième. Aline et Valcour 2.

Tome Sixième. La Nouvelle Justine 1.

Tome Septième. La Nouvelle Justine 2.

Tome Huitième. Histoire de Juliette 1.

Tome Neuvième. Histoire de Juliette 2.

Tome Dixième. Préface à Pauline et Belval. - Lettres à des journaux. - Les crimes de l'amour. - Projet d'avertissement. - L'Auteur des Crimes de l'amour à Villeterque. folliculaire.

Tome Onzième. Notes littéraires, - Couplets et Pièces de circonstance, - Notes pour les Journées de Florbelle, - Journal de Charenton, - Lettres de Charenton et Testament, - La Marquise de Gange.

Tome Douzième. Histoire secrète d'Isabele de Bavière, reine e France. - Adélaïde de Bruaswick, princesse de Saxe.

Tome Treizième. Théâtre I. - Le Philosophe soi-disant. - Le Mariage du siècle. - Jeanne Laisné. - Le Boudoir. - Les Jumelles. - Tancrede. - Le Capricieux. - L'Égarement de l'infortune.

Tome Quatorzième. Théâtre II. - Les Antiquaires. - L'Union des Arts (Euphémie de Melun, Le Suborneur, Azélis, La Tour enchantée). - Fanni. - Sujet de Zélonide. - Sophie et Desfrancs. - Henriette et Saint-Clair.

Tome Quinzième. Théâtre III. - Ernestine. - Oxtiern. - Le Prévaricateur. - Franchise et Trahison. - La Fête de l'Amitié. - Dossier.

Outras obras:

- ADORNO, Theodor W. / HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento-fragmentos filosóficos. Trad. Guido A. Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- AIRAKSINEN, Timo. The Philosophy of the Marquis de Sade. London: Routledge, 1995.
- ALEXANDRIAN. História da Literatura Erótica. Trad. Scherer, Ana Maria & Mello, José Laurêncio. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira. A Ruptura do Pacto Social no Pensamento de Sade. In: Trans/Form/Ação – Revista de Filosofia, vol. 15. São Paulo: Unesp, 1992.
- ANÔNIMO. Teresa Filósofa. Trad. Carlota Gomes, Porto Alegre: L&PM, 1991.
- BARGUILLET, Françoise. Le Roman au XVIIIe Siècle. Paris: Presses Universitaires de France, 1981.
- BARTHES, Roland. Sade, Fourier, Loyola. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. Trad. J. Guinsburg; Revisão de Alice Kioko Miyashiro, 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- BATAILLE, Georges. La Littérature et le mal. Paris: éditions Gallimard, 1957.
- BATAILLE, Georges. L'Erotisme. Paris: les éditions de Minuit, 1957.

- BEAUVOIR, Simone. Deve-se Queimar Sade? In: Novelas do Marquês de Sade, Trad. Augusto de Souza, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- BLANCHOT, Maurice. Lautréamont y Sade. Trad. Enrique Lombera Pallares. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BORGES, Augusto Contador. A Revolução da Palavra Libertina. Posfácio de A Filosofia na Alcova, Trad. Augusto Contador Borges, São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BRAMLY, Serge. O Terror na Alcova. Trad. Irene Cubric, Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BRETONNE, Retif de La. Anti-Justine. Trad. Marina Appenzeller, Porto Alegre: L&PM, 1991.
- BROMBERT, Victor. La Prison Romantique Essai sur l'imaginaire. Paris, Librairie José Corti, 1975.
- CAMUS, Albert. O Homem Revoltado. Trad. Valerie Rumjanek. 2ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CASSIRER, Ernst. A Filosofia do Iluminismo. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: editora da Unicamp, 1997.
- CHAUSSINAND, Nogaret Guy. Sade Terá Existido? In: Amor e Sexualidade no Ocidente. Introd. de Georges Duby, Trad. Ana Paula Faria, Portugal: Terramar, 1991.
- DALMASSO, Gianfranco. La Política de lo Imaginário Rousseau/Sade. Trad. René Palácios More. Madrid: Ediciones Encuentro, 1983.

- DARNTON, Robert. O Grande Massacre dos Gatos – e outros episódios da história cultural_ Francesa. Trad. Sônia Coutinho, Revisão técnica. Ciro Flamarion Cardoso, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DELEUZE, Gilles. Sade-Masoch. Trad. José Martins Garcia, Lisboa: Assírio & Alvim, 1973.
-
- DIDIER, Béatrice. La Littérature de la Révolution Française. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- DIDIER, Béatrice. Sade. Trad. Hugo Martinez Moetezuma. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- EHARD, Jean. Sade Démographe *In: L'invention Littéraire au XVIII^e siècle: Fictions, idées, société*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- FINK, Beatrice C. Ambivalence in the Gynograph: Sade's Utopian Woman *In: Women and Literature*, vol. VII, n° 1. New Jersey: Rutgers University, New Brunswick, 1979.
- FINK, Beatrice C. Narrative Techniques and Utopian Structure in Sade's Aline et Valcour *In: Science-Fiction Studies*, vol. VII, part. 1, Montréal, 1980.
- FLAKE, Otto. Le Marquis de Sade. Trad. Pierre Klossowski. 4ª ed. Paris: éditions Bernard Grasset, (s.d.).
- GHIRALDELLI Júnior, Paulo. O Corpo de Ulisses: Modernidade e Materialismo em Adorno e Horkheimer. São Paulo: editora Escuta, 1996.
-

- GIANNATTÁSIO, Gabriel. Sade: Um Anjo Negro na Modernidade. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GORER, Geoffrey. Vida e Ideas del Marqués de Sade. Trad. Estela Canto. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1969.
- GOULEMOT, J.-M. Lecture Politique d'Aline et Valcour in: Le Marquis de Sade: Actes du colloque d'Aix-en Provence. Paris: A. Colin, 1968.
- GREGORY, Tullio. Genèse de la Raison classique de charron à Descartes. Trad. Marilène Raiola. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- GROETHUYSEN, Bernard. Philosophie de la Révolution Française, precede de Montesquieu. Paris: Gallimard, 1956.
- HAZARD, Paul. O Pensamento Europeu no Século XVIII. (de Montesquieu a Lessing). Trad. Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1989.
- HEUMAKERS, Arnold. Sade, Um Libertino Pessimista In: De Safo a Sade – Momentos na História da Sexualidade. Org. Jan Bremmer, Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Papirus, 1995.
- KHEL, Maria Rita. Cinco Propostas sobre Filosofia Libertina e uma sobre Assédio Sexual In: Libertinos Libertários, Org. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- KLOSSOVSKI, Pierre. Sade – Meu Próximo - precedido de O Filósofo Celerado. Trad. Armando Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- KOSSOVITCH, Elisa Angotti. Don Juan e Sade – Sedução e Perversão na Escritura. In: A Sedução e suas Máscaras – Ensaio sobre Don Juan, Renato Janine Ribeiro (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- LE BRUN, Annie. Un Théâtre Dressé sur Notre Abîme. In: Magazine Littéraire, Janvier, Paris: 1991.
- LEFORT, Claude. Sade: O Desejo de Saber e o Desejo de Corromper In: O Desejo. Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
-
- LELY, Gilbert. Sade Etudes sur Savie et sur son Ouvre. Paris: éditions Gallimard, 1967.
- LÖWY, Michael. A Estrela da Manhã: surrealismo e marxismo. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MATTOS, Luis Fernando Franklin. O Filósofo e o Comediante ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MONZANI, Luiz Roberto. Desejo e Prazer na Idade Moderna. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- MONZANI, Luiz Roberto. Origens do Discurso Libertino In: Libertinos Libertários. Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MORAES, Eliane Robert. Marquês de Sade – Um Libertino no Salão dos Filósofos. São Paulo: Educ, 1992.
- MORAES, Eliane Robert. A Felicidade Libertina. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- MORAES, Eliane Robert. Sade: O Crime Entre Amigos In: Libertinos Libertários. Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- NUNES, Danilo. A Bastilha e a Revolução. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- NUÑO, Juan. La Revolución y el Divino Marqués. In: Fim de Siglo – Ensayos. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- OEHLER, Dolf. Chacina de Classes e Filantropia: Baudelaire e Sade. In: Quadros Parisienses – Estética Antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine (1830-1848). Trad. José Marcos Maredo e Samuel Titan Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PAES, José Paulo. Erotismo e Poesia: dos gregos aos surrealistas. In: Poesia erótica em tradução. Seleção, tradução, introdução e notas J. Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PAGLIA, Camile. A Volta da Grande Mãe – Rousseau versus Sade. In: Personas Sexuais – Arte e Decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PAZ, Octávio. Um Mais Além Erótico: Sade. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.
- PEIXOTO, Fernando. Sade – Vida e Obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PINTO, Manuel da Costa. O Pensamento do Meio-Dia. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 nov. 1996. Mais!, p. 10.
- PRADO, Jr. Bento. A Filosofia das Luzes e as Metamorfoses do Espírito Libertino. In: Libertinos Libertários, Adauto Novaes (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- PRADO, Raquel de Almeida. Ética e Libertinagem nas Relações Perigosas.
In: *Libertinos Libertários*, Adauto Novaes (Org.). São Paulo:
Companhia das Letras, 1996.
- PRAZ, Mario. The Shadow of the Divine Marquis. In: *The Romantic Agony*.
Translated Angus Davidson, second edition, New York: Oxford
University Press, 1951.
- RAYMOND, Marcel. De Baudelaire au Surréalisme. Paris: Librairie José
Corti, 1972.
- REALE, Giovanni Antiseri Dario. História da Filosofia vol. II – Do
Humanismo a Kant. 3ª edição, São Paulo: Paulus, 1990.
- RIBEIRO, Renato Janine. Literatura e Erotismo no Século XVIII Francês.
In: *Libertinos Libertários*, Adauto Novaes (Org.). São Paulo:
Companhia das Letras, 1996.
- ROGER, Philippe. Sade: La Philosophie dans le Pressoir. Paris: éditions
Bernard Grasset, 1976
- ROUANET, Sérgio Paulo. O Espectador Noturno – A Revolução Francesa
através de Rétif de La Bretonne, posfácio de Renato Janine Ribeiro.
São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ROUANET, Sérgio Paulo. O Desejo Libertino Entre o Iluminismo e o
Contra-Iluminismo. In: *O Desejo*, Adauto Novaes (Org.). São Paulo:
Companhia das Letras, 1990.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Dilemas da Moral Iluminista. In: *Ética*, Adauto
Novaes, (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- ROUANET, Sérgio Paulo. O Mal-Estar na Modernidade: Ensaios. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. O Contrato Social e Outros Escritos. Introd. e trad. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Cultrix, 1965.
- SAINT-JUST, Louis Antoine Léon. O Espírito da Revolução. Trad. Lídia Fachim, Maria Leticia G. Alcoforado. São Paulo: Unesp, 1989.
- SARTRE, Jean-Paul. A Imaginação. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).
- SENNETT, Richard. Autoridade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Aguinaldo. Sade: A Solidão Pública. Introdução de A Filosofia Na Alcova. Brasília: Coordenada Editora, 1968.
- SOLLERS, Philippe. Sade Contra o Ser Supremo precedido de Sade no tempo. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- STAROBINSKI, Jean. Le Remède dans le Mal critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières. Paris: éditions Gallimard, 1989.
- STAROBINSKI, Jean. Jean Jacques Rousseau – A Transparência e o Obstáculo seguido de Sete Ensaios Sobre Rousseau. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- STAROBINSKI, Jean. A Invenção da Liberdade. Trad. Fulvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

THOMAS, Donald. Marquês de Sade – O Filósofo Libertino. Trad. Múcio Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

VIGNOLES, Patrick. A Perversidade – Ensaios e Textos. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1991.
